

Monsenhor **TIHAMÉR TÓTH**

A RELIGÃO E A JUVENTUDE

2ª Edição

Reformatado by:

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

EDITORA SCJ
T A U B A T É
Estado de São Paulo

IMPRIMI POTES

Taubaté, die 8 Decembris 1951

P. Gerardus Claassen SCJ

Praep. Prov. Bras. Merid.

NIHIL OBSTAT

Taubaté, die 8 Decembris 1951

P. Theodorus A. Becker SCJ

Censor

REIMPRIMATUR

Taubaté, die 8 Decembris 1951

† FRANCISCUS

EPISCOPUS DIOECESANUS



MONSENHOR TIHAMÉR TÓTH

P R E F Á C I O

O volume de Mons. Tihamér Tóth, que hoje oferecemos aos leitores brasileiros, representa sem dúvida magnífico refôrço ao combate árduo contra a irreligiosidade juvenil.

A idade gentil e promissora da adolescência, a par de tantos predicados e esperanças, costuma acompanhar-se de lastimáveis precalços. E' a sêde de independência a desabrochar, na aurora da personalidade que desponta. E' a idéia mágica de liberdade, em face de todos os valores, também religiosos. E o jovem receia continuar o cultivo da piedade, pois lhe parece que no desabamento das estruturas de sua infância, uma das primeiras colunas que fraquearam foi precisamente a educação religiosa, o hábito da Fé. Ele não sabe — ou não lhe ensinaram — a defesa dos princípios da religião, na luta contra as objeções que se levantam de tôdas as partes, sobretudo de dentro de sua própria personalidade.

E' a crise da fé, na juventude. Quantos se deixam derrotar! Por falta, é certo, de correspondência aos auxílios da graça, que jamais faltam. Mas

também pela carência de guias seguros, experimentados e amigos...

Um guia seguro, experimentado e amigo — é o presente livro, de um dos mais profundos conhecedores da mocidade, Mons. Tihamér Tóth. Somos felizes de continuar sua obra inapreciável em benemerência para os moços, e de ampliá-la mesmo, com a divulgação em nossa língua.

A tradução portuguesa é devida, em sua quase totalidade, ao professor José Warken, catedrático há muitos anos no Ginásio Catarinense de Florianópolis.

OS EDITORES.

A ARANHA INSENSATA

Em bela manhã de abril, conta Joergensen numa das suas engenhosas parábolas, estava a atmosfera cheia de tênues fios. Tendo-se prendido um dêles na elevada copa de uma árvore, uma pequenina aranha, valendo-se dêle, veio firmar o pé na folhagem. Imediatamente lança novo fio, prende-o à copa e consegue descer até ao pé da árvore. Ali encontrou um arbusto assaz ramificado e logo pôs mãos à obra: tecer uma teia. A extremidade superior do tecido foi atada à longa fibra pela qual baixara; as pontas restantes, prendeu-as aos ramos da sarça.

Esplêndida rêde foi o resultado do seu esforço, meio excelente para pegar moscas. Mas, uns dias após, pareceu-lhe pequena demais, e a aranha começou a ampliá-la em todos os sentidos. Graças ao fio resistente que segurava no alto, pôde realizar seu intento. E, quando as gotas de orvalho da manhã de outono cobriam o tecido, êle brilhava na luz baça do sol, como um véu de pérolas.

Orgulhosa de sua obra, a aranha desenvolvia-se a olhos vistos. Criou ventre volumoso. Talvez nem se lembrasse mais como era miserável e esfaimada quando pousara no alto da árvore, no começo do outono.

Certa manhã, entretanto, ela acordou mal-humorada. Tudo estava nebuloso e nenhuma mosca em tôda a redondeza... Que se poderia fazer em dia tão horivelmente fastidioso? “Farei uma pequena ronda”, resolveu enfim, “quero ver se a teia não necessita de consêrto em algum lugar”.

Cada fio foi examinado, a ver se estava bem seguro. Defeito não encontrou, mas apesar disso, seu intratável mau humor agravava-se.

Enquanto vagueava indisposta pela rêde, a aranha deu súbitamente com um fio comprido, cuja extremidade não podia achar. Todos os demais ela bem os conhecia: êste vai dar ali, à ponta quebrada do galhã, aquêlê, acolá ao espinho. A aranha sabia de todos os raminhos e de todos os fios; mas, que pensar dêste fio diferente? Incompreensível, ia para o alto, metia-se simplesmente ar a dentro! Que mistério êsse!

A aranha levantou-se nas patinhas traseiras e olhou para cima, com seus múltiplos olhos. “Nada se vê! Êste fio não tem fim! Por mais que eu olhe, o fio se perde nas nuvens!” resmungou ela.

Quanto mais a aranha se esforçava por desvendar o enigma, tanto mais se enfurecia. Qual a finalidade do fio que se some nas alturas? — Naturalmente, durante seus intermináveis festins, perdera de memória que fôra por êste fio que ela descera em abril. Também não se lembrava do quanto êle lhe fôra útil no tecer e ampliar a teia, sustentando tôda a construção. Tudo já estava esquecido. Só uma coisa via: aqui, sobe para o ar um fio inútil, absolutamente inútil, porque pendurado das nuvens.

“Fora com êle!” gritou, desvairada de raiva. e... cortou o fio...

No mesmo instante desmoronou-se a teia... e quando a aranha recobrou os sentidos, jazia paralizada no solo, o debaixo do arbusto, enquanto os restos do fino véu, semeado de pérolas argêntas, cobriam-na como fiapos molhados. Nesse dia tornou-se pobre e sem lar; um instante foi suficiente para destruir todo o seu trabalho, *porque não compreendera a finalidade do fio que conduzia ao alto.*

Jovem! Também a alma do homem casto está unida a Deus por meio dum fio que se eleva ao céu.

Esse fio é a religião.

Quem o corta, torna-se mendigo errante e sem pátria; quem o guarda com solicitude, nêle acha arrimo para uma existência harmoniosa e penhor da felicidade eterna. Que êsse fio, que nos une a Deus, nosso Pai Celeste, nunca venha a romper-se na alma de cada um de meus jovens leitores.

PARTE I

QUEM É O SUPREMO SENHOR?

Refere a lenda que no 3.º século depois de Cristo, um gigante pagão, chamado Cristóvão, teve um propósito interessante: “Mostrem-me o maior senhor do mundo, só a êle quero servir!”

“O maior senhor é o rei”, responderam-lhe. Cristóvão entrou pois ao serviço do rei.

Todavia, certa vez, por ocasião de brilhante festa da côrte, Cristóvão notou que o rei empalidecia, quando um dos trovadores começou a cantar o poder de Satanás.

“Êste deve ser mais forte que o rei”, pensou Cristóvão consigo, e entrou a servir o demônio.

Um dia, a estrada passava diante de um crucifixo; mas o demônio começou a tremer, manifestando todos os sinais de terror: não tinha coragem de passar em frente do crucifixo e retrocedeu covardemente.

“Êste homem na cruz é mais forte do que Satã”, disse Cristóvão consigo mesmo. E interpe-
lou o eremita ajoelhado diante da imagem: “Irmão, como poderei eu servir ao Crucificado?”

“Reza!” foi a resposta.

“Rezar? Que é rezar? Não sei!”

“Então jejua!”

“Jejuar, eu? Não vês que colosso sou! Preciso comer muito”.

“Faze, pois, assim, retorquiu o ermitão. “És bastante grande; coloca-te aqui junto ao rio, e carrega nas costas, através da água, as pessoas que quiserem passar”.

E desde então, durante anos, carregava Cristóvão os viajantes dum para outro lado do rio. Certo dia, uma encantadora criança lhe pediu que o transportasse à margem oposta. Prontamente Cristóvão pô-lo sobre os ombros e começou a vadear o rio. Mas nunca na vida sentira tanto peso! No meio da torrente, as fôrças quase o abandonaram; só a muito custo pôde êle alcançar a riba fronteira com o gentil menino.

“Ai, meu menino”! gemeu Cristóvão sem fôlego, “és tão pesado que até me parecia carregar o mundo todo sobre os ombros”.

“Não te admires”, murmurou a encantadora criança de cachos louros, “pois levaste às costas Aquêlé que criou o mundo todo”. A estas palavras o pequeno Jesus desapareceu. São Cristóvão caiu de joelhos e agradeceu à Bondade divina, que aceita de cada um de nós aquilo com que melhor a podemos servir.

Quem é o supremo senhor? Só a êle quero servir! “Esplêndida idéia de Cristóvão! Costumas também, caro jovem, dizer: quero servir somente ao maior Senhor, a Deus; quero levar só o Salvador... nos ombros? Não! Dentro de mim, em meu coração, em minha vida. Quero ser verdadeiro “Cristóforo”, isto é, aquêlé que leva Jesus Cristo”!

ABENÇOADA FÉ!

Sabes o que te proporciona a fé, o que te dá a religião? — *Vértebras de aço, convicções, inquebrantável fidelidade aos princípios.*

Pirro, rei do Epiro, enviou Cíneas, seu confidente, ao senador Fabrício, a fim de suborná-lo. Cíneas voltou: “Majestade, antes conseguiremos desviar o sol de seu curso secular, do que a Fabrício da senda da honestidade!”

Vês? Eis o panegírico do homem fiel! Não podemos ter confiança num homem que baseia o conceito de honra e caráter em idéias filosóficas versáteis ou na efêmera frivolidade do mundo. Mas aquêles cuja frieza e fidelidade emanam das leis de Deus eterno, êste inspira confiança, como a rocha de granito.

Nas situações críticas da vida é unicamente a religião que nos dá energia para afrontar as dificuldades.

Napoleão, o dominador da Europa, retirava-se de Moscou em chamas. Terrível tempestade de neve fustigava os soldados mortalmente exaustos: apenas conseguiam arrastar-se, caindo aos milhares, vítimas das garras gélidas da neve. Fazem ligeiro alto. Trevas, com impenetrável nevoeiro, envolvem os poucos sobreviventes. Napoleão caminha pela neve, mortalha de tantos bravos. Eis que um raio de luz brilha na escuridão! A ordem do imperador, seu ajudante de ordens corre a verificar do que se trata... Volta: “Majestade! O major Drouot vela na tenda: êle reza e trabalha”. — Na primeira ocasião, o imperador o eleva a general e lhe agradece por ter demonstrado tanta viri-

lidade da alma naquela horrenda noite em que elle mesmo ameaçava desfalecer.

“Sire”, replica o general, “não receio nem a morte nem a fome, só temo a Deus: nisso está tôda a minha fôrça”.

“Nisso está tôda a minha fôrça!” Sim: A convicção religiosa produz caráter varonil, coragem forte, ânimo constante. Xenofonte já proclamava: “Mais fortes e sábios são os povos e estados que primam pela religiosidade”. Mas, os que não servem a Deus obedecem a muitos.

Sabes o que a fé te proporciona ainda? *Tranquillidade interna, verdadeira paz, real alegria da alma.* Talvez penses, de vez em quando, que teus companheiros estroinas, gozadores da vida, são os realmente felizes! Talvez até mesmo tenhas nutrido certos pensamentos, como os de um meu discípulo, que se lastimava dizendo: “Pergunto-me às vêzes, se vale de fato a pena lutar e pelejar. Dia a dia combato minhas más inclinações, esforço-me por permanecer bom e correto — e tantos jovens ao redor de mim, levando uma vida desenfreada, sem preocupações, são felizes, ditosos!...

Meu caro, quando te vierem também êsses pensamentos perturbadores, cuidado! não te iludam as aparências! Não suponhas que uma alma possa ser realmente feliz, uma vez quebradas suas relações com Deus. Encontrarás homens que, embora desfrutem riquezas, saúde e posição invejável, são sumamente infelizes. Falta-lhes alguma coisa, o essencial. Que? A fé!

*Se o mundo quer te enredar,
Ao céu te deves alçar!*

Como tu, que tens vida sinceramente religiosa, também aquêlê que não se importa de Deus e religião possui uma alma; — entretanto, quanta diferença! O carvão é carbono, o diamante também o é, todavia são dois antagonismos. A alma sem religião é carvão negro, insensível à luz; ao passo que a alma integrada na religião, é como diamante cristalino que absorve sôfregamente os raios solares e jubilosamente os reflete em múltiplas fulgurações.

O grande compositor Chopin perdera sua piedade na licenciosa sociedade francesa. Aqui está sua confissão, por assim dizer seu testamento: Doente, às portas da eternidade, foi visitado por um amigo de infância, agora sacerdote. A instâncias dêste, Chopin retornou à sua fé. Banhado em lágrimas de arrependimento e consôlo, recitou o “Credo”, e, beijando o crucifixo disse:

“Retorno à fonte da felicidade!”

Que mais te concede tua fé?

Consôlo na provação e infelicidade. Dizer “homem” é dizer “sofrer”. Serás também visitado pela dor, pela doença, desenganos talvez e penas morais. Falece alguém a quem muito amavas — Tua mãe querida sofre meses a fio e não lhes podes valer — Elaboraste um plano magnífico..., no último momento tudo desaba... Vêm então os amigos e te aconselham: “Vai divertir-te, gozar; vai ao cinema, ao clube”. Tudo em vão. Consolar, só pode Aquêlê que enviou tão pungente sofrimento. Onde encontrarás confôrto? Sòmente onde o encontrou Napoleão, depois de precipitado do apogeu da glória à solidão do exílio: na religião. E então comprovarás por experiência própria a ver-

dade da comparação de Goethe: “A religião é capital acumulado, cujos juros nos sustentam no tempo da desgraça. Pois, só a fé ensina que a adversidade, aceita como vontade de Deus, é melhor de bênção divina”.

Antes de partir para a guerra, os cavaleiros da Idade Média afiavam as espadas numa coluna de igreja. Que significava? Isto: “Confio em mim, mas também confio em Deus”. Como a confiança em Deus anima as fracas forças humanas! Quem espera em Deus conquistou poderoso aliado, não luta a sós.

CESAR NA PROCELA

Durante terrível tormenta, queria Cesar atravessar o mar. Os vagalhões porém se entumeciam com tal furor que os remadores temiam. Então bradou-lhes Cesar: “Que temeis? Não vêdes que Cesar está convosco?” Caro jovem, por mais terríveis te assaltem as vagas do oceano da vida, permanecerás sereno e firme com este pensamento: “Que temes, alma? pois Deus está contigo.” A verdadeira confiança em Deus não te transforma num fatalista inerte, mas sim num operoso otimista. Esforça-te como se tudo dependesse de ti; porém ora e confia, como se tudo esperasses de Deus. Esta é a arte cristã de viver.

Certa vez medonha tempestade varria o oceano. Soberbo navio, qual casquinha de noz, era jogado ao sabor das ondas. Que desespero entre os passageiros! só um rapazinho continuava a brincar plácida e em meio à confusão geral. “Não tens medo, menino?” perguntaram-lhe. “Temer? por-

que? Meu pai está no leme!" Bela imagem do jovem religioso! Em todos os lances da adversidade, sente-se em segurança nas mãos de Deus, por saber que o Pai celeste dirige o leme de sua vida. Essa certeza lhe dá fôrças, incita-o à perseverança, mesmo quando, em derredor, os pusilânimes já desfaleceram.

Que mais te dá tua fé? *Serenidade em face da morte*. A nosso lado, alternam continuamente, começo e fim, nascimento e morte. Tremes ante essa evidência, repugna-te a destruição, o efêmero. E entretanto, a única esperança que ultrapassa até mesmo os limites da morte, é nossa fé em Deus, em Quem eternamente vivemos.

Antes de morrer, o célebre músico Haydn, resumiu seu ciclo vital nestas palavras: "Na vida fiz como em minhas composições. Comecei-as com a lembrança de Deus e terminei-as com um louvor de Deus. A lembrança de Deus foi o traço áureo que sublinhou minha existência. E agora quero rematá-la também com um *Laus Deo*."

Flores lindas, cintilantes estrêlas, brilhantes olhos e riso áacre das crianças..., se os consideramos à luz da fé, parecem apenas sombra e reflexo da Magnificência eterna.

Fere-me a desgraça, atormentam-me doenças, sofro? Minha fé saberá dizer: Cada lágrima resignada com a vontade de Deus, transforma-se em fúlgido diamante engastado na coroa da vitória.

Abandonaram-me as fôrças, a vida foge do corpo extenuado? Graças à fé, direi: A matéria foi unicamente o invólucro, a crisálida; dela vai surgir a formosa borboleta, para a vida eternal

RELIGIÃO, PARA QUE?

Resumo os benefícios da religião: *Ela dá impulso e sentido à tua vida.* Só à luz da fé conhecemos nossa finalidade sobre a terra. Só ela apresenta ideais que compensam nossos esforços. Só a fé exalta nossas obras, o cumprimento do dever, a honorabilidade, a firmeza de caráter, à categoria de valores sobrenaturais. Mercê da fé, nossa vida se converte em cumprimento da vontade divina, em oração ininterrupta, em serviço de Deus, o supremo Senhor.

Devo servir a Deus? Estou obrigado a observar os mandamentos? Não poderia ser independente, “senhor dos meus atos”?

O célebre astrônomo Kepler dizia certa vez: “Se uma única estrela se desviasse de sua rota ordinária, todo o universo seria desmantelado.”

Ora, assim como as leis naturais são a base do mundo material, os mandamentos divinos são o fundamento da vida moral. Eu quisera poder gravar nos corações, com caracteres de fogo: — Não foi para nos atormentar e inquietar, para destruir nossas alegrias e prazeres, que Deus fez os mandamentos, mas sim para auxiliar-nos. Para Deus pode ser o mesmo que observes ou não suas leis: sua glória infinita não é atingida. Mas a ti é que não pode ser indiferente: nisso está empenhada a tua felicidade ou desgraça temporal e eterna.

Tão necessários são os Dez Mandamentos como alicerce da vida social, que os homens os deveriam ter descoberto, se Deus não os tivesse já promulgado. Não constituem eles restrição da li-

berdade humana, senão proteção e defesa, indispensáveis a uma vida digna de seres racionais:

Só ao Deus verdadeiro adorarás — reza o primeiro mandamento. — Despertam em nossa memória todos os horrores da idolatria, imagens de cruéis e sanguinolentos sacrifícios humanos. — Antes de sua campanha contra a Grécia, mandou Xerxes enterrar vivos nove rapazes e nove meninas, a fim de dispor favoravelmente os deuses. Os Indús ainda hoje adoram vacas, serpentes e macacos... Em que trevas espirituais deveríamos viver, não fôra o primeiro mandamento!

Salvaguardando a santidade do juramento, o segundo preceito fortalece a fidelidade dos homens, a lealdade e o amor à verdade.

O terceiro garante ao corpo o descanso que todo sêr vivo necessita.

A autoridade da família e do Estado, base de qualquer sociedade humana, da rodem e do progresso, é assegurada pelo quarto mandamento.

Ainda hoje, na China, podem as mães expor e mesmo matar seus filhos. O quinto mandamento protege a vida dos homens.

O que resguarda o corpo e as gerações dos desvarios dos instintos carnaes e suas conseqüências? O sexto e o nono mandamento.

O sétimo e décimo zelam a posse legal de teus bens, a propriedade.

Quem nos protege, a ti, à sociedade, contra a falsidade e a mentira? E' o oitavo mandamento.

Vê. O Decálogo é um bem precioso, tesouro e bênção para a humanidade.

Quão empolgante o só imaginar-se a transformação em nossa mísera existência, se os homens

observassem os mandamentos! Polícia e prisões seriam supérfluas. Não haveria tantos hospitais, institutos psicopatas, famílias abaladas e lares destruídos. Para que guardar os lares a chaves e tranças? Não há mais felicidades perdidas, juventude seduzida, pais na miséria, jornais ateus e caluniadores... Meu Deus! Quão diferente seria tudo, se os homens servissem realmente ao Supremo Senhor, se observassem a lei divina!

Não depende sempre de ti que outros a cumpram... De ti depende, todavia, que lhe obedeças.

Trata-se de tua felicidade temporal e terna, na opção de uma obediência irrestrita, de alma e coração, ao teu Supremo Senhor.

E os que não no querem? Que será dêles? Acontecer-lhes-á o que sucedeu às árvores rebeldes.

A REVOLUÇÃO DAS ÁRVORES

Em sutil alegoria de Joergensen, um altaneiro jequitibá concebeu um plano arrojado:

“Irmãs, disse êle às árvores da selva, deveis saber que a terra nos pertence: pois vêde, tanto o homem como os animais de nós dependem; sem nós não podem existir. Alimentamos as vacas, as ovelhas, as aves, as abelhas, tudo enfim de nós vive, somos o centro de tudo, o próprio *humus* da floresta é formado por nossas fôlhas caídas e decompostas. Só um poder há acima de nós: é o sol. Verdade é que dizem depender dêle nossa vida. Contudo, irmãs, reparaí bem, estou convencido que isso não passa de fábula para meter-nos mêdo. Qual! Não poderemos viver sem o sol? Antiquada

lenda supersticiosa, indigna de plantas modernas e esclarecidas...”

O jequitibá interrompeu-se por um momento. Umas figueiras seculares e um cedro majestoso, de idade avançada, meneavam suas copas em sinal de desaprovação, mas as árvores novas aplaudiam animadamente de todos os lados.

O jequitibá retomou o lance e continuou:

“Bem sei que há entre vós uma facção de ignorantes e atrasadas, o partido das velhas que ainda acredita em fábulas. Eu, entretanto, ponho minha esperança no sentimento de autonomia e independência da nova geração vegetal. E’ tempo de sacudirmos o jugo do sol. Então surgirá uma descendência livre, uma linhagem nova de maior nobreza. Eia! vamos à luta pela liberdade! Ah! velho lampeão do céu, teu reino findou!”

As últimas palavras do agitador perderam-se na tempestade de aplausos que estrugiam de todos os lados; o entusiasmo juvenil, manifestado com turbulência desusada, abafou também as censuras e protestos das árvores velhas.

“Comecemos pois a luta contra o sol”, comandou o jequitibá.

“Durante o dia interromperemos tôda a atividade vital, e passaremos a viver só durante a noite escura e misteriosa. De noite havemos de crescer, deitar os brotos, florescer, exalar o perfume frutificar. Não precisamos mais do sol! Queremos ser livres!”

Nos dias seguintes, os homens observaram um fato estranho: O sol resplandecia em todo seu brilho; seus raios quentes e vivificantes enchiam a atmosfera; as flores, porém, inclinavam teimosas as cabecinhas para a terra; as árvores deixavam

pendar as fôlhas; tôdas as plantas desprezavam o astro-rei. À noite abriam-se as corolas cerradas, as flores se voltavam para a luz pálida da lua e para o cintilar frio das estrêlas.

Durou isso alguns dias.

Todavia, a pouco e pouco, surgiram curiosas alterações nas plantas: os cereais, dantes levantados para o sol, jaziam agora por terra; as flores empalideceram e secaram; as fôlhas amareleceram e caíram. Outono, em pleno verão.

Quantas murmurações e protestos se ouviram então contra o jequitibá! Este, apesar de ver também suas fôlhas amarelas e sêcas, continuava a animar as árvores:

“Tolas que sois, irmãs! Ainda não percebestes que agora sois muito mais belas e interessantes, mais livres e independentes do que sob o império do sol?! Doentes, vós? Não! Estais, sim, mais aperfeiçoadas, enobrecidas! Independentes!”

Algumas plantas, coitadas, ainda davam crédito ao jequitibá e murmuravam à noite, apesar de exaustas: “Estamos aperfeiçoadas, enobrecidas, somos independentes”.

A maioria das árvores porém, perceberam a tempo o perigo que corriam e reconciliaram-se com o sol.

E quando entrou a primavera, o jequitibá lá estava, de galhos desnudos e ressequidos, em meio à selva que renascia cheia de vida, repleta de gorgeios dos pássaros. Suas estultas doutrinas, havia tempo, estavam esquecidas. E em redor dêle o perfume das flores convertidas subia prazenteiro para o velho sol vivificador, e as copas folhudas das árvores inclinavam-se agradecidas para o astro-rei.

A história das árvores rebeldes repete-se na vida de muitos homens modernos, que julgam poder levar vida humanamente digna, afastados de Deus, o Sol vivificador de nossa existência.

Alerta, meu filho, defende tua fé! Cuida que não ta roubem!

Se durante tua juventude, freqüentares a sociedade, verás com pavor em quão ôcas e fúteis palestras a mocidade de hoje passa horas a fio! Com que espantosa altivez e desdem dá sua opinião, pretensiosamente esclarecida nas mais graves questões da existência.

Oh! quantos encontrarás, cuja única aspiração é recheiar a carteira, arrecadar dinheiro, para poder gozar todos os prazeres, quer lícitos quer proibidos. Quantos, de horizonte estreito, escravizados em peias morais, cegos dalma! São como vis pardais comparados à águia altaneira.

De que precisa o pardal? De uns vermes, sementes e alguma fruta. Farta-se com mesquinho alimento, e, não obstante, como engorda, como sabe pavonear-se, como se torna atrevido! Da águia, das felicidades da águia que paira nas alturas, muito acima das baixezas terrenas, — que saberá êle?

Vê, caro jovem, também entre os homens, há-os com estômagos e corações de pardais. “Quem são”? Aquêles que têm um coração vazio, uma alma estéril e deserta, apesar, de seus tesouros e riquezas; aquêles que ficam alheios aos valores infinitos da alma; aquêles que desfalecem de fome e sede, enquanto se afogam na torrente dos gozos materiais.

Êles desfalecem e definham porque se desviam do Sol.

RELIGIÃO? QUE TENHO EU COM ISSO?

Entre pessoas cultas, raramente se encontram homens francamente irreligiosos, ateus e ímpios. Ateísmo grosseiro “não fica bem”, não convém à “boa sociedade”. Infelizmente, com maior frequência encontram-se homens que, se não negam a religião, também não a praticam: os indiferentes.

No terceiro canto da “Divina Comédia”, Dante pinta em côres horripilantes, um quadro assustador da multidão dêsses indiferentes, condenados ao inferno: Sem sossêgo nem descanso, entre gemidos aflitivos, vagueiam angustiadas as almas que em vida não eram nem boas nem ruins.

Unidos estavam à covarde legião

Dos anjos caídos

Que fiéis não foram, revoltados também não.

Infortunadamente, não só entre os adultos mas também entre os jovens, defrontamos o miserando tipo que por tudo se interessa, menos pela religião. Eu mesmo os conheço. São rapazes bons, amáveis, obsequiosos, mas na alma lhes vejo o roedor verme do indiferentismo religioso, e com receios olho o seu futuro. Para tudo mostram interêsse, lêem muito, são esforçados esportistas, dansam bem, sua companhia é agradável; e, apesar disso, estou apreensivo por seu porvir, pois são insensíveis e surdos à grande, à máxima questão: a religião.

Por que são assim? E como chegaram a êsse estado?

E' difícil dar resposta acertada e cabal. Êste leu talvez, sem método e sem critério, tôda a sorte de livros de filosofia e ciências, e as teorias filosó-

ficas para êle indigestas, ou certos princípios não bem assimilados das ciências naturais, tê-lo-ão desencaminhado.

Aquêlê outro assustou-se, quem sabe, com a excentricidade de um amigo tido como “religioso”. e não quer ser “assim”.

A maior parte porém só pode apresentar o motivo, muito triste aliás, que encontra o indiferentismo religioso tanto na família, como em qualquer meio social. Infelizmente é a plena verdade! O homem moderno corre atrás de tudo, cuida de tudo mas foge com covarde timidez da questão mais importante e decisiva — a questão da fé. “Que me importa isso?” — e encolhe os ombros.

Mas agora, meu amigo, vais responder-me: Que há de mais importante e decisivo do que dar solução cabal à questão da fé? Não é dela que depende tôda a existência, a orientação e finalidade da vida? Como decorrerão essencialmente diferentes as vidas de dois homens: um que não espera nada além-túmulo, o materialista; e outro que acredita na continuação perfeita e eterna da vida terrena, depois de uma morte feliz!

Quanto mais depressa e sèriamente te occupares dêsse magno assunto, tanto mais fácil será o problema de tua mocidade.

— Embora me aplique com o máximo esforço, embora desenvolva o mais perfeitamente possível meus dotes espirituais, se não tiver religião, minha sorte será: obra inacabada, pássaro sem asas, vida sem sentido, um dinamo a que falta corrente elétrica!

Que será minha ciência, meu invejável caráter, se me faltar Deus? Bela moldura sem imagem. —

De que serve a mais forte lâmpada, se não estiver no circuito da força elétrica? — Quanto vale uma esplêndida carreira, uma vida que parece brilhantíssima, se não estiver ligada a Deus, o centro vital das almas por Ele criadas? — “Terra sem sol, noite sem estrêlas, corpo sem vida, viajor sem destino, homem sem pátria, criança órfã, coração sem felicidade: eis o que é a alma sem Deus...”

MALDIÇÃO DA IMPIEDADE

Inteligência e vontade sofrem, no ateu. Ele vê o mundo em derredor, cheio de inesgotáveis belezas, pleno de harmonia, mas sua “convicção” não lhe permite admitir um Criador e Conservador para tudo isso! Quantas ações boas e nobres, resoluções heróicas e caritativas à roda dêle, mas sua “convicção” deve negar Aquêle que tudo recompensa! Um salteador assassino consegue fugir à justiça, viver em abundância no estrangeiro, e morre entre riquezas; e a mesquinha “convicção” do ateu lhe diz que êsse terá a mesma sorte que o homem de caráter, virtuoso e honrado...

O ímpio está obrigado a dizer que o homem fiel a Deus, cumpridor de seus deveres enganou-se e foi estulto; mas que foi hábil e engenhoso quem soube adquirir bens e vantagens mercê de fraudes, má fé e ardis inconfessáveis.

Em sua vida há dias e horas em que até gozos lhe causam nojo, o mundo todo lhe é aborrecimento, a vida — insuportável fardo e tortura. Teve um grande desengano?... Indescritível amargura dêle se apossa... Nada consegue entusiasmá-lo; de nenhuma resolução é capaz. E ele pergunta:

“Qual é realmente a razão de minha existência?”
“A quem aproveita ter eu saído do nada e estar aqui? E que seria se eu pusesse fim a esta vida inútil e indigna...?”

Vida sem Deus é insuportável. Também Bismark o diz: “Não posso compreender como pode ainda suportar a vida, quem se considera a si mesmo, e, todavia não sabe, ou não quer saber de Deus”. (Carta a sua esposa, 1851).

Quem não crê em Deus não tem ideais, alegria, esperança, valor na adversidade, nada possui senão instintos de animal. E um povo que perdesse a fé em Deus, perderia seus ideais, seu manancial de energias, os fundamentos de sua existência.

HAVERÁ FELICIDADE SEM DEUS?

Mais cedo ou mais tarde a vida te ensinará quanto vou afirmando; entretanto, quisera que me acreditasses.

Sem fé, sem esperança, sem amor de Deus não há verdadeira felicidade para o homem. Por que? Porque a alma foi criada por Deus e para Deus, e nosso coração está inquieto enquanto não acha descanso no Criador.

A alma humana não pode encontrar a felicidade fora de Deus. Todo o universo está subordinado a leis próprias:

O astro não se detém, mas sem parar segue em sua órbita. O fogo só pode flamejar para o alto. A pedra vai unicamente para baixo. Experimenta misturar o óleo com a água; impossível, pois o óleo volta à tona. Tenta equilibrar água sobre azeite; impossível, ela desce. Tudo é regido pela natureza.

Cada criatura move-se, turbilhona e procura seu lugar; a paz e quietude, só depois de acertar cada uma com sua posição natural.

Afasta a alma de Deus; ela fica desassossegada, agita-se, geme, procura, até encontrá-lo novamente.

Quando Lenau perdera a fé, difícil lhe foi descrever o vazio de sua alma desviada de Deus: O mundo era uma como cidade abandonada, varrida pela morte, ruas compridas e escuras, onde êle andava às apalpadelas. Em cada janela via o olhar tétrico da morte e da ruína... E escreve:

*Do coração senti ausentar-se a alegria
Quando da fé larguei a iluminada via.*

Quantos moços começam a duvidar da fé, quando ouvem ou leem que êste ou aquêle homem ilustre foi incrédulo. Mas, que é o que os levou à negação de Deus? se a inteligência ou o coração, se a ciência ou a vida pecaminosa, não o afirmamos, mas podemos supor. A causa mais freqüente da incredulidade é um coração corrompido, e não uma inteligência ilustrada; os múltiplos pecados, e não um grande saber.

A chama viva da fé só pode ativar-se em atmosfera pura; em ambiente viciado e sufocante ela apenas bruxoleia, desmaia e finalmente se apaga de todo.

Quero trazer-te algumas opiniões de ímpios, desprezadores de Deus e da religião, opiniões dadas numa hora em que é um pouco difícil disfarçar: na hora da morte.

O filósofo Schopenhauer, tôda a vida foi inimigo do cristianismo. Mas durante uma dolorosa

enfermidade suspirava freqüentemente: “Meu Deus, é meu Deus!” O médico perguntou-lhe admirado: “Então há mesmo um Deus para o filósofo?” O doente replicou: Na dor, vejo que a filosofia sem Deus nada vale; se eu convalescer, tomarei outro rumo”. Schopenhauer curou-se, mas esqueceu sua resolução. Outra vez atirado ao leito de dor, o médico lembrou-lhe o propósito que fizera. Furioso grita o ímpio: “Deixe êsses fantasmas, tolices boas para as crianças; o filósofo não precisa de Cristo!” Na mesma noite morria o infeliz...

Heine, grande inimigo da religião, alguns anos antes da morte, escrevia a seu irmão: “Atrevidamente levantei a fronte contra o céu... e por isso estou agora atirado no pó, como um verme pisado. Glória e louvor a Deus, nas alturas. Teu pobre irmão, Henrique”.

E o mesmo Heine, que em seus cantos glorificava o corpo como única fonte de felicidade, escrevia em seu testamento: “Há quatro anos rejeitei os frívolos sofismas da Filosofia, e retornei às idéias religiosas, ao único Deus. Morro na fé do Redentor do mundo, cuja piedade humildemente imploro”.

Há uma ótima ironia do escritor húngaro Gardonyi: “Seis sábios estavam sentados no barco já carcomido dum velho marujo. Entretinham-se a falar sobre a ingenuidade do povo, que acredita num Deus que não existe... O barco principiou a fazer água.

— Agora, quem puder é nadar — avisou o barqueiro.

— O' meu Deus! gritaram então todos os seis. Também Nietzsche, o arevido blasfemador, que morreu louco, foi tomado de assustadora melancolia ao considerar sua vida árida e vã: “Onde

hei de ir?... A cada monte perguntei pela casa paterna... Em parte alguma achei meu lar... Onde está minha pátria? Pergunto, ansioso a procurei... Não a pude achar... O' eterna angústia, ó eterno vazio, ó desespero!"

Em 1924 faleceu o romancista Anatole France, talvez o mais frívolo blasfemador e ímpio de todos os tempos. Por assim dizer, não escrevia senão livros imorais e irreligiosos. Graças a êsses livros tornou-se riquíssimo. Tinha tudo o que desejava. Apesar disso, notam seus biógrafos, êsse patriarca dos gozos desenfreados estava sempre mal-humorado e descontente. Seu secretário Bruisson conta que Anatole France declarou a um amigo: "Se pudesses ver meu coração, ficarias assustado. Não creio que haja homem mais infeliz do que eu. Muitos invejam minha ventura, e eu nunca soube o que fôsse felicidade, nem um dia, nem um minuto sequer!"

Jovem, eis como a alma clama e suspira pelo paraíso perdido, por Deus... porque abandoná-Lo é perecer.

"ABANDONAR A DEUS E' PERECER"

Antes da conflagração européia de 1914, o escritor francês Henri Lavedan, era também ateu fanático. Ninguém como êle, sabia zombar de Deus e da religião. Todavia, ao romper a guerra, chamado às armas, retratou sua incredulidade, em comovente confissão ao povo francês:

"Escarneci da fé e julguei-me sábio... Iludi-me, a mim e a vós, que lestes os meus livros e cantastes os meus versos. Foi uma miragem, uma em-

briaguez, um sonho vão. Abandonar a Deus é pecar. Não sei se amanhã estarei vivo. Mas aos amigos devo dizer: Lavedan não ousa morrer como ímpio. Rejubila, minha alma, pois tive a felicidade de viver a hora em que caí de joelhos para dizer: "Creio em Deus, creio, creio!"

Foi apavorante o fim de Voltaire, o patriarca da impiedade. As armas de seu atilado espírito, empregava-as literalmente para espezinhar a fé e a moral cristã. Seu lema era: "*Écrasez l'infame!*" (Esmagava a infame, isto é, a Igreja Católica). Incalculável o número dos que se tornaram imorais e descrentes por causa da leitura de seus livros. Com razão é chamado "Pai da incredulidade". Duma feita, contudo, o furioso negador de Deus ficou gravemente doente. Mandou chamar um sacerdote e quis confessar-se. Antes da absolvição retratou publicamente, em escrito ratificado por duas testemunhas, suas calúnias contra a Igreja e a Religião, e exprimiu sua confiança no perdão divino.

Ora, Voltaire não morreu. Restabelecido de sua enfermidade, foi ao teatro. Representava-se uma de suas peças, e lhe haviam preparado pomposa recepção. Seu busto foi levado ao palco e adornado de flores e grinaldas. E no fim de tudo, um dos atores pôs na cabeça do próprio Voltaire, uma coroa de louros. Tão envaidecido êle ficou, que novamente abandonou sua conversão, voltou para a companhia dos ímpios, continuando a ser o que dantes fôra: um incrédulo zombador.

Mas recaiu gravemente doente. Outra vez pede um confessor. Porém, seus amigos incrédulos vigiam seu leito e não o atendem. Voltaire supplicá-lhes tenham compaixão dêle... em vão. Então

começa a gritar e esbravejar desesperadamente: Um punho me agarra e me arrasta ao tribunal de Deus... O demônio está aí e quer levar-me... Vejo o inferno, oh! por piedade, escondei-me!" Um dos presentes não agüenta e se precipita para fora: "Não, não é possível ver uma coisa destas!"

No último momento os amigos, afinal, mandam chamar o sacerdote, mas a agonia chegava ao termo; o doente já entrara em estado de cõna e não mais recobrou os sentidos.

Essa foi a morte do "pai da incredulidade"!...

Daí em diante, a Irmã que cuidara de Voltaire, quando chamada para tratar um doente, perguntava primeiro se era religioso. "Pois", dizia, "estive com Voltaire moribundo, e não quero ver morrer outro incrédulo." "Abandonar a Deus é perecer." O que fizemos sem Deus é vão e efêmero; só o que fizemos com Deus é eficiente, duradouro, eterno.

O MUNDO SEM DEUS

Tiremos a Deus do mundo. Que fica? Um sêr grotesco que se contradiz em mil particularidades, impregnado pelo veneno da dor e do sofrimento, e em cujo termo se levanta o espantalho do horror à morte. Bem real é a expressão de Schiller: "Tudo vacila, onde falta a fé!" "Verdadeiro é o dito de Plutarco:" "Mais fácil é construir um castelo de areia do que uma sociedade sem fé em Deus."

Quanto mais estudares, meu caro, tanto melhor verás a mesquinhez da existência terrena e tua própria pequenez: do mesmo passo, se pensa-

res no que é eterno, sentirás tua alma dilatar-se em generosidade. A religião, e só ela, é capaz de dar-te a chave de todos os problemas da vida. Ora, se a vida mortal não é mais que preparação para a imortal, perceberás facilmente que sua finalidade não consiste em mergulhar nos prazeres, mas em educar e preparar nossa alma para sua sublime e eterna predestinação.

Conheces o “Fausto” de Goethe? E’ a personificação do combate contra o mal, em procura do bem. Seu herói tenta tudo, lança mão de todos os meios; mas o poeta encontra apenas uma única solução satisfatória; a fé num Deus remunerador e numa eternidade. A “Divina Comédia” de Dante, a “Missa Sollemnis” de Beethoven, o “Requiem” de Mozart, a “Criação” de Haydn, a “Parsifal” de Wagner, as obras de Bach, Liszt, Brahms, etc., onde ressoa como nota predominante o anelo e nostalgia da alma em busca de Deus, elas tôdas confirmam a expressão de Tertuliano: “A alma humana é cristã por natureza.”

Sim, em vão procuras abafar a labareda perseverante. Já Homero afirma na Odisséia: “Todo homem tem fome de Deus.”

Embora não tenhas ainda visto muita coisa do mundo e da “vida moderna”, provavelmente terás tido momentos em que defrontaste os grandes problemas da vida. Com o correr dos anos, hás de reconhecer sempre mais claramente, que quanto maior fôr o progresso da humanidade no campo da técnica e da indústria, quanto mais requintados seus gozos, tanto menos podem essas conquistas satisfazer a alma predestinada a realidades mais sublimes.

O coração do homem suspira por Deus. Por mais que nos esforcemos por satisfazer êsse anelo com as maravilhas da civilização, automóveis, teatro, rádio, divertimentos, tanto mais, nas horas tranqüilas, nosso coração ansiará por Deus, pela Pátria celeste.

Impossível expulsar a Deus do mundo.

Em muitos escritores incrédulos notamos um curioso paradoxo: mais acirradamente negam a Deus, mais freqüentemente Dêle falam. Parece que tanto hão de falar contra Deus, porque sua alma está continuamente em conflito com Êle. Tantas vêzes enunciam o nome do Criador, porque O querem olvidar.

O grande psicólogo Jeremias Gotthelf (1798-1854) escreveu certa vez: "Qual seria a situação de aflitivo desespêro duma alma se não lhe sorrisse um raio de luz do alto, se pão celeste não a fortalecesse, quando os cardos e espinhos da vida ameaçam sufocá-la... Afigura-te um precipício selvagem, onde jamais penetra um raio de sol. Imagina a vida naquele bátrato nebuloso e sombrio, entre plantas venenosas e nojentos répteis, sem possibilidade de ao menos galgar as escarpas, a fim de haurir um pouco de ar puro e são. Assim seria, se a luz da graça já não iluminasse o teu íntimo, se a voz de Deus não fôsse mais teu sol, a dissipar o nevoeiro de tenebrosas fantasias e tentações."

O que a luz do sol é para a vida natural, é a Luz Eterna, Deus, para a vida espiritual. Em seu orgulho, os homens se levantam muitas vêzes contra Deus, deslembrados de que s4 recebem, não adquirem, o que possuem de bom, de belo e atraente... Todos os corações desejam ardentemente

um mundo melhor, ideal. Não tem sentido tal anseio? Sim! Deve existir uma perfeição absoluta, completa, Deus.

Não esqueças pois, meu amigo que tanto mais esplêndido florescimento de alma te espera, quanto mais profundamente a encheres do sublime pensamento do eterno e onipotente Pai Celeste, que te ama com ternura infinita.

Muitos, moços principalmente, tentam conquistar a felicidade sem Deus. Temo sempre ao ver jovens de nobres sentimentos, que procuram estultamente acomodar-se sem Deus. É verdade que na maturidade muitos retornam aos ideais abandonados; sem embargo, a recordação da juventude desperdiçada os acompanha a vida inteira, como sombra triste.

Goethe vivia na maior abundância, glorificado por todos. E entretanto!... Ouve sua declaração, já na velhice: "A opinião geral faz de mim um homem particularmente favorecido pela sorte. Não me quero queixar, nem censurar o curso de minha vida, embora nada mais tenha sido do que trabalho e luta. Posso afirmar que, ao longo dos meus 75 anos, nem quatro semanas fui realmente feliz." Há entre os árabes a bonita lenda do pranto do Saara: Nas límpidas noites estreladas, quando suave aura sopra no interminável areal do deserto, bilhões e bilhões de minúsculos grãosinhos de areia se movimentam em leve atrito. Esse fenómeno produz um som plangente, como o gemido lastimoso de animal gigantesco ferido de morte. "Ouçam! diz então o guia árabe à caravana, o deserto chora! Queixa-se porque se tornou estéril; deplora saudoso os jardins floridos, as searas ondulantes, os fru-

tos convidativos que outróra produzia, antes de ser reduzido a deserto sêco e abrasador.”

Caros jovens! Desertos áridos e mirrados são os corações dos homens incrédulos. Por fora parece que têm tudo em ordem. Mas no silêncio das noites de insônia, há prantos das almas descrentes e desertas...

Como diz ainda o poeta?

*Viver sem Deus é procurar tristeza,
Viver sem Deus é ser pobre, exilado...
Achar a Deus é encontrar riqueza,
Amar a Deus é o céu antecipado!*

SCHUBERT

FÉ INFANTIL — FÉ JUVENIL

Se êste livro cair nas mãos de um jovem naufrago já talvez da fé, vou suplicar-lhe apenas que considere tranqüilamente o que perdeu com a fé e o que lucrou com a incredulidade.

Recorda-te, caro jovem, do tempo em que eras menino de fé viva. Ora, não te assustes! Imagino-te menino de sete ou oito anos, ao lado do atual moço de 17 ou 18 anos.

Interessante encontro!

Aquêlê rapazinho de grandes olhos claros, roupa à marinheira, olha-te receioso, a ti, o jovem musculoso, de corpo desenvolvido, bigode já crescido. O rapazinho eras tu... e quão feliz te sentias!

Lembras-te? — Pela manhã era acordar na caminha branca, e, inocente, começar a oração da

manhã: Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. — Como se passava alegre o dia inteiro! — À noite, depois de rezar e dar boa noite aos pais, era adormecer com o sorriso nos lábios. Como eras feliz então...

Mas depois...

Depois, lêste um livro, ou tiveste conversas com um companheiro leviano, ou, não sei porque, em tua razão que se desenvolvia surgiu o pensamento: "Será realmente tudo como eu acredito? Será verdade tudo o que creio?"

A princípio, as dúvidas se apresentavam timidamente. Assustado, as enxotavas do espírito. Em vão! Elas voltavam mais fortes. Agora, eu quero é clareza!... Cada estágio de nossa vida exige uma disposição particular em face da religião. Quem sabe se foste negligente em ocupar-te cada vez mais seriamente com as coisas da fé? Julgavas-te sábio demais para isso, e relegaste fé e oração ao esquecimento.

Sobrevieram as dúvidas! Sim, mas na realidade, não foi da razão que surgiram as dificuldades; não foram argumentos científicos; a verdadeira causa foi a indisciplina de tuas inclinações, o desregrado desejo de liberdade, a vontade de fugir à autoridade dos pais; ou, não terás tido uma desinteligência com o professor de Religião?

Procura fazer uma sincera introspecção, a certificar-te do que aconteceu. Mas uma coisa quero dizer-te ainda: onde há dúvidas, a instrução se torna necessária. Vai e interroga um amigo mais velho, instruído em religião, ou um sacerdote, expõe singelamente tuas dificuldades e aprende o modo de provar com segurança, cientificamente, a existência de Deus. Ainda quero prevenir-te con-

tra a soberba: não imagines poder provar o Sêr Divino como se soluciona um problema matemático. Lá onde nossa compreensão encontra seu limite, só nos resta inclinar-nos reverentes ante o impenetrável infinito de Deus Uno e Trino. Compreender êste mistério, não o poderemos nunca. Alcançamos apenas fazer conjeturas, baseadas na trindade do mundo que nos cerca, o mundo da existência, da substância e do valor.

Não é verdade meu caro amigo, que agora reconheces não serem tuas dúvidas ainda incredulidade? Tua fé infantil começa a transformar-se, a agir, tornar-se juvenil. Mas cuidado! muito cuidado! Não venhas a perder tua fé, no período em que ela procura encaminhar-te da crença infantil e cândida para a compreensão varonil. Entrementes, reza com maior fervor: "Creio, Senhor; creio, mas preservai-me da incredulidade!"

FE' JUVENIL — FE' VARONIL

E' bem possível, — oxalá todos o conseguissem! que tenhas podido levar, da meninice para a mocidade, são e salvo o teu maior tesouro, tua fé infantil; e conseguido vencer, sem maiores abalos, os escolhos e tempestades dos anos da adolescência. Infelizmente, ainda assim, não estás fora de perigo. Uma última e grande prova te espera: cumpre transformar tua fé juvenil em fé varonil.

Aquí é preciso mencionar o grande número de moços que perderam a preciosa jóia da fé, durante o período universitário, após a terem conservado intata, apesar das tentações, no decorrer do curso secundário.

Ao entrar no mundo, tua primeira observação será, infelizmente, que a religião, na vida de muitos camaradas teus e na de muitos adultos, tem um papel de somenos importância, se não estiver de todo estiolada. Por toda parte hás de ver quão facilmente moços sem experiências se metem pelo caminho da descrença. Contudo, não conseguirás ver quantos, já velhos, depois de experiências amargas, voltam ao ideal perdido. E, todavia, assim é.

Kant o grande filósofo, em sua adolescência, descreu de Deus, do livre arbítrio, da imortalidade da alma, mas viu-se finalmente na obrigação de declarar isso tudo como verdades indispensáveis.

Virchow e Du Bois-Raymond, outrora próceres do materialismo, deram-lhe as costas. Vehr. Wundt e outros sábios de renome consideram suas próprias obras materialistas como estultícia e pecados de juventude.

A universidade apresenta sempre novos pontos de vista, horizontes mais vastos. A ciência que já tens aparece-te em nova luz; unicamente estacionas nos conhecimentos religiosos, porque o ensino da religião não está incluído nas disciplinas do curso. Se somente ficasses estacionário! Todavia, enquanto fazes progressos gigantescos em outras matérias, teu cabedal da instrução religiosa vai apoucando-se mais e mais.

Quão facilmente podem tornar-se realidade as palavras que disse Pascal dos que não procuram aprofundar seus conhecimentos religiosos: "A religião é coisa tão excelsa que dela merecem ser expulsos os que não se preocupam em conhecê-la mais de perto.

Teus estudos aliás já podem constituir ensejo de confusão em tua alma. Com isso não quero nem mesmo aventar a possibilidade de teres que ouvir opiniões anticristãs, em algumas aulas. Mesmo assim, encontrarás dificuldades a cada passo. Cada dia ouves falar de estranhas correntes de espírito, das quais não sabes que fazer; de questões morais que és ainda incapaz de introduzir em teu horizonte religioso, e que não se enquadram em tuas convicções.

Mais um perigo te espreita: o hábito mórbido das grandes cidades, ambiente contagioso para o jovem. Na massa do povo verás a busca desenfreada de prazeres como único escopo da vida. Seu lema é: "Come, bebe, goza, pois amanhã vem a morte. A religião exige de ti vida pura, abnegação e renúncia. Tolice. Os direitos da natureza não devem ser oprimidos." Eis o que te clamam, de todos os lados; e isso na quadra em que as paixões batem mais atrevidamente à porta do coração.

Em 1374, grassava a peste na Itália. Não se pode ler, sem enternecimento e comoção, a relação das crônicas:

"Por tôda parte viam-se rostos pálidos, silêncio sepulcral reinava nas casas onde antes ressoava o álaçre riso das crianças. O único ruído que se ouvia era dos carros mortuários, a rolar de casa em casa, a fim de levar à sepultura as vítimas diárias. No próprio cemitério, sacerdotes e coveiros eram atacados pela epidemia; enquanto sepultavam um cadáver, êles mesmos tombavam na cova preparada para outros. Por causa do grande perigo de contágio, os habitantes evitavam qualquer convívio. Na cidade, na rua e nas praças, caíam

as pessoas como moscas. Em quantas velas não restou sobrevivente algum para atender ao chamado do cocheiro do carro mortuário, que perguntava pelos vitimados... A atividade judicial ficou paralisada... Quem se importava ainda de leis!? Horrendo!

Mas ainda hoje grassa terrível peste nos grandes e populosos centros. Se fôsse preciso sepultar a todos os que trazem a alma já contaminada, em quantos lugares não deveria parar o carro funerário, para carregar jovens ao cemitério da inocência! Quantas almas novas morrem na cidade, na rua, no cinema, diante de vitrinas, reclames murais, em tabernas, nos lugares do vício! Uma só coisa nos diferencia dos antigos: os modernos não têm mais receio, não fogem da epidemia; paga-se, mesmo, com dinheiro a entrada nos lugares saturados do ominoso bacilo.

Só por milagre não vacilará um moço de fé até então firme, em meio a tantas dificuldades interiores e tais aliciamentos exteriores. Não é pois de admirar-se que também no jovem sério despertem cogitações perturbadoras: "O que aprendi e acreditei no curso secundário sobre a fé, religião, vida pura, moral, era bom e bonito, sem dúvida, mas para aquêlo tempo; hoje, porém, essa concepção é um pouco exagerada e unilateral. Que conhecia eu então da vida e dos meus direitos? "Também a Igreja Católica me aparece agora, como que completamente alheia à vida moderna; suas leis, prescrições e proibições são ridículas e antiquadas."

Querido amigo, alerta! vela por tua fé! São tuas horas mais difíceis: quando essas tentações, empertigando-se diante do teu espírito, ameaçam

esmagá-lo. Horas sombrias, em que já muitíssimos perderam tudo.

Sabes quem é que perde tudo?

Quem vê destruídos todos os seus bens, perde muito; o que fica privado duma perna ou adoece incuravelmente, perde mais; mas o que perdeu a fé, perdeu tudo.

Exemplo típico encontramos no “Fausto” de Goethe: Fausto perde a fé. Que poderá fazer agora? Primeiro atira-se aos prazeres sensuais desenfreados. E’ feliz? Absolutamente não. Recriminações íntimas e remorsos atormentam-no a todo instante. Que fazer? Submerge em atividade artística e científica. E’ feliz? Oh, não! Sua alma não está satisfeita. Lança-se então no torvelinho das ocupações febris, faz planos, empreende muita coisa, trabalha, produz sem descanso, assim procurando a paz da alma, sem saber no entanto que a energia e o trabalho somente recebem sua consagração na vida verdadeiramente religiosa.

Impossível não compreender a verdade das palavras de Paulsen: “A religião faz parte integrante da função normal da natureza humana; sua ausência é sempre indício de perturbação, tanto na vida particular como na sociedade”.

Ouve como se manifesta o desespero dum poeta francês, desertor da fé, num momento de sinceridade:

*Passar como um rebanho, olhos fixos no chão,
Renegar tudo o mais, isso é felicidade?
Oh! Não! Mil vêzes não! E’ deixar de ser homem.*

Verdade profunda encerra o provérbio russo: “Podemos dispensar nosso pai, prescindir de nossa mãe, mas sem Deus não podemos viver”.

E pois, meu caro, jamais quererás perder teu maior tesouro — tua fé, não é exato? Sabes como a podes conservar? Aplica-te a conhecê-la o melhor possível, permanece humilde de coração, vive segundo a tua crença e guarda-te de leituras e ambiente que a possam fazer periclitar. Observa a palavra do poeta:

*O que Deus esculpiu no coração
Para minha alma é lei, obrigação.*

Um menino da cidade, que nunca estivera no campo, lá chegou justamente após uma chuva. Embora tivesse todo o cuidado, enlameou-se até os tornozelos, enquanto os sapatos do rapaz do sítio, que lhe ia na frente, ficaram limpos.

— “Meus sapatos estão horrivelmente sujos; como faz você para ficar limpo?”

— “Quando se passa no meio de poças d’água, respondeu o rapaz, a gente não deve olhar para a lama, porque assim se pisa mesmo. E’ preciso sempre escolher os lugares limpos, e a gente não se suja”.

Seja qual fôr o meio em que te achares, ou devas viver, não olhes nunca quão pervertidos estão teus camaradas; pelo contrário, dá tua atenção e afeto somente aos limpos de coração.

QUANDO O CÉU SE COBRIR DE NUVENS

Se durante muito tempo não movermos uma pedra, ela se cobrirá de musgo; se deixarmos de fazer exercícios físicos, os membros ficam flácidos. O mesmo vale da fé: quem não pratica sua religião, é envolvido primeiramente pelo musgo da indiferença; em seguida vêm as dúvidas; e o fim qual será?... Fé tibia, e talvez descrença completa.

Não debes, portanto, apenas salvaguardar tua fé; debes vivê-la. Exercita-a na oração. Reza, tôdas as manhãs o "Creio em Deus", lenta e devotadamente. Rende graças a Deus, porque te fêz nascer na verdadeira fé católica. Principalmente, porém, pratica-a por uma vida ideal que busca na religião suas fôrças. Como causa primordial dos desvios fundamentais da alma de muitos e muitos jovens, podemos indicar o fato de manifestarem em sua vida, um espirito de fé deploravelmente mesquinho. A religião teórica, que se não manifesta em prática, vale tanto como um carro sem eixo.

Por essa razão compreenderás, embora te pareça curioso à primeira vista, o conselho que uma vez dei a um moço:

Ele se queixava: "Quisera crer, mas não posso".

— "Meu caro, faça violência à sua vontade! A fé é graça divina, mas supõe a vontade humana. Sim, Deus concede a graça; depende porém do homem querer colaborar com ela ou não. Não pode crer? Pouco importa! Repita o clamor dos apóstolos: "Senhor, robustecei nossa fé!" (Luc. 17,5). Ou diga como o pai da criança doente: "Creio Senhor, mas aumentai a minha fé!" (Marc. 9, 23). Você

murmura que a oração o deixa frio, que não acha atrativo na S. Missa, que a vida religiosa lhe é enfadonha. Ainda uma vez, pouco importa! Apesar de tudo, recite conscientemente as orações de costume; apesar de tudo procure seguir as orações da missa, do princípio ao fim”.

“Mas uma religiosidade assim forçada, de nada vale”, dirás talvez.

“Engano! O Pai Celeste não considera os resultados, mas sempre leva em conta a boa vontade. Aceita com complacência a luta de nossa vontade contra a preguiça e as tentações”.

Quando pois te atormentarem dúvidas contra a fé, embora o faças a contra-gôsto, não deixes de rezar com regularidade e freqüentar os sacramentos da confissão e comunhão. O jovem que reza, confessa e participa do Banquete Sagrado não perderá a fé, muito embora o assaltem as mais terríveis tentações. Repete a miúdo esta oração:

“Senhor, não posso crer! Ou, pelo menos, parece-me que o não posso. O céu se tolda, sôbre a minha cabeça... mas, quero crer em vós, Senhor! Quero, sim, quero crer! Ajudai-me contra a incredulidade!”

DÚVIDAS

Queixas-te porque surgem dúvidas que te atormentam. Não te impressões. O que os jovens chamam dúvidas da fé, geralmente não passa de tentações nem constitui descrença pecaminosa. É verdade que a fidelidade à fé requer de muitos, combate árduo que deve ser levado a bom termo; mas os próprios santos, em geral, não estavam livres dêles.

Difícilmente se poderiam encontrar homens cultos que não tenham sofrido as perturbações da dúvida. Ora é um relator de folhetins, a ridicularizar uma ou outra verdade da religião; ora uma revista a atacar um ponto da doutrina cristã, em um artigo “científico”; mais tarde, idéias totalmente errôneas que circulam na sociedade... Que muito, pois, se aparecem hesitações: Quem sabe se é tudo exatamente como nô-lo ensina a fé?...”

Crer e ter fé! — eis o que o Salvador de nós exige. Durante tôda a sua vida, êle queria só uma coisa: “Crêde em mim!” “Quem crer e fôr batizado, será salvo; mas quem não crer será condenado”. (Marc. 16,16). E’ o que Êle quer também hoje, caros jovens!

Entretanto agora, no “século das luzes”, levanta-se a pergunta, na mente de muitos moços: “Por que tomou Deus a fé e não a ciência como base da religião? Por que diz Êle: salvo será o que crer? Por que não diz: aquêle que entender minha doutrina, compreender minhas idéias e penetrar-lhe as profundezas, êste será salvo? Ou por que não: bemaventurados os ilustrados, os inteligentes, os sábios?

Sabes por que?

Porque Êle baixou à terra para a salvação de tôda a humanidade, estabeleceu a religião para todos.

Podem todos ser sábios? Não.

Poderá cada indivíduo em particular fazer estudos mais profundos? Não.

Mas, podem todos crer? Sim. A criança e o ancião, o pobre como o rico, o aluno e o mestre. Todos podem, com igual humildade, crer na palavra de Cristo, embora não a possam entender com

compreensão igual. Eis justamente a razão por que a fé é o fundamento da vida religiosa: todo o homem, seja quem fôr, pode possuir uma fé sólida.

Donde provém pois a incredulidade? Da estultícia e do orgulho dos homens. “Em Deus há três Pessoas e no entanto num só Deus e não três. Como poderá ser isso? Não entendo, portanto, não creio!” — “O sacerdote, na missa, pronuncia sôbre a hóstia estas palavras: Isto é meu corpo — e desde êsse instante já não há mais pão, mas o Corpo do Salvador. Não posso compreender, não posso crer!” A inteligência limitada do homem não quer crer o que êle não pode compreender. A causa de muitas dúvidas sôbre a religião é pois uma estulta pretensão de sabedoria.

Responderás que tuas dúvidas não provêm dêsse orgulho; que desejarias muito crer com alma humilde, e não obstante sofres de incertezas. Não temas, são tentações contra a fé, permitidas por Deus, para que aprendas a lutar e saías fortalecido da lição. De tais provações nem as almas piedosas se isentam. Com elas Deus tem em mira determinado fim. Realmente, qual seria o mérito em acreditar verdades da religião, depois que as tivéssemos compreendido como o 2×2 são 4? E’ merecimento acreditar nos resultados da tabuada? Certo que não. Pois, não há como fugir; nossa razão percebe claramente que só pode ser assim.

Com as verdades da fé, todavia, é bem diferente. Entre elas não há nenhuma que seja contrária à razão, embora muitas estejam acima de nossa inteligência. Sua aceitação exige a submissão, não só da razão mas ainda da vontade. E’ nisso que consiste o mérito da fé.

Quanto mais lutas contra as dúvidas, tanto mais meritória a fé. Muitos moços comentam ainda o motivo porque Deus não revelou mais clara e positivamente certas verdades. Por exemplo: "Jesus Cristo ressurgiu dos mortos", creio-o. Entretanto, não teria sido muito mais fácil a fé se, em vez de mostrar-se unicamente aos discípulos, O tivessem visto também seus inimigos? Por que não prostrou por terra, com sua aparição, aos escribas e fariseus triunfantes, como o fizera com os soldados no Jardim das Oliveiras?

Ou: "o Papa é infalível quando ensina *ex-cathedra* uma verdade da fé ou de moral", eu o creio. Mas, quanto mais fácil seria crê-lo, se Cristo tivesse dito a S. Pedro: "Tu és o chefe da Igreja; quando pois tu ou teus sucessores ensinardes um artigo de fé ou de moral, sereis infalíveis...?"

Por que Jesus não dispôs as coisas assim, bem concreta e explicitamente? pensará alguém. Ora, o ponto de vista acima apresentado, dar-lhe-ia a resposta. Deus não nos quer obrigar à fé, o que não seria meritório para nós; êle quer que nossa boa vontade tenha seu papel. Êle revelou as verdades com suficiente clareza, para que sem constrangimento possamos reconhecê-las; deixou também algumas coisas às escuras, em mistério, para que a fé, isto é, a humilde e meritória submissão da vontade, tenha também sua parte.

Que farás pois, quando as dúvidas te assaltarem? — Combate o inimigo com suas próprias armas. — "Quem sabe se existe realmente um Deus..., não há além-túmulo..." quiçá venha assim a tentação. Em resposta, reza devotamente o "Credo"! Ou o espírito te insinue talvez: "Será que Jesus Cristo está, realmente no S. S. Sacramento?"

— Ajoelha-te diante do tabernáculo, para entreter-te com o Divino Prisoneiro.

Ao sobrevirem hesitações e dúvidas acêrca de dogmas da fé, que ultrapassam nossa fraca compreensão, cuidado! não se obstine tua razão, querendo ver claramente o que não pode alcançar o limitado entendimento humano. Pois, se na ordem material podemos provar a realidade da existência de fenômenos vários, sem sabermos explicar sua essência, não temos direito de duvidar da realidade e veracidade de dogmas, porque não podemos perceber imediatamente o “como”. O mais seguro é expulsar logo da mente êsses pensamentos, com decidida energia.

Se as dúvidas surgirem em questões contidas no âmbito da razão, vai-lhes no encalço, procura instruir-te, pois é possível que estas dúvidas sejam um estímulo para que dispenses maior interesse à religião e alcances a clareza desejada. — Lê um bom livro que trate do assunto em que precisas esclarecer-te.

Pretensão e falsa confiança em si mesmo podem levar-nos à descrença. Muito mocinho está convencido de que é inteligente, superior, esclarecido, quando, à bôca cheia, anuncia aos companheiros que já não crê na doutrina da religião, que “já não é mais criança” e que deixou de submeter-se às prescrições da fé.

E, no entanto, se êle tivesse um pouco mais de experiência da vida, saberia que “servir a Deus é reinar”. Mas quem se afasta de Deus e já não quer servi-lo, no mesmo momento começa a ser escravo de algum ídolo, do dinheiro, das paixões, da sêde de honras e consideração.

Quem retira de Deus a mão, estende-a a Satanaz; quem desvia das estrélas o olhar, baixa-o ao lodo da terra, e sua vida perde anobreza e o valor.

O' pobre insensata aranha, rompes assim o fio prêso no alto, que suspendia a tua teia!

OS MENDIGOS DE SÃO MARTINHO

Embora a fé proporcione tanta felicidade, há grande número que nela naufragam, os incrédulos! Como explicá-lo?

E' realmente triste que homens percam a fé. Perder a fé em Deus é a mais terrível tragédia que pode advir a um homem. A causa mais comum porém, não é a razão, e sim o coração; não são motivos da lógica, senão apetites sensuais; não dificuldades oriundas da ciência, mas da moral.

Se fôra possível estacionar no simples ato de crer, isto é, na fé inativa, talvez nem houvesse descrentes. Entretanto, dos artigos da fé resultam sérias obrigações morais para a vida, para nossa atividade inteira. As verdades da fé exigem fuga do pecado, vitória sôbre as más inclinações, sôbre a ira, o ilimitado egoismo, a luxúria, etc., a exterminação radical de nossos defeitos. Mas, se apesar disso, ocorrem quedas, é ainda forçoso confessá-las com penitente exatidão. Quer dizer que a fé tem como consequência um ininterrupto combate: a luta contra os nossos defeitos, o esforço da perfeição.

Ai está justamente a explicação da existência de tantos incrédulos. Não querem crer, porque deveriam transformar radicalmente sua vida, e porque, éles se sentem bem em seus pecados atuais,

tão à vontade como os dois mendigos de S. Martinho.

Quem são os mendigos de S. Martinho? Certa ocasião, como se transladassem as reliquias do santo, com solene préstito, todos os doentes que se achavam no percurso ficavam curados. Perceberam-no dois mendigos aleijados, e um, todo assustado, diz ao outro: “Vamo-nos embora depressa; que será de nós, se ficarmos também curados? De que haveríamos de viver?...”

Vê: por essa razão muita gente não quer crer. Que seria dêles? Não poderiam continuar a viver em suas enfermidades morais, em seus pecados.

O pecador geralmente se defende contra as recriminações da consciência, como o avestruz perseguido. A ave foge desatinada, embora pudesse opor eficaz resistência com seu bico possante. Quando finalmente está de todo extenuada, esconde a cabeça na areia e pensa que seus perseguidores desapareceram, porque não os vê.

Também o pecador poderia livrar-se dos remorsos; bastaria renunciar ao pecado. Mas não!

Prefere fazer-se surdo e negar a vida eterna, Deus e a religião, para não precisar ver o perigo ameaçador da condenação eterna.

Anota o que diz o escritor francês Rousseau, nada religioso aliás: “Conserva tua alma em tal disposição, que ela tenha de desejar a Deus, e jamais duvidarás da existência divina”.

A MORAL SEM DEUS

A moral é jóia tão indispensável à humanidade, que todos consideram sua defesa como abso-

lutamente necessária. Por mais errados que sejam os conceitos de muitos acêrca da religião, todos proclamam unânimemente a necessidade de proteger os bons costumes e de salvá-los, em prol da humanidade.

Mas esta é justamente a pergunta: pode-se falar de moral sem religião? Pode alguém ter bons costumes sem ter fé?

Quando se instala a bússola num navio, procura-se isolá-la, o melhor possível, da influência de correntes magnéticas que poderiam provir da couraça do casco. A razão é a bússola da vida humana; correntes estranhas, oriundas do corpo — a inclinação para o mal — desviam-na facilmente e desgovernam nossa vida, se ela não estiver orientada para determinado ponto, muito acima de toda corrente de egoísmo e de ilusão própria. Se os homens, e não Deus, tivessem determinado o que é moral ou imoral, andariam muito mal parados a respeito da moralidade. Pois o que eu chamo pecado, com o mesmo direito outro poderia chamar virtude.

Portanto, quem não crê no Supremo Legislador, superior à natureza, quem não crê numa vida sobrenatural, depois da terrena não pode falar em moral. Em primeiro lugar deve o homem saber que é a criatura humana e quem é Deus; só então compreenderá o que deve fazer ou omitir.

Uma vida morigerada exige luta; não pode ser diversamente. Um colegial se exprimia assim: "Por que é tão difícil ser bom e tão fácil ser mau?" Não notaste ainda, e repetidas vêzes, êsse antagonismo trágico em teu coração? A razão reconhece

o bem e o deseja; nossa natureza decaída, pelo contrário, arrasta-nos ao mal...

No entanto, só poderei suportar os múltiplos sarrifícios e a mortificação de mim mesmo, que, uma vida de caráter, exige diàriamente, se minhas aspirações se apegarem ao Sumo Bem, a Deus, para Quem vivo, de Quem tudo recebo, e que, sòmente Êle, pode conceder à minha vontade a necessária inabalável fortaleza.

Um grande pensador grego tinha como pensamento favorito, que a alma humana provém de um mundo totalmente perfeito; daí o sentirmos um profundo descontentamento conosco mesmos, um como agulhão no coração, sempre que agimos mal, embora ninguém tivesse presenciado nossa falta. E a alma só é feliz quando faz alguma coisa que a reabilite e lhe recorde a pátria de onde desceu.

Voltaire convidou um dia seus amigos incrédulos, D'Alembert e Diderot, para um jantar. A mesa, os convivas começaram a falar das costumeiras frivolidades. Voltaire atalha a conversa: "Peço-lhes que não falem assim diante dos criados. Esperem que se tenham retirado, pois se ouvirem tais idéias e as puserem em prática, nossa vida correrá perigo". Haverá pois moral sem religião?

Napoleão I proibiu a leitura de livros anti-religiosos e justificou seu ato, dizendo: "Não me sinto assaz forte para governar um povo que lê Voltaire e Rousseau".

Estando Heine defronte a antiga e maravilhosa catedral gótica de Antuérpia, exclamou, tomado de admiração: "Sim, naqueles tempos tinham os homens ainda dogmas. Nós temos sòmente opi-

niões. Com opiniões não se podem construir tais monumentos!” E ele tinha razão. Mas o mesmo podemos dizer das maravilhas arquitetônicas da vida moral. O caráter também é um monumento, cujas colunas, alçadas para o céu, procuram elevar a alma acima das vias tortuosas do egoísmo, das paixões e das inclinações más. Contudo, a construção dessa basílica avança devagar e nunca se pode garantir sem os alicerces graníticos de sólida fé em Deus.

E’ verdade que se podem criar, teòricamente, sistemas éticos sem base religiosa. O essencial, todavia, é a fôrça que os faz viver. E’ fácil proclamar um sistema moral, difícil é pô-lo em prática sem base sólida.

E’ possível que antes do Cristianismo houvesse homens proeminentes, caracteres firmes, mas desde que Cristo nos foi exemplo da vida perfeita, não pode ser um caráter no sentido estrito, senão aquê-le que cumprir seu primeiro dever, o de submeter-se a Deus.

Por isso escreve mui acertadamente Racine a seu filho: “Quero crer que os teus esforços para te tornares um cavalheiro, não te fazem esquecer de que sòmente poderá ser gentleman aquê-le que cumprir seus deveres para com Deus”.

Pode alguém ser morigerado, se não acreditar no além-túmulo?

Ouve êste diálogo, travado entre duas estrêlas:

— “Olha, irmã, olha a terra. Que vês ali?” — perguntou a primeira.

— “Denso nevoeiro e nuvens que se acumulam ao redor dela”.

Passam cem mil anos.

A primeira esterêla interroga novamente: “Irmã, olha de novo para a terra. Que vês agora?”

— “Uma infinidade de formiguinhas bípedes que se agitam sôbre ela”.

— “São os homens”.

Mais uma vez escoam cem mil anos.

— “E agora que enxergas sôbre a terra?”

— “Nada se move. Gêlo e neve cobrem tudo...”

Até aqui o diálogo dos astros. Não sentes, caro jovem, o bafo gélido e destruidor da caducidade da matéria? Se a vida humana é transitória, se não há uma vida eterna, quem nos emprestará fôrças para perseverar na honradez, no caráter, na moralidade, também quando tivermos de sacrificar para isso o nosso progresso material, o êxito, o bem-estar, os apetites sensuais? Sim, para uma vida imortal estamos prontos a sacrificar os interesses temporais. Quem quisera, porém, trocar os bens passageiros por outros igualmente transitórios?

O PRINCIPAL E' A HONRA

“A qualquer credo pertencas, — nem sei se tens religião ou não — não importa, isso é secundário: o principal é ser honrado. Isso basta!”

Ouvirás por certo êstes conceitos: “Isso basta!” dizem êles. O escritor francês Ségur, deu a respeito uma resposta lacônica: “Naturalmente, isso basta para não subir ao cadafalso; mas não basta para entrar no reino dos céus”.

Não quero, todavia, liquidar tão simplesmente uma questão assim importante. Não o quero, para que, apresentando-se-te a dificuldade, possas oferecer uma resposta oportuna a palavras tão ôcas.

Em primeiro lugar pergunto: Se fôsse coisa indiferente a religião à qual pertencemos, por que se teria esforçado Nosso Senhor por inculcar em nós o verdadeiro sentido da divindade e a maneira melhor de servir a Deus?

E pergunto mais: “O essencial é a honra? Admitido. Mas, poderá ser honrado quem não tem religião?”

Se responderes sem refletir, dirás: “Naturalmente que se pode! Senão, veja fulano e sicrano! Sei com certeza que nunca põem o pé na igreja, que se confessaram a última vez quando se casaram; no entanto, são cavalheiros sem jaça, da cabeça aos pés”.

Depois de madura reflexão, a resposta seria de certo bem diferente. Que haja “homens honrados”, “cavalheiros”, que, infelizmente, não se importam de religião, quem o poderia contestar? Contudo, se examinasses de perto o que êles entendem por “honra” e “cavalheirismo”, haverias de pasmar. Sua honradez se resume em geral na observância escrupulosa das prescrições da cortesia e educação exteriores e na omissão de tudo o que os poderia por em conflito com as leis civis.

E o interior? A alma? Seus pensamentos? Seus atos secretos? Disso ninguém sabe coisa alguma. Mas o olhar onisciente de Deus, que penetra até o último, bastas vêzes só encontra podridão e imundície atrás de um exterior elegante e debaixo de

roupas perfumadas. Eis a opinião de um escritor de renome, acêrca dessa espécie de homens corretos: “Segundo a moderna honradez, honesto é aquêlê que paga suas dívidas mais urgentes, não se deixa apanhar em flagrante mentira, não provoca escândalo, em seus negócios consulta o código penal, contribui para coletas, anda bem vestido, dispõe de regular educação científica e pode apresentar os mesmos atributos em seu pai legítimo. (Walter Rathenau)”. Eis tudo.

A sociedade humana precisa de gente honrada. Mas verdadeira honestidade só se encontra em homens religiosos. Aquêlê a quem falta a religião, carece de fôrça interior que o sustente, em tôdas as situações difíceis, na senda do dever. Para que não te deixes subornar por vantagens indébitas, embora te oprima a miséria material; para que, como juiz, sejas imparcialmente justo; como mestre julgues com justiça, etc., só uma vida realmente religiosa te poderá habilitar. Por isso escreve Platão acertadamente: “Quem ataca a religião, ataca os fundamentos da sociedade humana”.

Se apesar disso vires homens de caráter, realmente honrados, descrentes segundo tua opinião, podes estar certo de que também sua honorabilidade se funda na religião, muito embora não queiram saber dela. Talvez tenham recebido na infância uma educação religiosa, à qual infelizmente se tornaram infieis; mas isso bastou para que os princípios religiosos os tenham apurado de tal modo que consideram a honradez como virtude natural. Um campo não irrigado se apresenta, muitas vêzes, verdejante de viço porque no sub-solo corre um fio de água vivificante, sem que ninguém o saiba.

A sociedade moderna não vive totalmente sem Deus, embora pareça o contrário. O cristianismo de vinte séculos embebeu de tal modo nossa vida com pensamentos cristãos, que todos são nutridos por suas forças ocultas, inismo aquêles que julgam possível uma honradez sem religião. Quando o sol desaparece no ocaso, o céu não escurece imediatamente; há uns raios dispersos que brilham ainda algum tempo.

Se no entanto encontrares algum incrédulo honrado, examina de perto o que o afastou do cristianismo. Será o que é nobre e grande? Não; mas alguma coisa estreita, apoucada ou superficial foi o que o arredou do caminho.

“Procurai um povo sem religião, escreve Hume, pensador inglês, e achardes, sabeis de antemão que êle não diferirá muito das feras”.

E' assim mesmo: sem Deus, torna-se a sociedade humana um bando de salteadores e a vida de cada um em particular torna-se insuportável. Espantados nós lemos, todos os dias, notícias sôbre suicídios, um dos maiores pecados que se possam cometer. Contudo, não nos admiremos que êsse crime ocorra com tanta freqüência. A vida não é um brinquedo de crianças, senão um tempo de trabalho árduo e de sérias proações. Quando sobrevém uma torrente de desgraças, nossa única esperança, apôio e fortaleza, é nossa fé em Deus, a certeza de que esta vida é sômente uma estação de passagem, que é o tempo da fidelidade, do trabalho, da perseverança; a convicção de que “quem fôr fiel até a morte, receberá a coroa da vida eterna”. Sem esta fé não se pode viver, e não é de estranhar pois que ante as proações procure refúgio no suicídio aquêles que perdeu a fé!

A CARICATURA DA FÉ

Um sábio educara o filhinho completamente afastado do convívio do mundo e nunca pronunciava diante dêle, a palavra "DEUS". Queria experimentar se a alma, abandonada a si mesma, poderia chegar ao conhecimento de Deus. Quando a criança atingira seus dez anos, o pai notou que o rapazinho se esgueirava de madrugada para o jardim. Seguiu-o de mansinho, e que viu? O menino, ajoelhado no solo, erguia as mãos postas para o sol.

Pobre rapaz! Tomava o servo pelo Rei! Mas, mesmo assim, deu uma brilhante prova de que a alma humana é religiosa por natureza. Fechando-lhes as fontes apropriadas, ela se apegava a grosseiras ilusões e erros.

Podemos retroceder até os tempos mais remotos da história dos homens e não encontraremos um único povo que não tivesse religião. A religiosidade é exigência da própria natureza humana. Negar a existência de Deus é violentar a natureza.

Observamos, hoje em dia, a cada passo a confirmação de que a alma do homem anela pela religião, e que sem esta fica desassossegada, impaciente, enferma. Vemo-lo naquêles homens, dignos de lástima, que se afastaram da religião. Acreditamos que êsses "descrentes" sejam realmente incrédulos? Não! A alma tem sêde de fé; ao desviar-se da verdadeira religião, ela se apegava com frenesi aos mais diversos substitutos da religião, a caricaturas grotescas de fé.

Floresce em nossos dias a mais crassa e estúpida superstição, não só entre ignorantes, mas tam-

bém entre os cultos. Provam-no os adeptos do teosofismo, do espiritismo, da astrologia, da cartomância de todos os tipos, ou como quer que se chamem todos êsses “fenômenos ocultos”.

Quem não aceitar a alma com a verdadeira religião, há de acreditar em fantasmas envoltos em lençóis; quem se diz incrédulo, torna-se ingênuo; quem não crer no Credo, acreditará em coisas ridículas. E’ como aquêlê homem que conta o naturalista dinamarquês Oerstedt: “Conheci um indivíduo que blasonava uma soberba descrença; de noite, porém, não se atrevia a passar diante do cemitério”.

Entre o povo simples é muitas vêzes a ignorância a causa da superstição; contudo, para as pessoas cultas, essa atenuante não vale. Célebres descrentes como Diderot, D’Alembert, eram ridiculamente supersticiosos. Frederico II, o “esclarecido” rei da Prússia, considerava prenúncio de grave infortúnio o fato de alguém cruzar garfo e faca; informava-se ansiosamente junto aos astrólogos da hora em que os astros seriam mais favoráveis ao seu projetado noivado com a filha do rei da Inglaterra.

O homem culto de hoje, “o filho iluminado do século vinte”, sorri talvez da ingenuidade dos antigos, ou dos hotentotês a dansar à roda do fogo, mas não vê, que à mesma hora, no centro das grandes cidades, milhares de indivíduos cultos são verdadeiros escravos de costumes supersticiosos.

Lancemos uma vista de olhos sôbre essa babel de superstições:

Topamos primeiramente com sinais e fatos, a que dão os tolos as mais fantásticas interpretações. Pergunto a um condutor de bonde pelo carro n. 13.

“N.º 13? Não existe”. — “Como? Por que não existe?” — “Ora holas, ninguém se atreveria a tomá-lo!” E no Hotel: “Poderia mostrar-me o quarto n.º 13?” — “13? Isso não temos. Não há hóspede que nêle se aloje”. — “E quando o hotel está repleto, superlotado?” — “Mesmo assim: o hóspede preferiria dormir numa banheira, a ocupar o quarto n.º 13. Nada disso! E’ número aziago!”

Pobre 13! Por que és número de mau agouro? Nem o 12, nem o 14 o são...

Do mesmo modo, a quinta-feira não é dia aziago, o sábado também não; mas a sexta-feira sim! Quem se atreveria a empreender viagem numa sexta-feira, fechar um negócio importante ou começar uma obra de valor? Quantas vêzes nós ouvimos: Não sou supersticioso, entretanto somos 13 à mesa, seria bom se viesse mais alguém”, ou: E’ verdade que não és supersticioso, mas não viajes amanhã, é sexta-feira”.

Um gato prêto cruza teu caminho: mau sinal, o resto do dia está perdido. Se te zumbir a orelha direita ou sentires cócegas na palma da mão, algo de bom vai acontecer. Contam que fulano morreu o que não se verificou na realidade, sinal certo de que êsse fulano terá longa vida. Uma coruja grita sôbre o telhado ou o relógio de parede parou? Em breve morrerá alguém da família... Quem não copiar seis ou nove vêzes certa oração e outras tantas a depositar na igreja ou enviar a igual número de pessoas, será infeliz; pelo contrário, quem o fizer, verá realizado um desejo que formulou.

Em seguida, a infinidade de adivinhações, revelações dos espíritos, a cartomância, ler a sorte pelas linhas da mão, determinar o horóscopo pelas

constaleções da hora do nascimento, etc., mas em particular a estultícia do espiritismo com seu ocultismo abalador dos nervos e destruidor da saúde, fazendo de seus sectários, candidatos ao manicomio.

Pobre “homem moderno”, que não queres crer! Até as orelhas estás metido nas crendices, porque não queres ter fé! Bem te quadram as palavras de Cícero: “Ninguém teme tanto a morte e a ira dos deuses, como os que negam a divindade”.

Talvez te admires de que eu tanto insista nas superstições. Faço-o para que vejas onde vai a falta de religião, a incredulidade; para que notes em quantas coisas acredita quem não quer crer em Deus.

O homem culto “moderno” sorri do homem do povo que espera a cura de seus males mediante ervas duma cigana; sem embargo, há nas cidades cartomantes em luxuosos apartamentos ou mesmo em casebres miseráveis, consultadas por “cultos” e “esclarecidos” senhores e damas. Aquela senhora não vai nem à confissão nem à comunhão — quem ainda acredita nisso? — mas espera ansiosamente, horas a fio, na antecâmara duma cartomante. Aquela mesma que não costuma rezar — por não ser moderno — procura saber o futuro mediante o bilhete puxado por um rato branco. Numa casa “moderna” não fica bem um crucifixo na parede e sim uma ferradura enferrujada na soleira da porta: porque traz sorte! Medalha de N. Senhora ao pescoço a fim de lembrar-nos a imitação das virtudes de Maria Santíssima? Não, fora com as coisas da Idade Média! Hoje tem-se um trevo quadrifólio: nada como isso para dar sorte!

Vê, ou somos religiosos ou supersticiosos. Quando se malogra o anseio da alma humana pela religião, viva, real e pura, êle se manifestará em extravagâncias doentias. Se fecharmos a porta à fé, a superstição entrará pela janela. Quem não crê em Deus, acredita em fantasmas da meia-noite. As crendices são um substituto para a fé: entanto, como sucedâneos, valem tanto como milho torrado em lugar de café.

Os próprios pagãos criteriosos zombavam dos supersticiosos. Certa vez um soldado achegou-se a Cato e perguntou todo trêmulo: “a noite passada, os ratos roeram minhas botas: que significaria isso? “Que os ratos tenham roído tuas botas, respondeu o romano, nada significa. Importante seria se as botas tivessem roído os ratos”.

A verdadeira fé é para a humanidade um rio vivificante e abençoado; a incredulidade, pelo contrário, um dilúvio devastador, que sepulta o terreno fértil debaixo de lodo nauseante.

Caro jovem, defende e conserva tua fé. Não acredites no trevo quadrifólio nem na cartomância, mas crê em Deus Pai, Todo Poderoso, Criador do céu e da terra. Não acredites no rato branco ou na ferradura, senão no Filho de Deus, Jesus Cristo, Salvador nosso. Não acredites em fantasmas ou nas ilusões espíritas; crê no Espírito Santo, na ressurreição da carne e na vida eterna.

NÃO POSSO SER SANTO

Muitos jovens têm arrepios ao ouvirem falar dos santos do cristianismo, principalmente quando lhes são propostos como modelos.

“Querem que também eu seja um santo?! Não! Não! não quero! E muitos se assustam só em pensar nisso.

Mas que é a santidade, e quem é chamado santo? Santidade é possuir um caráter nóbre que visa fins elevados. Santidade não é fuga do mundo, senão triunfo sôbre o mundo. Santidade é a energia de alma levada ao infinito. Santidade é a avaliação exata dos valores da vida. Os santos são heróis: heróis da liberdade de alma.

Que é que não pertence à essência da Santidade? Retrair-se furtivamente, inclinar a cabeça para o lado, revirar os olhos, entregar-se à tristeza, à melancolia, à indolência, ao extermínio de nobres aspirações naturais, enfim nada do que tanto amedronta, ao ouvir a palavra “santo”, é necessário para ser santo.

Que é pois o santo? Um herói! O herói da vitória sôbre si mesmo! Um sublime e aliciante modelo daquilo que a vontade humana é capaz de realizar. O sêlo da inabalável fé na insigne predestinação da humanidade. O exemplo da magna vitória sôbre o eu, exemplo que comunicou entusiasmo e vida a vários séculos. Santo é aquêlê que desenvolve, com conseqüências heróicas, o que possui de nobre, para que a imagem do Salvador se torne uma obra prima na sua alma.

E agora meu amigo, dize-me, não gostarias de ser um herói assim? Responderás talvez que isso são exigências demasiadas, que êsse ideal não pode ser realizado; menos ainda por um jovem do século vinte.

Digamos que tens razão. Não debes esquecer todavia, que um ideal não nos é proposto sòmente para que o alcancemos, mas também para que lu-

temos por êle, e nos esforcemos por alcançá-lo. Quanto mais elevada a meta que almejas, tanto mais te elevarás, exercitarás tuas fôrças, mesmo quando não a alcançares completamente.

Porque a imitação dos santos nos eleva também às alturas da vida espiritual. Os santos aplicam, por assim dizer, a doutrina de Cristo à vida cotidiana; em exemplos práticos, em fatos vividos, nos mostram como ela pode ser realizada e cumprida na vida humana. Uma grande energia se comunica à nossa fraca vontade, ao contemplarmos tais exemplos, e nos prova que não somente se deve, mas também se pode imitar a Jesus Cristo. E isto em qualquer carreira. S. Luis, S. Estanislau, S. João Berchmans conquistaram a liberdade espiritual, tornaram-se santos como estudantes, tanto como o rei Santo Estêvão, no trono. S. Martinho como guerreiro, santa Zita como simples empregada.

Não há negar: na vida de muitos santos encontramos particularidades que podemos admirar, mas não imitar. Quero chamar-te a atenção para isso, a fim de que não te desanimes. E' verdade que não podemos imitar certas mortificações e penitências, que muitos santos se impunham. E também é certo que não se exige a imitação de uma ou outra ação da vida dos santos, mas o espírito que os animou a tais atos extraordinários. No cristianismo primitivo houve santos, que por penitência se faziam murar, para tôda a vida, no jazigo de um túmulo onde nem podiam estender-se em todo o comprimento. E' natural que isso não se pode imitar. Mas — não é verdade? — o espírito de onde emana êsse profundo e verdadeiro arrependimento, nós o deveríamos aprender! Os cha-

mados estilistas, durante decênios, não baixavam da coluna sôbre a qual permaneciam. Quem os poderá imitar? Entretanto procuremos adquirir aquela fôrça de vontade, aquêlê heroísmo, aquela abnegação que lhes inspirava a realização de coisa tão extraordinária.

A tôda hora lemos que nesta ou naquela cidade se erigia um monumento a tal ou tal homem: um artista, um sábio, um general, etc. Quem realizou uma grande obra para a humanidade, agradecem-lhe com um monumento. Além disso, os grandes e ilustres varões não são honrados sòmente com estátuas; os objetos do seu uso, móveis, roupas, escritos, etc., são recolhidos e reunidos em museus. Está tudo muito bem. A veneração dos grandes é coisa profundamente arraigada na natureza humana.

No entanto, maiores do que os heróis da ciência são os heróis da vida! Mais ilustres do que todos os exploradores dos polos, pintores, químicos, são as almas heróicas que, com vitoriosa renúncia do próprio eu, souberam modelar em si o eternamente belo, a imagem divina. Sim, com tôda a razão enaltecemos os grandes escritores, artistas, sábios, estadistas; contudo, aos heróis da vida moral, a quem chamamos santos, a êstes, não devemos exaltar sòmente, mas, havemos de imitar seus exemplos.

“Santo”. Agora sabes o que a palavra significa. Não quererias ser um herói assim?

TENHO CÁ AS MINHAS IDÉIAS

Uma das características da adolescência, dos 14 aos 18 anos, é o desejo desenfreado de indivi-

dualismo. “Ninguém me dê ordens! A mim não agrada o que eu mesmo não concebi!”

Êstes não são incrédulos, mas apenas doentes, com febre. Muitos jovens são atacados da febre, nesse período da vida, pois que não querem trilhar um caminho já palmilhado por outros, nem que fôsse o próprio Salvador. Elaboram princípios, cada qual mais errado, só para não admitirem o que outros já aceitaram antes. Mais tarde, após alguns anos, já mais ajuizados e calmos, reconhecem que o caminho que leva a Jesus Cristo — muito embora milhões o tenham já trilhado — é a única via, sempre nova, fortalecedora, e que vale a pena ir por ela.

Cuidado, ó meu jovem! Nesses anos, não te tornes infiel à tua fé, só porque não foste tu quem a fêz! Lembra-te que antes de ti houve espíritos insignes, que se ocuparam detidamente com as questões da vida, e se êles se submeteram humildemente à doutrina da fé católica, a fidelidade à fé em nada prejudicará tua independência”.

Bem sei das dificuldades de compreender essa verdade para um moço, que considera questão de honra, ter uma interpretação individual do mundo, por meio de excertos tirados de obras filosóficas mal digeridas e de hipóteses científicas não comprovadas. A indiferença religiosa e a libertinagem facilmente disfarçadas com um pouco de verniz científico. O mundo, em sua leviandade e perversão, chama “espiritual” e “esclarecido” ao jovem que olha com desprezo sua fé, enquanto que alinha de fanático quem a ela permanece fiel.

Se refletires um instante, perceberás logo a falsidade dêsse critério. A respeito disso, vou fa-

lar-te com tôda a clareza. Em tua adolescência pode acontecer que sobrevenham dúvidas angustiantes acêrca desta ou daquela verdade religiosa: "Nas aulas de religião aprendemos isto ou aquilo; e contudo, segundo os mais recentes resultados da ciência, isto ou aquilo não está certo!" Ou, pode suceder ainda que consideres como "antiquadas" ou "demasiadamente severas" algumas prescrições da Igreja. E ainda pode ser que, por causa de teus horizontes cada vez mais vastos, notes muitas faltas e fraquezas humanas, também nas instituições da Igreja.

Ora, meu amigo, procura, nestes casos ter firmeza de ânimo. Isso são provações espirituais, e elas não te autorizam a criar, só por despeito, uma religião "independente". E' preferível pensar: Nosso Senhor, incumbiu a Igreja da defesa de sua doutrina, eu o sei e o creio. Não devo escolher entre os ensinamentos de Jesus Cristo: isto é belo, compreensível e aceito-o; aquilo é singular, incompreensível, não quero aceitá-lo. Não posso ser cristão, 20, 30, 50 por cento e no resto "pagão", "individualista", "modernista". Devo ser católico cem por cento, pois Deus não me confiou êste ou aquêle dogma, senão tôda a doutrina da Igreja.

Não é verdade? Deus não fala em particular a cada homem, para revelar-lhe sua vontade e suas leis. Para a transmissão de sua vontade, Êle organizou uma instituição especial, a Igreja Católica. Jesus disse aos seus discípulos: "Ide, pois, e ensinai a todos os povos e batizai-os... e ensinai-lhes a observar o que vos mandei. E eis que estou convosco até a consumação dos séculos" (Mat. 28, 19-20). Com estas palavras, confiou à sua Igreja a

mais ampla divulgação das verdades por Ele ensinadas.

Do soberbo edifício que chamamos Igreja, não se pode retirar uma única pedra, sem abalar a construção tôda. Porque não posso compreender um ou outro dogma, porque esta ou aquela lei me parece errada, não hei de dizer logo: isso não é verdade, a religião católica é antiquada, um jovem moderno não pode mais ser católico... E' bem possível que a causa de minhas dúvidas esteja no conhecimento deficiente, na minha pouca prática da vida. Olho em meu derredor, lanço o olhar para o passado e verifico que os mais ilustres representantes do espírito humano, sábios geniais, artistas, personalidades criadoras, não procuraram uma "religião independente", mas foram filhos fiéis da fé católica. Da mesma forma, meu cérebro ainda novo não sofrerá humilhação se eu inclinar a cabeça ante a Igreja, e aceitar fielmente todos os seus dogmas e mandamentos, inclusive aquêles que, durante os anos de efervescência, eu considero como velhos e pouco sólidos.

E se notares falhas e fraquezas, quiçá nos mais sagrados pontos da história bimilenar da Igreja? Que fazer então? Escuta! Diante do famoso quadro de Ticiano o doge Grimani e seu séquito, estava certa vez um sapateiro. Examina a maravilha genial do artista. Olha, olha e finalmente diz: "Todo o quadro nada vale; a costura do sapato de uma das figuras está errada!" Cuidado, não venhas a ser um sapateiro de Veneza, que não vai além da costura e que por causa disso não pode perceber o sublime e grandioso conjunto.

ENTRE LOBOS

Sabes, meu amigo, que coisa é não uivar com os lobos? Ora! Esta pergunta te espanta? No entanto, ela aponta o grande perigo que ameaça muitos jovens que têm, infelizmente, caráter fraco. Lembro-me a profunda impressão que me causou a história da covardia de Pilatos. “Não acho culpa nesse homem”, disse.

— Põe-te então no lado de Jesus acusado! Liberta-o! Defende-o contra o populacho! — Não, Pilatos não é capaz disso, porque lhe gritam ao ouvido que o acusarão diante de César. — Ah! junto a César? Então encerrarei minha carreira? — Pois que pereça Jesus, eu quero progredir!

Esta covarde falta de princípios repete-se na vida de tantos jovens... Eles gostam de sua religião e praticam-na, contanto que ninguém em sua presença pense diversamente. Pois, se alguém começar a zombar da religião, se um cabecinha de vento ridicularizar as coisas mais sagradas eles se retraem receosos, calam-se, envergonham-se: poderiam dirigir-lhes motêjos, chamá-los de carola ou ingênuo... A princípio sorriem sem jeito, “para não ofender os de outra opinião”; com o tempo aceitam opiniões mais livres; por fim eles uivam com os lobos, isto é, por medo dos homens, renegam covardemente sua fé.

Bastava que refletissem um pouco: por amor a quem traíram a verdade? Pilatos fê-lo por causa do populacho; e eles? Por causa de uns tolinhos de cabeça ôca.

Grandes idéias exigem mártires. E’ fácil filosofar em cômoda poltrona, junto à mesa posta ou

à lareira confortável. Mas, a fôrça de um ideal só se manifesta deveras quando em luta de vida e morte, quando a defesa dum principio pede o sacrificio da riqueza, do bem estar, da família, da própria vida.

Bein podes orgulhar-te da fé católica, quando mais não o fizeses senão por ter proporcionado fortaleza a milhões de mártires, a fim de perseverarem mau grado as mais horríveis torturas.

Há uma biblioteca inteira sôbre os sofrimentos dos mártires. E' impossível narrar pormenorizadamente aqui seus feitos sublimes.

Servir-te-á, entretanto de incentivo na fé, a leitura freqüente de suas vidas, e o espetáculo de sua inabalável firmeza ante o martírio; não sômente homens, mas ainda mulheres, anciãos, meninas e rapazes. Os imperadores romanos, os sacerdotes dos ídolos, os filósofos e os algozes sedentos de sangue jamais os pouparam, movidos pelo desespero do paganismo agonizante.

Entre êles houve meninos, que se poderiam ter subtraído às terríveis torturas, caso cedessem numa ninharia apenas: deitar uns grãozinhos de incenso no altar do ídolo; com uma única palavra renegar a Cristo. Mas não, não o fizeram!

Leônidas o pai de Orígenes fôra encarcerado. O menino escreveu uma carta, em que pedia a seu pai não renegase sua fé por amor à família. Leônidas sofreu serenamente a morte, e o órfão Orígenes suportou herôicamente com sua mãe e seus seis irmãos menores, a pobreza em que vieram a cair.

Cirilo, rapaz de doze anos, foi expulso de casa por seu pai, por causa da fé cristã. O juiz pagão mostrou-lhe os horrorosos instrumentos de tortura.

para causar-lhe medo. Cirilo exclamou: “Andem depressa, depressa, para que mais cedo eu chegue ao céu”. E, durante a execução, era ele quem consolava os assistentes que choravam.

Contudo, não é somente nos primeiros séculos que correu o sangue de fiéis confessores da fé; sempre houve almas fortes que souberam suportar as dores por Jesus Cristo e pela fé católica. Encontrarás nas páginas da história inúmeros homens de caráter que terminaram seus dias sob o cutelo do algoz, porque não quiseram abjurar a fé católica (na Inglaterra, por ex., o bispo Fisher, o chanceler Tomás Moro, etc.). Não é pois uma inominável covardia, repudiar tua convicção religiosa, por medo a gente frívola e leviana?!

“Mas são rapazes de famílias distintas!” Não, não são! quem fala levemente de coisas religiosas, dá prova cabal da baixeza de seu caráter. “Contudo, são jovens da melhor sociedade!” Não! Onde não se respeita a Deus, não há boa sociedade.

“Mas eles são muito mais velhos do que eu! Que posso fazer?” Quem quer que ataque a religião, embora seja muito mais idoso do que tu, diz-lhe tua opinião calma e refletida, mas corajosa e decididamente. Não entres em discussão com os adversários — isso não dá resultado — mas não suportes sem reação nenhuma calúnia. Imagina, então, a Jesus de novo diante de Pilatos, e indigna-te como se alguém fizesse mal a tua mãe:

Não permito que espezinhem minha fé católica! Não suporto calado que se insultem coisas sagradas! Não quero ouvir, covardemente passivo, os inimigos de minha religião! Não permito, como Pilatos, que se ultraje a verdade! Guardo no coração as palavras de Jesus: “Quem me confessar

diante dos homens, eu o confessarei diante do Pai Celeste. Quem me negar diante dos homens, eu o negarei diante de meu Pai Celeste” (Mat. 10, 32-33).

RELIGIOSIDADE EXTERIOR E INTERIOR

“Sou religioso, sinceramente religioso; todavia, o que se passa entre Deus e mim, não o revelo aos outros. Isso não é da conta de ninguém! A vida religiosa é manifestação tão delicada da alma humana, que não se deve pô-la à mostra; cada um resolva o assunto consigo mesmo, em segredo, no seu íntimo. O principal é ser interiormente religioso; tudo o mais, exterioridades, formas, cerimônias, é de somenos importância...”

Assim falam muitos jovens, mesmo aqueles cuja religiosidade sincera e firme está acima de qualquer dúvida, mas que, todavia, não compreendem quão errôneo seja esse modo de pensar. E sabes porque tão dificilmente percebem o engano? Porque há muitas coisas verdadeiras em suas palavras.

“A religião é manifestação em extremo delicada de nossa alma”, dizem eles, e nisso têm toda a razão. “O essencial é a religiosidade interior!” Também está certo. Eu mesmo teria dificuldade em achar uma reprovação assaz forte para um homem que, por qualquer motivo, finge piedade exterior, imita práticas piedosas, enquanto sua alma está cheia de impureza, sem um pensamento religioso sério.

Tudo isso é indiscutivelmente exato. Sim, a religiosidade pode tornar-se mera exterioridade, cerimônia inanimada, se lhe faltar a vitalidade in-

terior sincera. Religioso não é quem exalta com os lábios as glórias de Deus enquanto sua alma está bem longe. Religioso outrossim não é quem reza muito, vai à igreja, mas vive em pecado e tem o coração indiferente, duro para com o próximo. Tal religiosidade exterior é apenas uma caricatura, um escárneo da verdadeira idéia de religião, coisa muito própria a propagar um conceito errado de religião.

Portanto, fique bem claro: o que é decisivo é a convicção e vida religiosa interior. Mas é errado que devamos esconder tímidamente nossa convicção religiosa. Não digo que nos devamos referir a ela a todo instante, com ou sem motivo, Deus sabe nossa virtude; minha vida religiosa se realize, de fato, em silêncio, entre Deus e minha alma. Contudo, se eu estiver numa roda em que se fale de religião, de convicções, de princípios morais, seria covardia, falta de princípios, deserção, se eu me envergonhasse de minha religião, se corasse e não dissesse nada.

Se andares pela rua com um camarada de outra crença não debates com êle questões religiosas. Mas, se passares diante de uma igreja, e por causa do companheiro não tirares o chapéu ("a religião é assunto interior"), estarás dissimulando covardemente tua fé. Quando rezas confiantemente em casa, em teu gabinete de trabalho, longe de vistas estranhas, fazes bem, mas se te envergonhasses, entre centenas de pessoas, de dobrar o joelho diante de Jesus sacramentado — "já que o exterior não é importante", — então serias novamente covarde. Bem sei que possuis alma pura, não inicias jamais conversa inconveniente. Muito bem; mas, quando outros as iniciam e te ris de suas obscenidades —

“não devo ofendê-los, não rindo também” — então dás exemplo de covarde traição a teus princípios.

Vê! O essencial é a religiosidade interior, mas devemos provar, também externamente, as nossas convicções. Essa aparente “exterioridade” não é, muitas vezes, senão um aprofundamento do “interior”. Pois, não é de todo natural que o corpo cáia de joelhos, quando a alma fala com Deus?

Com que franqueza confessa o grande húngaro, conde Estêvão Széchenyi, em seu diário: “Passei minha juventude em ócio e ignorância. Eu não era ruim e pervertido, mas não reconhecia os múltiplos defeitos que tinha. Na grande luta da existência e observando a vida humana, recobrei a calma e aprendi a reconhecer que não basta à alma seguir a voz interior, mas que é preciso observar também as formas exteriores da religião”.

Segue, pois, as formalidades exteriores de tua religião, embora se afirme: O essencial é a religiosidade interior, sem a qual tôda a exterioridade é fingimento. Suponhamos, entretanto, que urge confessar a Fé, e nosso modo de pensar? Não hesitemos então um só instante! É fato curioso que nesse particular, mesmo católicos bem formados, se vejam tão fracos. Adeptos de outros credos mostram-se muito mais orgulhosos de sua crença. Entre nós, a vergonha, o respito humano tornaram-se verdadeira “doença católica”.

Se refletires um pouco sôbre a incomensurável bênção, que durante 2.000 anos, o cristianismo derramou sôbre a humanidade, reconhecerás que tens tôda a razão para te orgulhares da Fé.

Deixemos, por agora, de lado os valores puramente espirituais do cristianismo; consideremos

apenas a questão: que valor teve ela para a civilização humana? Imagina que não houvesse cristianismo: quanto mais pobre em valores estaria o mundo! Visita os museus e suprime os quadros e estátuas que sejam obras primas cristãs: quão pouco ficaria das coleções! As suntuosas catedrais deveriam ser derrubadas, pois nasceram do espírito cristão. O gênio musical de um Händel, Palestrina, Beethoven, Mozart, Rossini, acendeu-se na religião. Os primeiros hospitais, orfanatos, asilos e educandários brotavam da caridade cristã. Os princípios das escolas e universidades remontam até o cristianismo. Vês? Que vácuo haveria na vida da humanidade, se devêssemos eliminar seu centro, a cruz de Jesus Cristo. ,

Não! minha fé não tem realmente nada, de que deva envergonhar-me. Tanto mais razão tenho para orgulhar-me dela!

RELIGIOSIDADE VARONIL

Muitos jovens se afastam da vida religiosa ao verificarem o contraste entre a aparente religiosidade exterior de alguns companheiros e sua esterilidade espiritual. Outros, trazem ' prática da religião demasiado sentimento e por seu sentimentalismo fazem com que a religiosidade seja mal interpretada pelas pessoas sérias. Religiosidade é o culto de Deus conjuntamente prestado pela razão, o coração e a vontade. O coração ou sentimento tem, pois, também seu papel, mas um elemento não deve demasiar-se em detrimento dos outros dois. Da religiosidade exageradamente sen-

timental pode-se dizer o que, infelizmente, alguns afirmam de tôda a religiosidade: ela é própria só para o povo e as mulheres.

Como? A religião é boa sòmente para o povo e as mulheres? Para os cultos, inteligentes homens modernos não serve? — Certo que serve! A religiosidade bem compreendida, real, varonil, serve e sem contestação!

E quando será ela real e varonil?

Podem alguns ter idéias de religião adulterada quanto o quiserem; não poderão negar que ela é um dos mais belos ornatos que constituem a verdadeira nobreza do homem.

Em nossos tempos, tentaram tirar à religião sua autenticidade, e substituí-la por diversas especulações científicas; em vão! Onde se atacou a religião, começou a decadência da virtude, da honestidade, do sentimento do dever, da consciência, do caráter, — numa palavra, dos mais belos ideais da humanidade. Podemos buscar exemplos na história dos antigos gregos, dos romanos e outros povos. Ali, a vida dos próprios sábios, que procuravam tudo o que era bom e nobre, não se isentava de falhas, porque êles não conheciam a verdadeira religiosidade.

Mas, que é a verdadeira religiosidade?

Verdadeira religiosidade é a submissão da alma humana a Deus, nosso Criador e Supremo Fim. Esse “dobrar-se” nos dá fôrças contra nosso egoísmo, faz-nos independentes do mundo e de nossas inclinações desregradadas. A religiosidade prodigaliza à alma tal ascendência sôbre o mundo, que Kant a chamou com razão “Medicina universal”, pois nos torna capazes de suportar tôdas as penas.

Um grande general dizia: "Ser soldado é não comer quando se tem fome, não beber quando se tem sede, ajudar o companheiro ferido, quando a gente mesmo apenas consegue arrastar-se".

Soldados de Cristo, no entanto, significa ser um jovem religioso; quer dizer, não cometer pecado, muito embora a tentação nos alicie; cumprir a todos os momentos o dever, por mais aborrecido que nos pareça; servir a Deus pelo heróico cumprimento de tôdas as obrigações da vida.

Se salvares alguém de um incêndio, ou retiras da água quem está a afogar-se, farás uma ação heróica. Contudo, em outras circunstâncias, terás o mesmo merecimento se recolheres um caco de vidro ou uma casca de laranja, para evitar que alguém corte o pé ou quebre uma perna. Ouvi contar que um jovem aventureiro sentara-se à margem do Danúbio, esperando que alguém caísse na água, para salvá-lo. Acho que ainda hoje lá está sentado e que envelheceu de tanto esperar. Entrementes êle perdeu mil ocasiões pequenas, que se teriam apresentado diariamente, para fazer algum bem. O valor duma boa ação não depende da dificuldade que apresentou, do tempo que durou, mas da prontidão, atenção, alegria e espírito de sacrifício com que foi realizada.

Meu ideal não é um jovem a quem errônea interpretação de religiosidade tira a alegria, o temperamento juvenil. Na realidade há dêsses "jovens piedosos", que se retraem timidamente dos camaradas, não têm amizades e que consideram inconveniência e até pecado um bom humor tumultuoso, balbúrdia e chistes inocentes. São indubitavelmente jovens sinceros e dignos de respei-

to; mas julgam, illusòriamente, que o sentimento religioso se restringe apenas a exterioridades.

O jovem deveras religioso nunca é excêntrico. Não fala muito de religião, mas vive segundo ela; com isso não quero dizer que dela se envergonhe. Entre bons companheiros, não procura ser a todo custo o mais valente; em companhia, porém, de camaradas levianos, não cede nem um ponto sequer de suas convicções.

Infelizmente, na alma de muitos moços, o sentimento religioso murmura apenas como um fio de água! Há por aí, lá longe, acima das nuvens, um bom velhinho, Deus, a quem devemos rezar, de vez em quando, ou porque d'êles queremos alguma coisa, ou porque o tememos"; nisso consiste tôda a sua religiosidade...

Santo Deus! Que esqueleto de religiosidade é essa, que pão sêco em vez de alimento vivificante! O moço de fé profunda não representa a Deus muito acima das nuvens, uma vez que é incomensurável e ocupa o mundo inteiro, "pois, nêle vivemos, nos movemos e somos", e mesmo que o quisessemos Dêle não poderíamos fugir.

Nem por sombra deveríamos fugir de Deus: Êle é o amor infinito que nos obriga a dobrar os joelhos; é a bondade inesgotável que atrai o coração do homem com fôrça magnética.

Para o jovem verdadeiramente religioso, Nosso Senhor não é uma idéia ôca, uma vida que se aprende: onde nasceu, onde viveu, onde padeceu: Jesus é para êle uma realidade, cujo ser divino se grava em sua alma e nela se incorpora. Sem Êle a alma é uma gélida câmara frigorífica; no

melhor dos casos, um jazigo mortuário, ornado de jóias preciosas, sempre contudo um túmulo sem vida, sem calor, sem coração a pulsar.

Muitos jovens julgam religiosidade certo gosto de rezar e ir à igreja. São apenas formas exteriores de religião, aliás necessárias; mas se a religiosidade se resumir só nisso, corre o perigo de ser mera exterioridade.

Por verdadeira e varonil religiosidade, eu entendo muito mais. Entendo a idéia, que enche toda minha vida; o pensamento de que, em todo o meu ser cada pulsação do coração, a todo instante, com todos os meus pensamentos, sou humilde servo do Pai Onipotente, ao qual portanto gosto de rezar, cujas igrejas visito com alegria, mas a quem também quero servir a todas as horas, com todos os meus alentos. Para o jovem realmente religioso, rezar não é somente recitar o Padre Nosso, mas qualquer trabalho e o próprio recreio. Oração é sua refeição, seu estudo, o cumprimento de seus deveres, sua vida toda, porque quer com isso glorificar a Deus.

Vê, filho meu, isso é religiosidade varonil! Já refletiste desta maneira sobre o que quer dizer ser jovem religioso?

Que sabe de tudo isso o moço sem vibração de alma, para quem a religiosidade consiste em recitar sem atenção à noite, sua oração, e assistir à missa aos domingos porque está obrigado! Pobrezinho! Contenta-se com um fio de água, quando têm à mão torrentes copiosas de águas vivificantes. Verdadeira religiosidade é alegria e consolação, estímulo e vibração na vida do homem.

A IMAGEM DA VIRGEM NA FLORESTA

Numa das nossas excursões de férias com meus alunos, chegamos de uma feita a uma floresta esplêndida e acampamos numa linda clareira. Em derredor havia veredas silenciosas, e, a alguns minutos do acampamento, onde se divertiam pássaros e esquilos, um carvalho colossal, onde se afixava belíssima imagem de Nossa Senhora.

À tarde houve uma briga entre alguns rapazes. Caçoavam um com o outro e se provocavam. Afinal, um deles perdeu a paciência; avançou contra o contendor e, sem hesitações, começou uma pancadaria em regra. Não foi bonito, isso não, mas o que aconteceu, aconteceu!

Mais ou menos uma hora mais tarde, eu andava sozinho por um dos atalhos e refletia sobre a repreensão que daria aos pequenos delinquentes.

Chego à imagem da Virgem. Que vejo? Um dos briguentos está lá, de joelhos. O sol derrama seus raios sobre sua cabeça inclinada. Seu coração pulsa forte. A Mãe de Deus olha complacente o menino ajoelhado, já estou perto dele, quando me avista. Depressa, quase assustado, se levanta. Uma grossa lágrima lhe corre pelas faces. Disse-lhe algumas palavras e segui meu caminho, mas com intensa alegria no coração...

Isso sim, é um jovem varonilmente piedoso. A religião lhe é força e consolação. Ele deu um passo em falso, como a qualquer pode acontecer, mas tratou de reparar sua falta e aprender para o futuro: nem todos costumam proceder assim, à noite, os contendores eram de novo bons amigos.

No grupo havia também um rapaz iracundô. Tinha dificuldade em perdoar e esquecer. Mesmo depois de começar a oração da noite, os pensamentos de vingança lhe ferviam no cérebro. "Padre Nosso que estais no céu... Espera, aquêlê camarada que zombou de mim há de me pagar... Meu Deus, assim não posso rezar. Vou começar de novo: Padre Nosso... santificado seja vosso nome..." Mais uma vez lhe foge a atenção, e êle pensa de novo na briga. Começa de novo a oração; pela terceira, pela quinta vez... "perdoai as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores... Ai! que rezei agora? Perdôo? Meu Deus, êle me ofendeu primeiro! Pouco importa! Pois então: assim como nós perdoamos... Sim, perdôo, pois que fique esquecido". Eis outro jovem virilmente piedoso, e que foi buscar, da religião viril resoluções dignas.

Outro quadro.

Diante do altar duma igreja silenciosa está ajoelhado um jovem. Em sua alma turbilhonam tempestades tremendas. Fugiu para cá a fim de buscar força contra as tentações atormentadoras, junto ao Homem Deus, que vive misteriosamente entre nós.

"Senhor, Vós sois puro, a pureza mais absoluta! Bem sabeis que não quero tornar-me mau, que não quero pecar. O fogo das paixões me consome, não me dá tréguas nem de dia nem de noite, mas eu não quero cair. Senhor, um fogo infernal arde em minhas veias, como se fôsse lava incandescente. Meus sentidos me apresentam imagens sedutoras, mas Vós, Senhor, não me deixareis cair! Não quero pecar, não, mil vêzes não!"

A lâmpada do Sacrário tremeluz, o Crucificado olha com benevolência para seu filho fiel. Eis aí um jovem varonilmente piedoso; a religião lhe é fonte de energias na hora da tentação.

Depois de tudo isso, responde: é a religião realmente só para crianças e mulheres?

Por nada no mundo quisera eu que pensasses (muitos o fazem, infelizmente), que a verdadeira, profunda religiosidade te impediria viver uma bela e nobre e eficiente vida terrena. Não penses que deve ficar para trás, retrógrado, desajeitado por todos, quem permanece no estado de graça que é, na realidade, a vida piedosa.

Há muitos moços que pensam assim da religião, e naturalmente se amedrontam.

“Não quero ser um “santo”, um “carola” assim! — me dizia um moço de 17 anos, cheio de fôrça, vendendo saúde, ardoroso esportista, bom estudante, e que cuidava de manter em ordem a sua alma, porém que não queria ser “um santo assim”.

Mas que é “um santo assim”?

“Ora, gente cabisbaixa, que sempre se retrai, não posso ser; um “ai Jesus”, que em tudo só vê o que é ruim, que não ri, que nem se atreve a fazer uma arte inocente...”

Mas, meu filho, quem te meteu na cabeça que isso é verdadeira religiosidade? Muito pelo contrário! E' verdade que a religião nos quer preparar para a vida eterna, mas também nos ensina que podemos ganhar o céu por uma vida terrena honradamente vivida. Com isso ela eleva e santifica o valor da vida terrestre, seu trabalho e deveres. Não haverás de ser alegre, praticar o esporte, frequentar a sociedade, procurar progredir, se quiseres levar uma vida piedosa?

Mas não! De forma alguma! Viver na graça de Deus, ser realmente religioso, ouve em que consiste: Quando rezas, considera que Jesus está contigo, aumentando assim o valor da oração; quando estudas, pensa que Jesus está presente e teu trabalho transforma-se em oração; se te recreias, jogas, fazes uma brincadeira inocente, procuras uma companhia, também ali está Jesus contigo e eleva a vida cotidiana a obra meritória, a hino de louvor a Deus. Vê, isso é a vida dum jovem realmente religioso, isso é religiosamente varonil.

Que é que impressiona mais os homens? Grande fôrça muscular? Não? Não! A fôrça domada e dirigida, sim. Quantas vêzes considero um trem expresso, quando penetra na estação. Há um momento, essa massa colossal ainda voava fragorosa sôbre os trilhos, a locomotiva devorava o espaço; agora, um ligeiro movimento de mão do maquinista, e o monstro de aço pára arquejante, como pregado ao solo. Maravilhoso! E uma sensação de poder nos enche o coração. Que foi? A fôrça domada, obediente. — A religiosidade fornece à alma justamente essa fôrça.

Os grandes homens estavam prontos a fazer os maiores sacrifícios por sua alma. S. Bernardo, atacado por tentações de sensualidade, pulou num lago gelado e disse: "Agora vejamos se o corpo ainda exige alguma coisa!" S. Francisco tinha fortes tentações impuras; deitou-se nas urtigas: "Quero ver se meu corpo ainda exige alguma coisa!" S. Martinho também tinha de lutar contra terríveis tentações. Pôs o pé no fogo: "Dói? Se fôres condenado, quanto mais não doerá?" Que heróis da consciência, heróis do caráter!

Não quero mesmo que sejas “tal santo”. Não! O jovem religioso deve ser hábil, esforçado, saber impor-se no mundo científico. Em tôda a linha, ser homem. Se Deus te tiver concedido um espírito atilado, dotes especiais de inteligência, forma-te especialista nesta ou naquela ciência, sê sábio que faz honra à sua fé. Um homem assim é orgulho da Igreja e pode servir como exemplo edificante de religiosidade a milhares de concidadãos. Se Deus te deu talento artístico, torna-te artista, fiel observador dos preceitos, renumera-te entre os portadores dos mais ilustres nomes, que durante milênios, foram ornamento da verdadeira arte e orgulho da Igreja Católica. Contudo, o que quer que sejas, engenheiro, jornalista, médico, advogado, soldado, comerciante, cuida de duas coisas: vê varonilmente religioso e perito nas coisas de tua atividade. A uma profunda religiosidade, alias um profundo conhecimento profissional, para que todo o mundo te considere como valioso representante do moderno homem culto.

Verdade é que qualquer atividade moral representa certo receio do mundo, certa resistência contra as inclinações da natureza decaída, mas uma resistência que se faz em vista de uma vida mais elevada, mais nobre, mais livre. S. Paulo viajou num navio consagrado às divindades pagãs Castor e Pollux, mas, por isso não se tornou pagão. Da mesma forma, talvez, também nós devemos viver em ambiente corrompido e imoral, sem permitir contudo que nos arrastem à imoralidade e à falta de caráter.

Nas guerras napoleônicas, deu-se um comovente fato, após um combate. O campo de batalha estava juncado de cadáveres. Quando Napoleão

passava com seu Estado Maior através da enorme seára da morte, de entre os mortos ergue-se a custo um jovem ferido e assenta-se, braços cruzados no peito. Admirado, o general pára. “Que fazes aí?” perguntou: “Ontem, respondeu o jovem, eu lutei porque sou soldado, agora rezo porque sou cristão”. Napoleão lhe estende comovido a mão: “Isto sim, é que é um verdadeiro soldado!”

Sim, cumprir seu dever para com Deus e exercer conscienciosamente a profissão, é próprio do homem religioso, é verdadeiro caráter varonil.

RELIGIÃO E CARÁTER

Caráter varonil! A jóia mais bela e mais preciosa do mundo! Um homem que descortina claramente seu fim, que sabe vencer as tentações, que não se desvia do caminho nem para a direita nem para a esquerda, que conserva puro seu coração, que é amável e delicado para com seu próximo, mas que permanece firme e fiel às suas convicções — eis um caráter varonil! Coisa rara, hoje em dia...

Mas não o queres ser?

Sabes que é a verdadeira e profunda religiosidade que, sobretudo, te ajudará a consegui-lo?

O jovem religioso preza o seu valor. Saber que somos filhos de Deus é fonte de justificada ufania no conceito próprio. Prezo minha alma, conservo-a isenta de culpa, adorno-a com boas obras, porque sei que ela é um bem mais precioso do que a natureza inteira. Cuido porém, igualmente do meu corpo, não permito que se rebaixe

ao serviço de hábitos pecaminosos, porque sei que é templo do Espírito Santo, ao qual devo preservar da profanação.

Elevado conceito de si mesmo, só o pode ter o homem religioso. Sòmente aquêlê que sabe inclinar-se diante de Deus, pode andar de cabeça erguida. A religiosidade e a boa consciência não nos tornam orgulhosos e impertinentes, mas dão-nos firmeza inquebrantável, em face da moral inconsistente de hoje. Olha em 'derredor: os que se manifestam estouvadamente contra Deus e a religião, dobram-se, geralmente, submissos ante interêsses materiais e fins egoísticos. A religiosidade nos dá confiança em nós mesmos, não permite que consideremos timidamente a opinião dos outros, para regular segundo ela as nossas ações. O moço religioso sabe dominar com mão firme o fluxo da vida exterior, tão bem como sabe ser o senhor absoluto de sua vida interior, de seus desejos, inclinações e aspirações.

O jovem religioso não é oportunista. Nunca há de renegar covardemente seus princípios e convicções, embora esteja entre pessoas de parecer diferente. Não compartilha os conceitos dos libertinos, não adota o modo de ver dos motejadores, não duvida com os incrédulos, só "para que não sorrissem compadecidos de mim". Ademais, não é escravo de caprichos: ora todo bondade, ora como se tivesse "pulado da cama com o pé esquerdo": não, êle obra e fala sempre dignamente, como homem, refletida e sensatamente.

O moço religioso não é materialista. Não corre sempre atrás de lucro material sòmente. Além do bem estar terreno, material, êle conhece e ama

também valores espirituais, sobrenaturais. Se puder enriquecer unicamente por meios ilícitos, prefere ficar pobre; tudo pode sacrificar, menos a honra. Cada dia, reza (naturalmente também trabalha) por uma existência feliz; seu coração, no entanto, que Deus criou para Si, não se apega a bens terrenos.

O jovem religioso não é egoísta. Ele sabe cuidar de suas inclinações e desejos e dominá-los. Sabe que além dele há outros homens no mundo, que não é em redor dele que tudo gira, mas, que em suas ações e omissões deve tomar em consideração os demais. Sempre que encontra ocasião, faz bem ao próximo. Seu maior prazer é causar alegria aos outros. Em seu julgar, não é severo nem teimoso. Trabalha, estuda, com tôdas as forças busca progredir, mas somente com meios honestos. Nada de adulações e lisonjas para alcançar fins egoísticos. Não procura obter a simpatia das pessoas contra sua convicção; ao contrário, quando fôr preciso, ele sabe "obedecer antes a Deus do que aos homens".

O jovem religioso não é casmurro, mal humorado, susceptível. Quem traz sua alma em paz com Deus, tem o pleno direito de ser alegre e bem disposto. Se precisa, por qualquer motivo, censurar um amigo, fá-lo francamente e a questão está liquidada. Não conserva em seu coração ressentimento ou ira dissimulada. Em casa, para com os pais, irmãos, amigos, é atencioso e servçal.

Um negociante necessitava dum auxiliar. Uns cinqüenta se apresentaram e ele escolheu rapidamente. Um amigo lhe perguntou: "Por que escolheu justamente este, que nem trazia recomenda-

ção?" "Você está enganado, foi a resposta; êle tinha muitas recomendações. Limpou os sapatos antes de entrar e fechou a porta; concluí daí que amava a ordem. Sem refletir ofereceu sua cadeira a um ancião; notei que tinha educação e bom coração. Levantou um livro que eu, propositalmente, tinha pôsto no chão, enquanto todos os demais tropeçaram nêle e o empurraram para o lado; é atencioso e cuidadoso. Esperou pacientemente sua vez, não empurrou para a frente: é discreto. Enquanto falava com êle, notei que a roupa estava bem escovada, o cabelo em ordem; os dentes limpos. Quando assinou seu nome, vi que a mão estava asseada, não suja como a daquele outro moço elegante". Um jovem que se comporta assim é a melhor recomendação da verdadeira religiosidade.

O moço religioso não é pessimista. Nos anos de adolescência é freqüente que abatimentos e sofrimentos morais ataquem a alma dos jovens; a verdadeira religiosidade leva-te a vencê-los todos. E' verdade que também o jovem religioso nota como vai crescendo o terrível poder do mal, a falta de caráter, a imoralidade entre os homens; entretanto, essa entristecedora experiência não o faz desgostoso da vida, não o torna inimigo dos homens. E' justamente sua religiosidade que não permite se quebre sua resistência e êle mesmo se enfileire entre os maus, dizendo: "Não adianta remar contra a correnteza". Não se torna pessimista, pois ao lado dos defeitos dos homens, êle vê também indiscutíveis boas qualidades; olha o que é nobre e grande e se alegra, apesar da imoralidade e falta de caráter. Um escritor diz: "O homem religioso é como o pássaro, que canta mesmo quan-

do o galho em que pousa se quebra, pois sabe que tem asas". A religião é o par de asas que nos eleva acima de nós mesmos, acima da mísera existência, muito além dos limites terrenos.

O jovem religioso também não é idealista unilateral. Ele vai em busca de ideais nobres, mas não se desalenta por ver que muitas vezes nos devemos contentar com um bem atingível em vez do melhor cubiçado. A falta de êxito, a preterição sofrida não lhe tiram o amor ao trabalho, não o desanimam e exasperam.

Numa palavra: o jovem religioso é um moço de caráter que abraça a vida com ambas as mãos, firme sobre seus pés.

 ESCOLHE!

Um jovem de caráter assim, convencida e francamente católico, é meu ideal. Pena é que os haja tão poucos! Tal mocidade é de maior valor para a pátria do que minas, fábricas, ferrovias e comércio; vale mais do que todos os bens materiais. Tenho a firme esperança de que, da mocidade de hoje, saiam muitos homens assim, religiosos por convicção.

Se perguntássemos aos adultos de hoje: "Meu amigo, por que é você tão católico?" — de muitos receberíamos como resposta: "Ora, meus pais eram católicos e deles herdei essa religião". Nunca dê essa resposta, meu jovem. Espero que quando adulto, hás de dizer: "Por que sou católico? Ora, porque quero sê-lo. Porque é minha íntima e sagrada convicção, que a fé católica se funda numa

verdade divina, eterna, infalível. Porque sinto — e em tôda a minha existência o vou comprovando — que unicamente uma vida segundo a fé católica nos torna fortes e felizes. Não sou católico por hábito, ou porque por acaso me batizaram, porque meus pais o foram (que mérito seria isso?), mas porque sei que esta é a verdadeira fé, porque é meu maior tesouro. E' verdade que não é a melhor prova da veracidade da minha religião, mas estou convencido de que nenhum credo corresponde tão bem como o católico às aspirações da alma humana. Vejo claramente sua missão divina, ao considerar que onde a vida é organizada segundo suas normas, ela produz os melhores, os mais nobres e amáveis dos homens; além disso, nenhuma religião se atreve a opor-se tão franca e decididamente às más inclinações e injustas exigências da natureza humana decaída. Ela examina e dirige não somente nossas palavras e ações, mas ainda nossos mais secretos pensamentos. E' certamente a mais severa das religiões, mas é exatamente o que me causa impressão, pois, apesar da severidade de sua moral, ela dá direção e finalidade a centenas de milhões de homens”.

Estas palavras eu espero de ti!

Nos tempos primitivos do cristianismo, vivia um soldado romano chamado Mário, ao qual foi concedido o “vitis militaris”, o “bastão de comando”, por causa de sua intrepidez. Essa distinção o habilitava a candidatar-se para a primeira vaga de comandante. Mário aproveitou a primeira ocasião e foi nomeado.

Eis porém, aparece outro soldado, antagonista de Mário e relata: “Mário é cristão, não pode ser

comandante, seu lugar cabe a mim". Perguntado, Mário não nega; "Sou cristão!" Recebe três horas para decidir-se.

Mário procura o Bispo e pede conselho. O bispo conduz o valoroso militar à igreja, toma-lhe a espada do lado, e com o evangelho noutra mão, diz: Escolhe entre ambos. Entre as glórias guerreiras e o Evangelho. Entre a vida e a morte!" O soldado estendeu a mão para o evangelho. Não esperou que terminasse o prazo concedido e apresentou-se ao tribuno. Foi executado.

Escolhe! — dir-te-á a vida cem vêzes ao dia, esta vida mísera, enganadora, dirigida só para a matéria.

Escolhe! — dir-te-á a sociedade em que se travam conversas ambíguas ou obscenas; queres continuar ainda a lutar intransigentemente em prol da pureza, ou passar para a nossa banda, a uivar conosco?

Escolhe! — diz aquela leitura filosófica, — queres conservar escrupulosamente tua fé, embora eu te diga: "Deus está morto"?

Escolhe! — falará um romance moderno, um filme, um teatro, que com estilo elegante e fino, e viva imaginação, insinuam imoralidades.

Escolhe! Queres permanecer um jovem valoroso que, com alma pura e de cabeça erguida, pode seguir ativo o seu caminho, independente do conceito dos libertinos, ou queres tornar-te um efeminado e pretencioso escravo da vida moderna?

Sim, que escolhes?

Peço ao céu que te ilumine.

PARTE II

AS TRÊS PERGUNTAS DOS BEDUINOS

Uma caravana européia arrasta-se extenuada pelo areal intermínio do deserto do Saara. Seus componentes a custo conseguem manter-se em pé. Eis que, de repente surge como saído da terra, de trás dum cômodo, um bando de beduinos salteadores, e se atravessa no caminho da caravana. Seu chefe grita estas três perguntas: “Quem sois? Donde vindes? Para onde vos dirigis?”

Eu não saberia dirigir-te perguntas mais sérias, ao iniciares a jornada pelo grande deserto da vida.

Quem és? Donde vens? Para onde vais?

Perguntas decisivas! Caro jovem, medita seriamente sobre elas. Da resposta que deres depende tua felicidade terrena, e a sorte eterna de tua vida de além-túmulo.

Eia, pois: “Quem és?”

“Quem sou? — N. N., aluno do ginásio tal, em...” Oh!, não! Não é isso que eu quero saber. Quem és, como rebento da árvore milenar da humanidade? Quem és, como existência humana em evolução, posta na vida presente por alguns anos?

“Donde venho?” Onde estive eu há cem anos? Esta casa, esta sala em que leio êste livro, talvez nem existissem ainda? Onde estava eu?

“Para onde vou?” Onde estarei daqui a cem anos? Esta sala talvez, quiçá outro aluno lerá um livro, mas já não serei eu. Onde estarei então?

Vês, meu caro, quão sérias são estas perguntas! Não existe outra resposta tranquilizadora, fora da religião. Onde estavas há cem anos? Sòmente no pensamento de Deus. Onde estarás daqui a cem anos? És digno de estar em face de Deus?

As ciências naturais nos ensinam que a terra foi outrora um glôbo incandescente. Não podia existir nela ser vivo nenhum. Donde veio o primeiro ser vivente para a terra, quando já se tinha arrefecido? E’ possível que de sêres sem vida possam surgir sêres animados? As ciências naturais respondem que é impossível. Teria a primeira célula viva provindo de outro astro para a terra? Isso se chama buscar evasivas, pois como teria ela chegado àquele outro astro?

“Homem, donde vens?” clama imperiosamente a pergunta. E não há outra resposta senão a da religião: “Eu venho de Deus!” Foi Êle quem criou diretamente o primeiro sêr vivo sôbre a terra.

Mas se foi Êle quem me criou, se Dêle venho, devo também voltar a Êle? A essência da alma indica-me claramente êste fim: o bom, o belo, o verdadeiro atrai minha alma, ela o deseja e procura; e em parte alguma encontrará sua plena realização senão em Deus. “Para Vós nos criastes”, escreve tão maravilhosamente S. Agostinho, “inquieta está nosso coração, até que descanse em Vós”.

*Não é apenas um sonho fagueiro,
Ou pensar de alma louca surgido;
Dentro em mim eu o sinto e o afirmo:
— Para coisa melhor sou nascido!
Não ilude, êsse canto sutil,
Minha doce esperança gentil!*

SCHILLER

Tenho uma alma e esta é imortal! Mas tenho uma só alma, e portanto devo, custe o que custar, salvar essa minha única alma. Salvar de que? Do pecado. Para que? Para a vida eterna.

Em recipiente frágil, por invias trilhas perigosas, por entre mil tentações e inimigos que me espreitam, conduzo a preciosa jóia, a mim confiada por Deus: minha alma.

DE DEUS PARA DEUS

Venho de Deus e vou para Deus. Vivo para servir a Deus, morro para chegar a Êle. Ah! se eu refletisse mais a miúdo sôbre essa meta final! E' indiferente qual a profissão que escolho. Em tôdas elas posso alcançar o destino eterno, mas também perdê-lo.

Errar meu destino eterno? Não, não posso permiti-lo! "Entretanto, êsse pensamento nos faz tristes... Então, já não podemos ser alegres?" pensas talvez.

Erro! Isso só te preserva da leviandade. Ouso mesmo afirmar que compreenderemos a importância e o sentido da vida terrena, sòmente quando tivermos reconhecido claramente nosso destino.

Também eu gosto de ver a mocidade alegre e divertida. Tua alegria, com certeza, em nada será prejudicada se pensares mais seriamente em tua vida e teu fim. Considera pois: A vida não é sonho, mas séria realidade, na qual não devemos ser fantoches a balançar para cá e para lá, senão caracteres conscientes, firmes, rijos. Gosto de ver que os moços dão sentido sério à sua vida e considerem a finalidade dela, cônscios de sua responsabilidade; e sintam que cada homem em particular tem certa importância no exército de Deus, e que, sem a gente, faltaria alguma coisa na maravilhosa e imensa construção do universo.

O primeiro objetivo, ao empreender-se algum negócio, é ver claramente seu escopo. Haverá empresa mais importante do que levar a bom termo uma vida humana? Encara portanto bem a questão decisiva: "Para que estou na terra? Qual é minha finalidade?"

Vim ao mundo. Ai permanecerei por 20, 50, 70 anos. E depois? Sairei de novo deste mundo. Onde estive antes de minha existência terrestre? Somente no pensamento de Deus. Para onde irei, depois da vida terrena? Irei para ante o trono do Altíssimo a fim de viver eternamente com Deus, ou eternamente Dêle separado, conforme o tiver merecido. "Conforme eu o tiver merecido". Conforme eu o tiver merecido", repito-o porque é de importância decisiva. Merece? Como? Com que posso merecê-lo? Pelo consciencioso aproveitamento desses 20, 50 ou 70 anos.

Para tua salvação eterna é indiferente que termines tua vida aos 20 ou aos 80 anos. Do mesmo modo, não importa que nesses decênios de peregrina-

nação terrestre, tua cabeça tenha trazido uma coroa real, que tenhas sido um estudante a passar fome, ou um simples operário. Só uma coisa é importante: como tiveres obedecido a teu Pai Celeste, como tiveres cumprido teus deveres de estado, onde a Divina Providência te colocou por alguns anos. Vê, o exército de Deus é imenso; precisa de armas de toda espécie; a vinha é grande, necessita de operários de várias categorias; é inaproveitável, inútil, somente aquêle que não trabalha, e é inútil aquêle que não tem finalidade de vida, que não possui caráter.

PARA QUE VIVO?

Não sei se em tua vida já tiveste momentos de reflexão séria que te impusesse a gravíssima pergunta: "Para que vivo realmente no mundo?" Talvez sejas ainda novo demais para essa pergunta. E pode ser que, ainda assim, este pensamento profundo já tenha te preocupado.

Olhas em derredor; vês como os homens, apressurados, correm atrás do pão cotidiano. 50, 60, 70 anos ficam nessa escravidão... e depois? Depois morrem. E está tudo acabado? Acaba tudo com a morte? Para que então viveram?

Eis a importante e decisiva questão. Um homem dado unicamente aos gozos, dizia no leito da morte: "Por epitáfio quero esta inscrição: Aqui jaz alguém que deixou este mundo, sem saber por que nele estava".

Tolo! Para que há sol? Para aquecer e iluminar. Para que, a chuva? Para fertilizar. E o floresta? A fim de purificar o ar. Tudo tem sua finalidade.

E o homem para que vive? Sòmente a sua existência não teria finalidade? Schopenhauer, filósofo incrédulo, diz que não se pode saber ao certo. E escreve: “Nem as ciências, nem as artes, são capazes de indicar-me o porque da vida”.

Quem o pode então?

E' só tomar o Catecismo e ler as primeiras linhas: “Para que estamos na terra?” Ah! aqui está, é o que procuro. Então para que fim? “Para conhecer a Deus, amá-lo, servi-lo e com isso ganhar a vida eterna”. Um mundo inteiro abre-se aqui aos meus olhos. E' esta, pois, a finalidade da vida? E' para isso que estamos na terra? Não é, portanto, para ajuntar muito dinheiro? Não é para comer muito e bem? Não é para andar continuamente em busca de diversões, de esportes? Não! Mas outra coisa seria muito mais fácil; servir a Deus é, ao contrário, muitas vèzes difícil. E' árduo combater nossas inclinações sensuais. Nossa vida será uma luta se quisermos permanecer com Deus. Sim, assim será. No entanto, a finalidade da existência humana não é a vida temporal, senão a eterna. Se devo lutar, sei que com essa peleja estou combatendo pelo Sumo Bem.

Carlos o Sábio, rei da França, depositou a coroa sôbre uma mesa, uma espada em outra, e mandou chamar seu filho. “Escolhe”. O príncipe, sem hesitação pegou da espada e disse: “Com a espada alcançarei a coroa”. Meu filho, dize-o também: com minha vida, consagrada a Deus e fiel aos seus mandamentos, obterei a coroa celeste.

Cada qual anela ser feliz; é o desejo natural de todos. Mas é preciso procurar a felicidade no lugar certo. A criança procura-a no brinquedo; o

jovem nos gozos, o homem no dinheiro; não a encontrarão! Feliz, todos querem ser felizes! E' feliz quem tem muito dinheiro? Não, porque sempre quer mais, e vive em continuo receio de perdê-lo. E' feliz quem mergulha inteiramente nos gozos? Não, sua alma sente ainda maior vazio ao derredor, quando a curta embriaguez se esvaiu. Onde está então a felicidade? Quem é feliz?

"A quem julgas o mais feliz?" perguntou certa vez Carlos IX, rei da França, ao ilustre poeta italiano Torquato Tasso. "Deus", respondeu o poeta. "Pois sim, mas entre os homens?" — "Aquêlê que fôr o mais semelhante a Deus". — "Bem; mas por meio de que nos tornamos semelhantes a Deus? Pelo poder, por vasto império?" perguntou o rei. "Não", replicou Tasso, "mas pela prática das virtudes".

Que sabedoria exprimem os versos de Miguel Anjo, já setuagenário:

*Meu barquinho é joguete das ondas,
Minha vida já toca a seu fim,
Onde a aguarda o infalível aresto
Pronunciado eternal sôbre mim...*

*E já agora percebo, entre sustos,
Os enganos da mente a gizar
Como deusas — a arte e a cobiça,
Falsos ídolos postos no altar.*

.....

*Mas a alma cansada um apêlo
A vibrar lança aos braços da cruz
Donde o Amor, tão divino, tão meigo,
Nos acena, num halo de luz!*

A L E R T A !

O único obstáculo a vencer no caminho para Deus, o único inimigo a combater é o pecado. O pecado! Eis o único inimigo.

Cuidado! Princípio fundamental na vida espiritual é andar alerta. Vigia, para que não percas uma só ocasião de praticar o bem. Acautela-te também contra as tentações, a fim de que não te arrastem a alma ao pecado. Sê vigilante, para que o pecado não te roube a paz interior.

Uma noite bateram à porta dum convento de Toscana. “Quem és e o que procuras?” perguntou o porteiro. “Sou Dante Alighieri e procuro a paz”, foi a resposta do poeta errante, resposta em que se patenteava a insaciável sêde da alma pela paz e quietude. Cuidado, não troques tua paz de alma pelos prazeres sem valor, com que o pecado te alicia.

Não, não! Sei muito bem que a doçura do pecado, com que nos atrai, é apenas a isca no anzol. Quando vier a tentação (e quem lhe pode fugir?), quando o pecado me seduzir, hei de pensar imediatamente no precioso tesouro da minha alma, e clamaréi para mim mesmo: Não o faças, não o faças. seria a tua desgraça! Seria uma lástima se minha alma, que vigiei com tanto cuidado, caísse em recado, após tantos combates vitoriosos. Desvanecer-se-ia minha paz e satisfação internas, que me seriam brutalmente roubadas pelo pecado. E, que horrorosa desgraça, se viesse a perder a vida eterna!

Na ilha de Java, existe uma espécie de insetos (*Ptilocerus ochraceus*), que segregam um líquido

atraente mas narcotizante, com o qual atraem as formigas. Desde que elas se aproximam, o inimigo suga-lhes o sangue, fazendo-as morrer miseravelmente. Assim o pecado. Ronda o homem, atrai-o, entorpece-o, apresentando-lhe prazeres e gozos; e quando o jovem tiver sido tão leviano, tão infeliz de cometê-lo, rouba-lhe a seiva vital, a paz interior, e o entrega às recriminações da consciência.

Talvez penses que seria suficiente evitar somente os pecados graves. Naturalmente, a estes em primeiro lugar! No entanto, debes combater igualmente as faltas menores.

Porventura um pecado de omissão é apenas um pequeno arranhão na alma, nada de sério?

Um pequeno resfriado não é nada. Mas, se não houver cuidado, pode ser causa de uma pneumonia.

Uma centelha não é grande coisa. Contudo pode produzir um incêndio, se houver descuido...

Uma bolinha de neve — quem lhe dá atenção! — Se porém começar a rolar pelo declive, transforma-se em avalanche.

Será o pecado venial, realmente, de pouca monta?

Um imperador romano tinha um cervo de predileção. A fim de livrar o animal de qualquer importunação, impôs-lhe uma corrente de ouro com uma placa: "Não me toques, pertenço ao imperador!" Se vier a tentação, lança-lhe em rosto: "Não me toques, pertenço a Jesus Cristo!"

PECADO OU TENTAÇÃO

Falei do pecado como do único perigo; quero agora dizer-te com clareza o que não é pecado, mas tentação.

Uma natureza apaixonada, não constitui pecado. Ainda que te atormente uma multidão de tentações, não há pecado algum. Ter de lutar contra más inclinações, não é ainda pecado. Por mais defeitos que descubras em ti, não cesses de combatê-los!

“Mas tenho tantas paixões!” Pouco importa. A paixão é um grande perigo, se lhe deixarmos livre curso; torna-se porém proveitosa, se a reffermos com mão firme. Todos os grandes homens tinham paixões; os santos também as tinham; venceram-nas, no entanto, com vontade férrea, aproveitaram suas energias e, mercê das paixões, grandiosas ações realizaram. Ouve S. Paulo a queixar-se dos aliciamentos perversos: “Não sei o que faço; não faço o bem que quero, e sim o mal que abomino. Acho satisfação na lei de Deus, segundo o homem interior. Sinto porém outra lei em meus membros, oposta à lei do meu espírito”. (Rom. 7, 15, 22, 23).

Vês? O próprio S. Paulo sofria de múltiplos ataques; não é a tentação que é pecado, mas o consentimento da vontade. Se, ao contrário, a vontade opuser resistência, a vitória sobre a tentação é um grande merecimento para nós. A “quem vencer, dar-lhe-ei saborear da árvore da vida” (Apoc. 2, 7).

“E’ tudo inútil! Não é minha culpa! Tenho essa propensão” — tal a desculpa de muito jovem,

quando a consciência levanta a voz, nos momentos de calma.

“E’ de família”. Palavras sérias. Infelizmente há nelas alguma verdade. De fato, as crianças podem herdar dos pais, não somente uma constituição física mais ou menos forte; mas ainda, até certo ponto, lhes são transmitidas boas ou más inclinações dos progenitores. E todavia, isso não te isenta de responsabilidade, antes, deve tornar-te mais perspicaz na luta contra tais defeitos. Aí está exatamente tua maior e mais séria obrigação. Uma vez conhecida a origem, a séde da doença, mais facilmente pode o médico combatê-la, pois sabe como iniciar o tratamento e que remédios de-de aplicar.

E’ muito possível que a peleja se torne renhida, que recaia freqüentemente nas mesmas faltas; não desesperes, não percas o ânimo. Pode ser que não sejas o único culpado e Deus onisciente decidirá até onde és responsável. E por causa disso, será inútil combater? Certo que não! A luta enrija as fôrças morais.

Ainda outra coisa devo dizer-te. Considera, meu filho, que terrível responsabilidade em tua vida jovem, e no modo por que a vives, moral ou imoralmente. De tua vida pura depende possas transmitir incólume o facho da vida no santo matrimônio, ou tenham filhos, netos e bisnetos, de maldizer teus desatinos imorais, porque nasceram com o corpo doentio e vontade debilitada. Se, ao contrário, combateres virilmente contra o mal e opuseres um decidido “Não!” à tentação não lutarás somente para ti, mas também para tua descendência. Tua peleja varonil lhes proporcionará corpos sadios e espíritos equilibrados.

DEUS VÊ TUDO!

Quando eramos pequenos colegiais, queríamos evitar os roubos dos objetos escolares, escrevendo nêles o seguinte versinho:

*Ninguém foge de Deus ao olhar
Como, assim, poderias furtar?*

Ainda não podíamos compreender bem o profundo dêsse pensamento.

Não há melhor defesa contra as tentações, do que representar-nos Deus presente em tôda a parte. Verdade é que o aprendeste no catecismo, mas não basta; debes lembrar-te muitas vêzes desta verdade. Se não tiveres vontade de estudar, se houver acontecido algo de triste, ou tua alma estiver acabrunhada, pensa: “Senhor, Vós estais comigo, e — não é verdade? — Vós não me abandonareis!”

Principalmente na hora da tentação, quando sentires a atração do pecado, exclama com José do Egito. “Como poderia eu cometer o mal e pecar diante de meu Senhor!” (Gen. 39,9).

Oh! caro jovem, quão diferente seria nossa vida se em tudo que fazemos perguntássemos: “Senhor! Vêde, quero fazer isto. Agrada-vos? Dai-me a vossa bênção!” e, se omitíssemos tudo o que a consciência nos proíbe, não podendo reclamar a bênção divina para tais atos!

Onde quer que eu esteja, que quer que faça ou pense, Deus sabe de tudo. Este pensamento dá força na tentação e alívio na dôr. O soldado combate mais valorosamente, quando presente o ge-

neral; a criança aprende melhor, sob a vista do pai, e eu também, eu luta mais vitoriosamente por minha alma, sabendo que não estou abandonado a mim mesmo.

Numa das minhas viagens conheci a estrada de ferro de Nova Iorque a Nova Haven. A direção desta estrada faz muita questão que seus empregados sejam de confiança, tanto quanto possível; por isso faz que sejam observados por detetives especiais. Certa vez um ferroviário pediu uma licença, porque ocorrera um óbito em sua família. Mas quando se apresentou de novo, no dia seguinte, o chefe lhe mostrou uma fotografia: via-se o empregado, não em préstito fúnebre, mas em companhia alegre! Os detetives o tinham fotografado... Coitado! Se tivesse suspeitado que todos os seus passos eram controlados, ter-se-ia portado de modo diferente! O olhar de Deus vê melhor do que a chapa fotográfica o poderia reproduzir; lembra-te disto, meu caro. Como diz Vergílio a Dante no "Purgatório": Embora tivesses cem máscaras, teus pensamentos não me ficariam ocultos". Cada movimento, cada palavra, nossos desejos mais ocultos são fotografados, e tudo será um dia revelado abertamente.

Lembra-te a miúdo dessa verdade singela: Deus me vê. Teme a Deus para que não caias em pecado; ama-o também, a fim de avançar no caminho da virtude! *Time Deum, ne deficias, ama Deum, ut proficias.*

Estamos na presença de Deus, de certo modo, como o ar nos rodeia, como a luz do sol nos envolve. Não há pensamento que Ele não conheça, palavra que não ouça. O lavrador no campo levanta os olhos e seu olhar agradecido é uma silenciosa

oração a Deus. Quem se debate em tentações, junto d'Ele procura fortaleza; o moribundo murmura seu Nome. Os bons O louvam, os maus O temem. Diante d'Ele o soldado dobra os joelhos, antes da batalha, a seus pés os reis depõem a coroa. Não há lugar, nem tempo ou ocasião, em que a alma humana não possa dirigir-se a Deus.

Diante da tenda do rei Antígono, conta Sêneca, conversavam dois guardas e expandiam-se justamente contra o rei. Repentinamente abre-se o reposteiro da entrada, e Antígono diz aos guardas assustados: "Afastai-vos pelo menos, um pouco, para que eu não ouça o que falais!" O fundo é igualmente uma cortina entre Deus e mim. Mas, "afastar-me um pouco" não posso. Onde poderia eu esconder-me para cometer um pecado? Em parte alguma! Ele conhece todos os meus atos, palavras, intenções e meus pensamentos mais secretos.

Certa vez, visitava Frederico o Grande uma escola rural. Era aula de Geografia. O rei perguntou a um rapaz onde ficava sua aldeia natal. — "Na Prússia", respondeu o menino. — "E onde está a Prússia?" continuou o rei. — "Na Alemanha". — "E a Alemanha?" — "Na Europa". — "E a Europa?" — "No mundo". — E o mundo onde está?" foi a última pergunta. O menino refletiu um pouco e respondeu: "O mundo? Nas mãos de Deus".

Boa resposta. Realmente, "em Deus vivemos, nos movemos, e somos" (Atos 17, 28).

Quão mais bela e facilmente se organizaria tua vida, se em tudo visses e sentisses a onipotência e amor de Deus! Quando furiosa tempestade fustiga as árvores, entre o cintilar dos relâmpagos e o ribombo dos trovões aprende a ajoelhar-te e

dizer: "Senhor, vós aqui estais, sois grande e eu vos adoro!" Quando homens levianos blasfemarem o Nome de Deus, diz "Senhor, estais presente, ouvís tudo, bendito seja vosso Nome ultrajado!" Quando estiveres a sós em teu quarto, e a tentação, com melifluas seduçõs te sussurar ao ouvido: "Podes bem fazê-lo, ninguém o sabe!" diz: "Senhor, embora ninguém me veja, vós me vêdes, não vos serei infiel!" No silêncio da solidão, se o fogo abrasador dos deleites sensuais levantar suas infernais labaredas ora: "Senhor, vós estais comigo, presenciais minhas lutas, não me deixeis cair!" Se o pecado se aproximar, e te disser, como na S. Escritura: "Quem me vê? Trevas me cercam, ninguém me vê. Que tenho pois a temer?" — responde-lhe com as palavras da S. Escritura: "Seu olhar vê tudo. As vistas do Senhor são mais claras do que o sol, Ele vê todos os caminhos do homem, o esconderijo dos precipícios e as partes mais ocultas do coração humano" (Ecli. 23, 25-28).

Feliz o jovem que reza, do fundo do coração, os magníficos versos do Salmo 139:

"Senhor, vós provastes e me conhecestes.

Esteja eu sentado ou me levante, vós o sabeis, de longe compreendeis meus pensamentos.

Quer eu caminhe ou esteja deitado, vós estais ao redor de mim e percebeis todos os meus caminhos.

Pois, não há palavra sobre minha língua que não conheçais.

Conheceis o que fizier antes ou depois e estendeis a mão sobre mim.

Onde me esconderei de vosso espírito? Para onde fugirei de vossa face?

Se me elevâr, lá estais. Se me sepultar no inferno, eis que lá também vos encontro.

Se pedisse emprestadas as asas da aurora e permanecesse nos confins do oceano, ainda ali vossa mão me guiaria e vossa dextra me sustentaria.

Se eu dissesse: Trevas me cubram, a própria noite deveria ser clara em meu redor.

Pois as mesmas trevas não são escuras para vós e a noite brilha como o dia, a escuridão é como a luz.

Penetrai-me meu Deus, e entendei meu coração; provai-me e compreendei meu pensar.

Olhai se estou em mau caminho e conduzi-me no caminho eterno”.

A lenda grega relata ufana do ousado navegador Ulisses, que matara dragões, vencera gigantes, burlara espertos anões, e não se arreceava de ninguém, exceto as sereias. Segundo a lenda, as sereias eram seres misteriosos que moravam no mar e com seu canto sedutor atraíam os navegantes para os recifes que se estendiam à flor da água. Ali se despedaçavam os navios e os tripulantes caíam nas mãos das sereias. E sabes o que Ulisses fazia, tendo que passar nas proximidades das perigosas ilhas? Tapava com cêra os ouvidos dos companheiros, e, a si mesmo mandava amarrar ao mastro. Onde já centenas de homens tinham perdido a liberdade, o caráter e a felicidade.

A tua sereia, meu caro são os milhares de pe- Assim puderam passar sem acidentes pelo local, rigos do mundo e as inclinações que em ti habitam. Poderão navegar pela vida, sem sofrer naufrágio, só se tapares os ouvidos às insidiosas se-

duções e te segurares à cruz de Cristo pela fidelidade, amor e constância. "*Omnia cum Deo, nihil sine Eo!*" "Tudo com Deus, nada sem Ele!" Se esse pensamento se arraigar em nós, então aprenderemos a maravilhosa sabedoria: confiar em Deus em tôdas as circunstâncias da vida. O que quer que peçamos a Deus, terminemos sempre com as palavras do Salvador: "Não se faça, porém, minha vontade, mas a tua!" Pois estejamos convictos de que Deus sabe dar-nos o de que precisamos mais acertadamente do que nós mesmos.

Quando Bramante, o grande artista, terminou a planta da magnífica basílica de S. Pedro em Roma, mandou-a ao papa Júlio II por seu filhinho. O papa em extremo satisfeito da soberba planta, abriu uma grande gaveta no qual guardava o dinheiro e disse ao pequeno: "Mete a mão aí dentro! — "Metei-a, vós, Santo Padre, vossa mão é maior!" replicou o menino. Foi tão afoito, porque sabia poder confiar no papa. Também eu poderei levar a bom termo o combate da vida se confiar em Deus e em sua Providência. "Assistiu-me, ó Pai, em meu caminho! Sei que assim estarei melhor".

QUAL O VALOR DE MINHA ALMA?

Quem quiser desvencillar-se de Deus, precisa criar para si um novo mundo. Eu, porém, não quero desprender-me, ao contrário, quero penetrar no espírito divino, confundir-me com Ele a Ele me assemelhar mais e mais.

É-nos impossível encontrar título de nobreza mais sublime, do que o que encontramos na Bíblia, a encaminhar os primeiros homens na trajetória da

humanidade: "Deus criou o homem à sua imagem e semelhança" (Gen. 1, 27). Na natureza encontramos traços de Divindade; o homem, no entanto, é a imagem de Deus! E' sua imagem pela alma espiritual e imortal, por sua razão e livre vontade, principalmente quando a graça divina nêle habita. Minha alma vem de Deus, e não acha descanso enquanto não remontar de novo à sua fonte, além das barreiras terrenas, além das seduções do mundo, além das tentações de minha natureza corrompida, além das minhas inúmeras quedas. O ribeiro inquieto não se acalma enquanto não tiver aberto passagem por sôbre rochedos e penhascos, por entre desfiladeiros e precipícios, e alcançar o grande oceano.

*E' como a água
A alma humana:
Para o céu sobe,
Donde ela emana*

GOETHE

Certo príncipe solicitou do papa Bento XI um favor que êste não tinha direito de conceder. O Sumo Pontífice respondeu: "Se eu tivesse duas almas de boa vontade sacrificaria uma para vos servir. Mas como tenho apenas uma, não posso pô-la em jôgo".

Sim, se eu tivesse duas almas, poderia arriscar uma e expô-la ao perigo da condenação; mas tenho sômente uma única.

Tenho apenas uma alma; jóia tanto mais preciosa ela me é portanto. Por ínfima e desprezível que seja uma criatura, ela sempre me fala dos atributos divinos: da Sabedoria, do Poder, do Amor;

todavia, se considerar o homem, vejo nêle obra mais excelsa do que a magnificência do firmamento. Quanto mais penetrar a fisiologia no maravilhoso funcionamento do organismo humano, quanto mais desvendar a psicologia o reino gigantesco do espírito do homem, tanto mais irresistível será a admiração devida ao Criador da humanidade. E com quanta superioridade se apresenta a alma, acima da matéria, se considerarmos que na alma pura habita o próprio Deus, que ela é o templo do Espírito Santo.

Ah! Se pudesses compenetrar-te inteiramente da grande verdade que a alma, livre de pecado, é o templo do Espírito Santo! Que? Em minha alma habita o Espírito Santo? Que quer dizer isso? Quer dizer que, com seus dons, Ele me torna sábio a fim de que eu sirva a Deus e a minha alma, mediante a minha vida; dá-me entendimento para compreender melhor minha fé; dá-me conselho nas dificuldades espirituais, concede-me fortaleza no cumprimento dos meus deveres; faz-me conhecer a vontade de Deus, torna-me piedoso para obedecer a essa vontade, e dá-me o temor de Deus a fim de ser-lhe fiel.

A finalidade de minha vida é reproduzir o melhor possível a imagem de Deus na minha alma; subordinar à vontade divina minha razão, minhas inclinações e desejos, minha vontade, a fim de “participar da natureza divina” (S. Pedro 1, 4). Grandioso fim! E pois, as obras de quem despreza a imagem de Deus em sua alma, por maiores que sejam aos olhos do mundo, são apenas poeira dispersada pelo vento.

Não será exagero? Não, em absoluto!

Ouve, meu caro:

No tempo em que ainda não viviam homens, Deus porém já existia. Houve tempo em que não existiam pássaros a voar ou peixes a nadar pelos mares; mas Deus já existia. Houve tempo em que os riachos ainda não murmuravam, os prados não floresciam, o sol ainda não brilhava, as estrêlas não cintilavam, não havia ainda nem uma gôta de água nem um grão de areia; Deus porém já existia. Mil anos são para Ele como um dia. Nêle não há nem sombra de mudança. Tudo se gasta como a roupa; os anos de Deus todavia duram sempre.

Reflete. Tua alma se parece, de certo modo, com êste grande Deus, é de certo modo sua imagem! E' verdade, ela teve comêço, mas já não terá fim. Tudo morre, tudo passa — a alma não! Mil, cem mil anos passam — a alma vive! Milhões de homens morrem — tua alma persiste! E como vive ela? Em eterna felicidade no seio de Deus, ou em eterna desgraça, rejeitada por Deus.

“QUID HOC AD AETERNITATEM?

(Que vale isto para a eternidade?)

No tesouro do Shah da Pérsia existe um glôbo terrestre de valor extraordinário. Verdade é que seu diâmetro mede apenas 30 centímetros; mas os oceanos e continentes não estão pintados, senão desenhados com pedras preciosas: a Inglaterra, por ex., é formada de rubis; a Índia, de límpidos diamantes; os mares, de esmeraldas. Não há dinheiro que pague êste glôbo; é mesmo difícil avaliar o seu valor.

Durante a Grande Guerra, quando os russos se aproximaram da Pérsia, os persas cuidaram logo de pôr em seguro o seu tesouro.

Meu jovem, também velas assim por tua alma, pelo tesouro não somente mais precioso do que o glôbo de Shah, porém, mais do que todo o orbe? Importas-te com ela? Para que se desenvolva e se torne de dia a dia melhor, mais nobre?

Daniades, enviado de Atenas à côrte de Felipe da Macedônia, exaltou certa vez, com entusiasmo, sua pátria Atenas como a mais bela cidade do mundo. Felipe pediu ao enviado lhe esboçasse os contôrnos da cidade. Vendo-os, o rei ficou encantado e exclamou: "Preciso possuir esta cidade, custe o que custar!"

Ora, qual é a cidade que precisas possuir? Tua pátria eterna, o reino dos céus. E te esforças por possuí-la? Combates por ela?

Há, hoje em dia, muitos jovens chamados religiosos, que vão à missa aos domingos, recitam sua oração da manhã e da noite; sem embargo, durante o dia não se nota nenhum traço de mentalidade religiosa em suas ações e palestras. Meu ideal é um jovem, cuja religiosidade não se manifesta em edição extraordinária dominical, mas que se amalgama com a vida cotidiana, a impregna, e ressalta em tôdas as suas ações, como um fundo de tapete persa através do padrão multicolor. A lei de Deus é para o jovem realmente religioso a lei básica, à qual devem submeter-se igualmente reis e pobres, e cuja observância não somente não é vergonha, mas deve praticar-se francamente diante de todo o mundo.

Quando não distinguimos bem alguma coisa na escuridão, vamos à luz e a examinamos ali. Acontecer-te-á freqüentemente que, na precipitação, não possas julgar se esta ou aquela ação que ias fazer é boa, certa ou permitida. Será indiscutivelmente para teu bem sotopores tuas ações à luz da eternidade, pois a luz que nossa predestinação eterna lança sôbre elas não nos enganará.

O Salvador nos ensina que todos os nossos atos, palavras, até mesmo nossos pensamentos, terão conseqüências que atingem o além-túmulo. Bem católica é a idéia do grande pensador inglês Carlyle, que assim se exprime: “Nada tem valor momentâneo apenas; as palavras não se perdem totalmente no espaço, nenhum suspiro do coração, nenhum sacrifício da vontade desaparece sem deixar rastro, tudo tem seu valor para a eternidade. Não há uma única obra, quer conhecida quer não, que se perca de todo. Nem a mais ínfima ação se perde totalmente: é como um veio de água subterrâneo, oculto à vista, mas que do seu esconderijo faz reverdecer o prado, e cresce, reúne-se a outros veios, para afinal irromper vitorioso como fonte borbulhante”. Os santos encaravam tôdas as manifestações da vida terrena sob o ponto de vista da eternidade “*sub specie aeternitatis*” e assim lhes imprimiam aquela significação profunda e séria. Antes de cada ação perguntavam: *Quid hoc ad aeternitatem?* — “Que relação tem isto com minha felicidade eterna?” Também tu, antes de tudo o que fizeres ou planejares, reflete: *Quid hoc ad aeternitatem?* “Que vale isto para a eternidade?”

ETERNAMENTE

Tudo se põe no seguro: a casa, contra fogo, os objetos e mobília, contra roubo; o chefe da família contra falecimento; o navio contra naufrágio; a seara, contra granizo; o operário, contra acidente... — e a alma? Já fizeste seguro de tua alma? — Contra que? — Contra a condenação eterna. E' certo que não somos fiéis e honrados filhos de Deus, primeiro para não sermos condenados, mas porque amamos nosso Pai Celeste. Não obstante, temos momentos de fraqueza, em que podemos perseverar no bem e vencer as mais violentas tentações. unicamente se pensarmos em nossa responsabilidade, na grande prestação de contas e na vida eterna que a ela se segue. "Retirai-vos para o fogo eterno!" ameaça Jesus Cristo; também o medito, quando a tentação está prestes a vencer-me.

"Ser condenado ao fogo eterno?" Não, não! Quero uma eternidade feliz, quero a vida eterna! Já ví muita beleza dêste mundo, maravilhas da natureza e do gênio humano, mas tudo isto não basta! Minha alma tem sêde ainda mais ardente! Ela é sequiosa não dessas parcelas mas da única e eterna fonte de tôda a beleza! Em vez dessas sombras fugazes, anseio pela verdade imortal e eterna!

*Inda a maior beleza dêste mundo
Não pode comparar-se ao céu jucundo!*

BROKES

"Agora vemos a Deus misteriosamente através dum espelho; lá, porém, face a face. Agora conhe-

ço-o em parte; então hei de conhecê-lo, assim como eu sou conhecido" (1 Cor. 13, 12).

Quando me parecer difícil obedecer à lei de Deus, hei de lembrar-me que, com tôda a certeza, vale a pena sacrificar esta mísera existência pela coroa eterna.

Por uma coroa imortal

Eu dou minha vida mortal!

Falecera um moço na plenitude da fôrça juvenil. Na sua pedra sepulcral representaram uma espiga cheia recurvada, com duas significativas palavras: *Quia plena* — "Porque estava cheia". Recita também tu, diàriamente, esta curta oração: "Meu Senhor e Deus! Fazei que minha alma esteja plena e sazoadada, antes que chegue a hora da ceifa!"

Quando virá a colheita? Não sei. Aos sessenta, aos oitenta anos? Quem sabe dizê-lo? Tão certo como morrerei, tão incerto é o quando. Num relógio da torre de Leipzig está escrito: *Mors certo, hora incerta* — "A morte é certa; a hora, incerta".

Deus pode chamar-me a cada instante para a prestação de contas. Ai de mim, se não estiver aparelhado! Se um mau aluno se tiver "enganado" no cálculo da chamada, e o interrogarem quando não está preparado, ganha um zero. Contudo, pode consolar-se e reparar oportunamente sua falta. O Senhor no entanto chama-te só uma vez, e se não o tiveres calculado bem e não estiveres preparado, então será tarde. "Estai preparado", diz o Senhor, "pois o Filho do Homem virá na hora em que não o esperais". Estamos na vida, como o soldado em

licença: a todo instante pode receber ordem de apresentar-se; mas então não podemos dizer: “Senhor, ainda não estou pronto!” Não sabes onde a morte te espera, por isso, espera-a em tôda a parte.

*Homem! não sejas altivo,
És zéfiro fugitivo,
Ainda que coroadado!*

*Vai-se a areia e bate a hora,
O vento a fôlha descora...
Eis teu momento chegado!*

GEIBEL

Tua eternidade será de acôrdõ com o estado da imagem de Deus em tua alma, no momento da morte. A árvore, aonde cai, aí fica. Não se pode dizer da árvore para onde cairá? Tombará para o lado que conta maior número de galhos. E “*Qualis vita, finis ita*”, tal como foi a vida, assim será a morte.

Da “boa” morte depende também a “boa” eternidade. Perguntaram, certa vez, a Epaminondas: “Quem julgas valer mais, Cábrias, Ifícrates, ou tu mesmo?” Epaminondas respondeu sábiamente: “Esperai até que tenhamos morrido, só então é que se pode julgar”.

Num túmulo das primeiras eras cristãs lia-se: *Decessit in albis* — “Ele morreu com a veste alva”, isto é, poucos dias depois do batismo, pois ainda trazia a vestimenta branca recebida no batismo, segundo o uso antigo. Senhor, fazei que minha alma esteja também cândida quando eu morrer!

“AINDA TENHO TEMPO!”

Um jovem leviano, admoestado para que tornasse mais séria sua vida inútil, respondeu com presunção: “Para isso ainda tenho tempo! Não se pode ser sério e circunspecto antes do tempo. Se não me distrair agora, quando o poderei de novo? A juventude é tempo de divertir-me”.

“Ainda tenho tempo!” Tens, de fato, tôda a certeza? Acaso Deus te garantiu por escrito, que hás de viver ainda 20, 40 ou mais anos? Não te avisou ao contrário: “Estai aparelhados, pois o Filho do Homem virá à hora em que não O esperais”?

Não há nada tão certo como a morte; nada é tão incerto como a hora da morte. Quem contar sempre com o “tenho tempo”, fugir do cumprimento dos deveres e do cuidado da alma, surpreso notará quão rápido se escoia o tempo. Com mãos vazias aparecerá ante o Juiz Eterno, quando êste o chamar a contas. Em vão procuras fazer parar o tempo; há alguém que impele inexoravelmente o ponteiro para a hora derradeira.

Cuidem aquêles que sempre “ainda têm tempo”. Que não lhes aconteça como ao brâmane, o sonhador!

Segundo uma antiga lenda hindú, vivia numa cidade o brâmane Svabhávakrpana. Êle tinha um pote cheio de papas mendigadas. Depedurou-o num dente de elefante, fêz seu leito por baixo, e começou a sonhar: “Este pote está cheio de papas. Se irrompesse o flagelo da fome, receberia por êle cem moedas de prata. Com elas compraria algumas cabras. Como as cabras se multiplicam rapidamente, terei em breve um rebanho. Com êste,

vou comprar vacas que trocarei por éguas. Assim terei em breve muitos cavalos e, se os vender, serei rico. Com o dinheiro mando construir uma casa de quatro compartimentos e casarei com uma rica herdeira". O brâmane estava completamente imerso nesses sonhos... De repente bateu com o pé no pote, êle caiu e as papas se espalharam pelo leito. Eis o que ficou, na realidade, dos maravilhosos castelos no ar!

Achas que ficará mais, para a vida eterna, àquele que sempre "ainda tem tempo" de praticar o bem?

OS TRÊS GUARDAS

Em França vivia um nobre, rico e estimado. Muito tempo foi deputado e prefeito duma província, muito honrado por pobres e ricos. Um dia soube-se de uma notícia incrível: êste homem, desgostoso das honras mundanas, teria entrado na mais severa das ordens monásticas, nos trapistas, em Aiguebelle, perto de Marselha. Estupefação geral! Seus parentes tentaram dissuadi-lo e seus amigos procuraram-nô até no convento a fim de conquistá-lo para o mundo.

"Não posso voltar", respondeu. "Não vistes na entrada os três guardas que não me deixam partir?" — Três guardas? Não vimos ninguém!" replicaram êles admirados. "Olhai então o que está escrito por cima do portal: Morte! Juízo! Eternidade! São êstes os guardas que não me permitem sair. Eu fico".

Em verdade, não há fonte de energia que en-seje maior auxílio na luta da vida, do que do último artigo do Credo: "Creio na vida eterna".

Um epitáfio dos tempos do cristianismo primitivo diz dos mortos: “Não morreram, agora começam a viver”. Uma vez que esta fé se tornar viva em mim, venham então os mais cruciantes sofrimentos, resta-me o consôlo; isto não é sofrimento eterno; e se uma alegria me fôr concedida, não me abandono a ela, pois não é gôzo eterno.

Embora minha vida inteira fôsse um puro sofrer; que eu seja atacado de doença grave, desconhecidas minhas boas intenções, seja preterido, a desgraça me persiga, tudo poderei encarar virilmente, se acreditar na vida eterna.

Uma dor te assalta? Quanto tempo dura a provação? 20, 40, 60 anos? Que é isto comparado à eternidade! 50 anos parecem-nos coisa importante porque nêles vivemos. Que são porém, medidos com o padrão da eternidade! Imagina uma lição de história, daqui a 500 anos, portanto, aí por 2440. Os alunos estudam a Primeira Grande Guerra. Alguém diz: “A Grande Guerra, sim, sim, ela durou de 1814 até 1818”. Que diz? foi exatamente um século mais tarde”, repreende o professor. — “Ah, é verdade, enganei-me de um século, replica o discípulo com tôda a calma. Um século sim, um século não, que representa isso? Do mesmo modo se eu hoje perguntar a um aluno: “Quando foi a batalha das Termópilas?” — “A batalha das Termópilas — ?? — ela se realizou no século VIII antes de Cristo”. — “Ora, ora, reflita um pouco!” — Ah! sim, foi no século V, senhor professor, fiz confusão’. Sim, também séculos podem ser confundidos. Que representa então uma curta existência humana?

Medita um momento sôbre o que vou dizer-te. Se um pai dissesse a seu filho: “Olhe, meu caro,

durante cinco minutos seja bem comportado, não minta nesse prazo, não blasfeme, não seja leviano e você será feliz durante 50 anos, terá tudo o que possa desejar”; não seria o jovem mui insensato, se não permanecesse fiel nesses cinco minutos? Ora, tôdas as lutas da vida terrena, comparadas ao galardão eterno, representam muito menos do que cinco minutos ao lado de 50 anos!

Pensa pois de vez em quando, sèriamente, na morte, para que pérmaneças bom. Visto que tudo passa: roupas, beleza, habilidade, juventude, fôrça, — deves, antes de tudo, cuidar do imperecível, de tua alma!

Um incrédulo zombava uma vez, da fé dum homem piedoso: “Como ficarás logrado, disse o ateu, se o céu fôr uma fábula!” — “Mais logrado ficarás tu, replicou o cristão, se o inferno não fôr uma fábula!”

Bemaventurado aquêles que no fim da vida puder dizer como Balint Balassi: “Cristo morreu por mim, como poderia eu desesperar? Fui vosso guerreiro, Senhor, marchei em vossos exércitos!”

“FERNANDO PENSA NA ETERNIDADE!”

Fernando III, rei de Castela (século XIV) mandou escrever na parede da sala: “Fernando, pensa na eternidade!” Em tudo o que fazia, onde quer que fôsse, o pensamento da eternidade pairava ante seus olhos. Lembra-te dela também, meu jovem.

Quando entraste no mundo, choravas, enquanto todos se alegravam; vive agora de tal modo que, ao deixares a vida, possas alegrar-te, rejubilar pela

vida eterna que te espera, quando mesmo todos os outros choram em teu redor.

O romano Sêneca dizia: “O dia que temes e ao qual chamas último, é o dia natalício para a eternidade”.

Tandem felix, “enfim, feliz”. Estas duas palavras queria-as por epitáfio o profundamente religioso e célebre físico, Ampère.

E’ muito fácil renegar a Deus e viver sem Ele, quando na plenitude da fôrça corporal. Quando porém vier o instante — e nunca saberás quando virá em que a vida foge e a mão mais firme desfalece, verás em claríssimo desespero, quão vazia, inútil e errada era a vida que vivemos sem Deus, em contínua oposição às suas leis.

Strindberg († 1912) o grande chefe socialista, no momento de sua morte, apontou a S. Escritura, e suas últimas palavras foram: “Esta é a única verdade!”

Nos subterrâneos do Pantheon de Paris detive-me ante o túmulo do sarcástico descrente, Voltaire. A mais elevada honra para um francês, é ser sepultado ali. Entretanto, continuamente me vinham à memória as palavras de Troughon, amigo de Voltaire e médico que assistiu à horrível morte do ateu: “Se um demônio pudesse morrer, morreria como Voltaire”.

Tôda a vez que o pecado te seduz, pensa na eternidade. Pode parecer-te difícil, às vêzes, viver cristãmente; o morrer porém é fácil. Para quem leva vida fácil, a morte será difícil.

O pintor inglês Aubrey Beardsley, que desenhava de preferência figuras indecentes, morreu

tuberculoso aos 28 anos. Aqui tens sua última e terrível carta ao seu editor Smithers:

“Jesús é meu juiz!”

“Caro amigo,

Peço-vos instantemente que destruais todos os exemplares da “Lysistrata” e todos os demais desenhos impudicos. Mostrai esta carta a Politt e fazei-o jurar que também êle queimará tudo. Por tudo o que tendes de mais caro, eu vos suplico: mais nenhuma gravura indecente!

No meu leito de morte.

Aubrey Beardsley”.

Considera, ao invés, a morte serena do cristão crente. Lê, por exemplo, o último legado do grande escritor francês, Louis Veuillot: “Após a oração final, colocai uma pequena cruz sôbre meu túmulo, com a inscrição: Êle creu e agora vê. — Confio em Jesus; nunca me envergonhei de sua santa fé, sôbre a terra. Creio que lá no céu, o Pai Celeste não se envergonhará de seu servo fiel”.

Que enorme diferença na morte dos dois homens!

Sim, o homem piedoso bem sabe que a vida terrena é apenas o prólogo do livro da eternidade, e quando o pecado o seduzir, lembra-se das palavras: “O gôzo do pecado dura apenas um instante; o castigo, entretanto, dura eternamente” (S. Gregório).

Alexandre Magno encontrou, certa vez, Diógenes a vasculhar com cuidado num montão de crânios humanos. “Que procuras?” interrogou o rei. “Procuro o crânio de teu pai, o rei Felipe; quisera achá-lo, mas é impossível reconhecê-lo!” retorquiu o sábio.

Impossível de distinguir! Após a morte não se reconhece o crânio do próprio rei! De que é que tenho orgulho e presunção? E por que é que me preocupo mais desta passageira vida terrena, do que da eterna?

Numa escola militar de Paris, um sacerdote pregava sobre a condenação. Terminado o sermão, um capitão ateu interpelou, zombeteiro, o sacerdote: “Uma coisa esqueceste de dizer-nos, reverendo, se no inferno somos cozidos ou assados”. O sacerdote olhou para o motejador e respondeu friamente: “Senhor capitão, isso não vos revelo, haveis de experimentá-lo pessoalmente”. A inesperada resposta abalou o homem, até então incrédulo, e não o deixou em sossêgo, até mudar de vida e converter-se. Também para ti será de bom proveito pensar na condenação e na vida eterna.

Ser condenado por tôda a eternidade! Eternamente! Traça, em espírito, uma reta, da terra à estrêla mais distante. Com esta linha procura construir um glôbo gigantesco. Enche-o agora de grãozinhos de poeira e eleva seu número ao quadrado. “Impossível!, replicas é um número incalculável!” Possível é. A matemática exprime-o facilmente, por ex., 10^{100000} . A “eternidade”, porém, não existe na matemática que não a pode exprimir! Queimar eternamente, apesar disso, não ser consumido! Suportar suplicios e não poder esperar um término! Sofrer continuamente, e sempre, e não poder nunca dizer: “Graças a Deus! Mais um dia que passou, um dia a menos nos meus padecimentos!” Na eternidade já não há tempo.

Ser condenado eternamente? Não! Não quero consenti-lo, de forma alguma!

O. A. M. D. G.

OMNIA AD MAIOREM DEI GLORIAM

“Tudo para a maior glória de Deus”

Recordo-me de um conto de minha infância. O bastão mágico dum rei aí representava um papel importante. Tudo o que se tocava com a vara, transformava-se em ouro. Quando nô-lo contaram, abrimos uns grandes olhos e sòmente mais tarde reconhecemos que essa vara encantada não existia. O conto tem no entanto, uma significação simbólica, visto que todos podem obter uma varinha de condão ainda mais preciosa. Com ela podem transformar suas obrigações cotidianas, suas palavras e pensamentos, num tesouro mais valioso do que o ouro: em obra agradável a Deus. — Que coisa é?

— Realizar tudo para Deus, para sua maior glória. Em certa passagem, o Salvador diz: “Deveis orar sempre e não deixar de rezar” (Luc. 18,1). Perguntas atônito: “Rezar sempre? Todo o dia recitar o Padre Nosso? E’ impossível”. Sim, é verdade. Contudo, se Jesus o exige apesar disso, Ele entende por oração, não sòmente o recitar Padre Nossos e Ave Marias, isto é, que não devemos orar unicamente por palavras, senão também por nossa vida.

*Nada melhor no mundo que rezar,
Sair de si, e em prece aos céus chegar.*

*Rezem nossas palavras não sòmente;
Rezem nossos pensares igualmente.*

*Que sejam nossas obras gesto imenso
De vida que se esvai qual grato incenso.*

RÜCKERT

Como é que a vida pode tornar-se oração? S. Paulo nô-lo ensina quando escreve aos cristãos de Corinto: Quer comais, quer bebaís, quer façais alguma outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Cor. 10, 31).

Então: "Tudo para a maior glória de Deus, — *monia ad maiorem Dei gloriam!*" Era o lema de S. Inácio, e também seja teu propósito, diàriamente renovado. Antes de terminar tua oração da manhã, representa-te em espírito as ocupações e dificuldades que o novo dia vai trazer-te.

Aí vem a matemática, o latim, o francês, a aula de religião, meus temas, os camaradas que me aborrecem, meu insuportável vizinho, meu corpo comodista, minha fraca vontade, a dor de dente, o futebol, uma preterição que terei de suportar. Num instante trazê tudo ante o Pai Celeste e dizê: "Divino Salvador! Tudo o que pretendo fazer, o que pensar ou fizer, quero realizá-lo para a vossa glória; abençoai tudo, eu vô-lo peço!" Vigia-te durante o dia e pergunta-te repetidas vêzes: "Foi em verdade para a glória de Deus, o que fiz agora, o que disse, li, pensei há pouco...?" Quando sentires que diante de Deus esta ou aquela palavra, ato, pensamento não poderá justificar-se então, fora com êle!

Experimenta êsse método sumamente simples e verás quanto aproveita ao teu progresso espiritual. Na Idade Média, muita gente perdeu tôda a fortuna e até o juízo, porque teimava em descobrir

a “pedra filosofal”, o método de transformar em ouro os metais comuns. O segredo da alquimia ainda está oculto, mesmo aos químicos modernos, mas quão facilmente conseguimos conquistar tesouros para a eternidade, mais preciosos do que todo o ouro, e ainda com as coisas mais desvalorizadas! Tudo realizaremos com uma palavra mágica quando vive a alma em estado de graça: O. A. M. D. G.!

Compôs um pintor um quadro notável: Um menino está escrevendo uma série de zeros sobre uma lousa, assim: 000 000. Um anjo está a seu lado e coloca o algarismo *um* diante dos zeros: 1000.000. O quadro intitula-se: “O bom propósito”. Todas as obras, palavras, pensamentos de nossa vida são zeros sem valor, quando os fazemos por soberba, egoísmo, comodismo. Todavia, as mesmas obras, transformam-se em jóias, quando agimos com reta intenção, segundo a vontade de Deus, para sua glória. Cada dia de nossa vida torna-se uma mina inesgotável de ouro, se, em seu início, escrevermos as letras: O. A. M. D. G.

Relata uma lenda ingênua que o pequeno Jesus estava brincando com outras crianças de Nazaré, fazendo passarinhos de barro. As avezinhas das demais crianças permaneciam imóveis no chão; Jesus porém soprava sobre os seus, e eis que ficavam vivos e com alegre gorgoejo se elevavam no céu azul.

Isto é apenas uma lenda, e não fato verídico. Mas a verdade é que dois rapazes podem agir de modo igual, serem ambos igualmente aplicados, obedientes, obsequiosos, e apesar disso, o valor de sua vida é muito diferente aos olhos de Deus: Pesa na alma de um o pecado grave; por isso suas ações

não têm valor diante de Deus; a alma do outro está cheia da graça divina, que dá um valor eterno ainda às mais simples obras cotidianas.

O JEJUM

Também acêrca do jejum quero dar-te alguns pensamentos sérios, visto como há jovens que não compreendem bem sua utilidade. Se refletires um pouco descobrirás nêle profundos valores psicológicos.

“Jejum é só tola exterioridade!” dizem os superficiais, os que não gostam de refletir. “Por que faz parte da religião? Ora, como pode ser honra para Deus, eu na sexta-feira não comer carne ou, por abnegação, comer menos em outro dia? Não será indiferente fazer abstinência na sexta ou na quinta-feira?”

Nota-se logo que, quem fala assim, não tem a mínima idéia do sentido do jejum. A essência do jejum não consiste em não comer carne, e exatamente na sexta-feira, mas na mortificação, isto é, no fato de impormos, de vez em quando, um sacrifício ao nosso apetite da gula. Se a religião tivesse prescrito que em outro dia, a terça-feira, por exemplo, não comêssemos pão, seria êste o jejum. Não é, pois, a carne o essencial, senão o sério exercício da vontade: Quem manda em mim, o estômago ou a vontade? Posso privar-me dum alimento uma vez por semana?

O jejum é, pois, excelente meio para fortalecer nossa vontade, além de ser obra meritória diante de Deus e reparação das culpas passadas. O moço piedoso pensa assim: Minha alma só poderá desenvolver-se, harmoniosamente, se eu souber refrear

firmente minhas inclinações. O valor do jejum não consiste na abstinência de carne, mas na abnegação própria, no império sobre nós mesmos. Esta é justamente a medicina contra nossas inclinações pervertidas e contra os germes do pecado ocultos em nós. "O império sobre nós mesmos vale mais do que pólvora" (Stanley, explorador da África).

O jejum racional é também um auxiliar excelente na luta contra as imperiosas exigências do corpo, durante a adolescência. Há jovens que comem, devoram, empanturram seu estômago a mais não poder, e depois se queixam de fortes tentações de sensualidade. Para que cevar desassisadamente o corpo?

Por que poupar-lhe todo esforço e fadiga? Por que razão amamá-lo como a criança doente? Será de admirar que o corpo supernutrido reclame prazeres pecaminosos? Portanto, não causa prejuízo algum impor ao estômago exigente o freio de jejum razoável: "Cala-te! Não és tu quem manda!"

Todos sabem hoje que o jejum, como a religião o prescreve, não é prejudicial à saúde, antes positivamente benéfico. A medicina afirma de há muito que o uso excessivo de carne é pernicioso, provoca nervosidade e reumatismo. A abstinência é portanto proveitosa, também no ponto de vista de saúde.

Há muitas famílias, infelizmente, que não se importam com o jejum. De ti, porém, meu caro, espero que sejas, aqui também um bom filho da Igreja. Ainda quando em mesa alheia, se te servirem carne, podes observar a abstinência. Que é preciso para tanto? Uma hábil e polida evasiva e, se insistirem, um pouco de coragem: uma franca profissão de fé.

ORATE FRATRES!

(Orai Irmãos!)

Antes da deflagração da Grande Guerra, o grande general Mackensen escrevia à sua mãe nonagenária: “Há 44 anos, as vossas orações me rodearam e protegeram qual couraça; que me acompanhem agora, com êxito igual, nas lutas iminentes, para que me porte à altura de minha tarefa. Ponho nelas minha confiança!” Em que? Nas orações duma nonagenária! Quem? Mackensen, o famoso general!

E’ bem possível que tenhas de passar por muitas provações em tua vida; tua fé estará talvez exposta a duras provas; enquanto perseverares na oração não receio por ti, nem tua fé será abalada.

Como porém poderás conservar incólume a tua fé, se desaprenderes a impetrar a graça divina? De que modo conseguirás firmar-te contra as tentações que te assaltam, se não haurires forças da oração humilde?

A oração espiritualiza, torna-nos puros melhores, mais serenos, mais fortes. A oração é a mais lúdima fonte de vigor moral. Qualquer tarefa que se te apresente, reza devotamente ao Senhor, com sinceridade de coração, e mete depois afoitamente, mãos à obra, como Davi quando avançou contra Golias: “Venho a ti em nome do Senhor Deus dos exércitos!”

Um índio dizia: “Todos os dias agradeço ao Grande Espírito, porque faz crescer milho para nós”. E tu, caro jovem, também das graças a Deus por tua vida, tuas aptidões, teus pais e, sobretudo,

pela conservação de teus bens espirituais? Dize-me, que idade tens? Dezesseis? E êsses anos quantos minutos fazem? O dia tem 1.440 minutos, o ano 525.600; 16 anos, pois, 8.409.600 minutos.

Tantos minutos já viveste: Todos os deves a Deus. A cada minuto sua Onipotência te conserva vivo. Tira tua mão que sustenta uma pedra: esta cairá ao chão; bastaria que o Criador te abandonasse, um único instante que fôsse, para caíres no nada em que jazias antes do nascimento. "Deus te criou para Êle sòmente, tem pois direito absoluto sòbre ti". (S. Agostinho). A oração é um banho de luz para a alma, bem como o raio do sol o é para a flor. A prece refresca a alma, assim como alegra o ar puro das montanhas. Rezar é dar descanso à alma, da mesma forma que o corpo fatigado repousa no domingo. A oração é a poesia da vida eterna e prerrogativa especial do homem. Ninguém e nada na imensa criação reza, a não ser o homem. Portanto, o sêr humano que não costuma rezar, não vive uma vida humana; mas vegeta sòmente.

COSTUMAS REZAR?

Costumas rezar? O que o orvalho é para a natureza verdejante, tal é a oração para a alma humana: refresca-a, embeleza-a, torna-a mais vigorosa e fértil.

Sem chuva não há frutos, sem alimento não há vida; sem oração sistemática não há frutos nem vida espirituais. A prece bem e pontualmente feita é uma chuva vivificante e confortadora para a alma.

Tens o costume de orar metódica e pontualmente, meu caro? Não pergunto se não te acontece adormecer de cansaço durante a oração, ou se a fantasia vagueia de cá para lá. E' quase impossível evitar essas perturbações. Se te faço tal pergunta, quero saber se tens aquela verdadeira, viva compreensão, que considera prazer e distinção, que Deus onipotente se digne conversar contigo minúsculo grãozinho de pó. Pois esta oração é o espontâneo e afetuoso contacto da alma com Deus. O carvalho é grande, quando situado entre pequenos arbustos; visto de avião, é um ponto quase invisível. Quão inominavelmente pequeno não serei pois eu aos olhos de Deus infinitamente grande! Uma vez que tiveres compreendido bem profundamente, que imenso privilégio é o teu — só teu, o sêr humano — poderes expandir teu coração com Deus, confiar-Lhe tuas máguas, pedir seu auxilio, não será preciso incitar-te a rezar. Pode acontecer que não te acordes a tempo, que devas apressar tua refeição matinal e assim não possas recitar tua oração — isso não é de grande monta! Teu sentimento de piedade me dá a segurança que, durante o dia, compensarás a oração da manhã omitida, por meio de jaculatórias. Acontece talvez, que voltes esfalfado de uma excursão, as pálpebras caem-te durante a oração da noite; não obstante, fazes esforço e não desistes da prece.

Quem sabe o que seja rezar e porque deve orar, rezará de boa vontade, voluntariamente, com o coração e não somente com os lábios. A porta aberta da igreja que encontra em seu caminho, convida-o a uma ligeira visita; a maravilhosa floresta em que passeia, indú-lo à piedade; êle ora

quando se alegra; reza quando o pecado o busca aliciar, reza quando o sofrimento o tenta abater.

“Não tenho tempo para rezar!” queixam-se muitos jovens: “De manhã acordo-me no último momento, à noite estou cansado demais”. Naturalmente! mas, levanta-te cinco minutos mais cedo do que de costume; começa, à noite, tua oração cinco minutos mais cedo do que costumavas ir dormir (realmente, não é muito) e sempre terás tempo para rezar. Cinco minutos! Dos 24 x 60, isto é, dos 1.440 minutos do dia, bem podes poupar dez para honrar a Deus. Ainda ficam 1.430 que te pertencem inteiramente! Senhor, nós Vos pertencemos de todo; tudo o que possuímos vem de Vós, quando oramos, damos-Vos apenas o que já é vosso.

“Contudo, aprendemos que não é pecado emitir a oração de quando em quando!” Olha, já reflectes de novo como uma criança”. Não, não é pecado”. Naturalmente que não é! Entretanto, com Deus não deves calcular e pesar de continuo o que é pecado e o que não é, e fazer exactamente o estritamente necessário para evitar o pecado. Ao contrário, representa-te quão importante é fazeres cada dia conscienciosamente a oração a fim de não ficares mais tibio no bem em face da tentação. Considera quanto mais fraco foste, tôda a vez que omitiste as orações diárias.

SÓ CINCO MINUTOS

“Amas a Deus?” perguntei uma vez a um ginasiano. Ele me dirigiu um olhar entusiasmado e

respondeu: "Certamente!" "Também rezas?" continuei. "Não" replicou êle.

Êste rapaz nem percebia que entre as duas respostas se escancarava um precipício intransponível de contradição. Pode alguém amar a Deus sem rezar? Quando tenho um amigo, por quem experimento afeição, procuro encontrar-me frequentemente com êle, e examinar e discutir os assuntos de meu interesse.

Alguém fêz o cálculo do emprêgo de vida de um setuagenário. 25 anos no trabalho, 20 no sono, 2 anos em refeições, um ano em vestir-se, 9 meses em lavar-se, 7 em barbear-se, 4 em assoar-se, 2 meses em escovar os dentes, etc. Só êsses atos entraram em consideração. Todavia, quando tivermos de apresentar a Deus o relatório de nossa vida, as rubricas devem conter questionário bem diverso. Ali teremos: Quanto bem praticaste, quanto pecaste? Como cumpriste teus deveres e quantos omitiste? Quanto tempo, dos 70 anos, empregaste na oração? Durante um único ano, teu coração pulsou 36.792.000 vêzes e quão poucas vêzes bateu para o colóquio com o seu Criador!

"Quanto deve durar a oração?" perguntas talvez agora. Meu caro, Deus não mede a verdadeira prece por metros e horas, mas segundo o coração e a boa vontade. Uma oração espontânea, viva, afetuosa, embora curta, vale mais do que outra longa, feita sem atenção, apenas recitada. Por conseguinte, faz uma prece curta, mas com amor; curta, mas com inteira dedicação; breve, mas frequente. Também durante o dia eleva-te mentalmente ao Pai Celeste. Dois determinados momentos, entretanto, deves fixar e manter escrupulosamente: a oração da manhã e a da noite. Os pri-

meiros pensamentos do dia pertençam a Deus: todo o dia será mais abençoado; à noite, teu último pensamento seja uma ação de graças: teu repouso será mais sereno e benéfico.

Não rezes na cama! Se já tiveres êste costume, antes assim do que nada! Mas, não é verdade? não é sinal de grande veneração e respeito, a gente falar com Nosso Senhor, deitado! Que tantos “esqueçam” de rezar explica-se porque costumam fazer a oração deitados no leito e adormecem, apenas a principiam.

O mais razoável é cumprir êsse dever, de manhã depois de vestir-se, à noite, antes de despir-se. Já o fizeste? Bem, deita-te e continua a orar: agora já não importa que adormeças: ao contrário, descansa melhor quem entra no sono com a prece nos lábios.

Conheces o adágio: Tudo depende da bênção divina; ou: mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga. Como poderias esperar que o dia seja bom, se não o comesas em nome de Deus? Olha em derredor: tudo reza. A florzinha abre sua corola ao primeiro raio do sol e derrama seu perfume ante o trono do Criador. Não é uma oração matinal ao Pai do Céu o álaçre gorgueio da passarada anunciando a aurora? E o zunzum da abelhinha atarefada sauda-o durante o labor. O sol, prestes a por-se, envia-lhe seu último raio dourado, como em despedida. Sim! o universo inteiro reza.

Êsse hino de louvor que a natureza canta inconsciente ao Eterno, em virtude de uma lei que lhe é imposta, nega-lo-ia a seu Senhor, unicamente o homem, dotado de livre vontade?

“Nada há mais empolgante do que um homem a rezar”, dizia alguém e tinha razão. Quando oramos, é como se penetrássemos num mundo diferente, elevados a uma outra, divinal atmosfera, como se bebêssemos da fonte da vida eterna.

O que dizíamos acima da oração da natureza, entende-se apenas figuradamente. “Rezar” de fato, isto é, elevar o coração a Deus, falar com Ele é prerrogativa do homem somente. A oração é seu mais nobre privilégio. Nossas alegrias, o amor, o temor e ânsias, nossa gratidão como nossos combates, tudo é por ela enobrecido. Além disso, poder orar, poder levar nossa alma à fonte de toda a consolação e de toda a alegria, em busca de força e vigor, é uma das mais excelsas aptidões do nosso sêr. Pela oração criamos asas, que num instante vencendo o tempo e o espaço do mundo limitado, nos transportam ante a face do Eterno. A oração é uma como respiração profunda da alma na proximidade vivificante da Divindade. Durante a prece nossa mente se enche de idéias eternas, os pensamentos e a fantasia são nobilitados, a vontade é vigorosamente estimulada. Experimenta, jovem, ao ameaçarem-te as sombras, ajoelha-te e suplica o auxilio divino. Sentirás como a paz penetra em teu interior e experimentarás novas forças, como se o próprio Deus tivesse entrado em tua alma.

“Pois o Senhor é tua esperança, o Altíssimo teu refúgio.

Não te acontecerá mal algum, e nenhuma praga se aproximará de tua casa.

Porque Ele ordenou a seus anjos velar por ti, em todos os teus caminhos.

Que te levem nas mãos, para não tropeçares em alguma pedra” (Salmo 90).

Precisamos de muitas graças para ter uma vida de caráter. Deus nô-las concede a mancheias, se lhes pedirmos. Não o esqueças nunca, meu amigo.

SABES REZAR?

Amigo, sabes rezar como deves? Isto é, sabes esforçar-te para rezar bem, com amor e dedicação? Já os antigos diziam mui acertadamente: “Em vão reza a língua, se o coração não a acompanha”.

A fim de orar bem, não se vai a Deus como a um senhor poderoso, que reina acima das nuvens, mas como a um amigo íntimo. Podemos confiar-Lhe tôdas as nossas petições e máguas, todo nosso esforço e luta em prol de um caráter nobre. Cuida, porisso, de estar sempre livre de pecado grave, como filho leal do Pai Celeste! Enquanto fôres filho de Deus, hás de viver, falar, pensar, agir como o Pai o quer, e não segundo os desejos das paixões, das inclinações e do mundo. Sei perfeitamente que não é fácil hoje em dia, levar uma vida conforme à vontade divina, uma vez que, por tôda a parte, há tantos maus exemplos. Não é tão simples permanecer fiel aos mandamentos, com perseverança, com férrea coerência, com vontade heróica. Apesar de tudo, fica ao lado de teu Deus, com fidelidade inquebrantável, e verás quão fácil é falar com Ele, em linguagem confiante e viva, isto é, rezar.

Quando alcançam as classes superiores, muitos rapazes perdem o costume da oração, de que tanto gostavam quando pequenos. Donde vem isso? E' porque não sabem rezar direito. Ignoram que o desenvolvimento corporal deve acompanhar-se paralelamente da evolução espiritual. O corpo cres-

ce, enrija-se, sua vida moral porém, é no curso superior o que foi na escola primária. Qual foi sua oração da manhã e da noite? Um Padre Nosso, Ave Maria, o Credo, quiçá, alguma outra jaculatória, e só. E qual é hoje sua oração? A mesma. Naturalmente já não lhes dá gôsto. Como poderia bastar às necessidades de um jovem o que estava bem para um menino? Dêste modo a oração vai-se tornando um fardo. Arrasta-a consigo, alguns anos mais, sem gôsto, por costume; depois torna-se cada vez mais negligente e, por fim, alija definitivamente o fardo e cessa de rezar. Compreendo que omita essa oração. Em vez de haurir dela alegria e rejuvenescimento, é ao contrário, uma prisão estreita para sua alma, que anseia pela amplidão e o infinito.

Onde está o mal? Se um adolescente quisesse calçar os sapatos que usava na escola primária, evidentemente os encontraria apertados; não os pode mais calçar! Não servem mais, e lá se vão para um canto. Em verdade, o adolescente já não pode mais orar como o fêz em criança.

Então, como deve ser, para um moço, a oração da manhã e a da noite?

A ORAÇÃO DA MANHÃ E A DA NOITE

À hora de levantar, traça devotamente o sinal da cruz e sem hesitação pula da cama. Faze, por alguns minutos, exercícios de ginástica, lava-te e veste-te completamente. Em seguida ajoelha-te ao lado da cama ou no oratório se o tiveres, ou, se isso não fôr possível, senta-te à tua escrevaninha. Apoia a cabeça nas mãos e imagina que chegas à

presença de Deus. Não importa que não digas palavra alguma e que unicamente as cordas do teu coração ressoem suavemente: "Senhor, graças pelo repouso da noite. Quantos doentes passaram a noite em claro e eu tive um descanso sereno! Agradeço-vos, Senhor! Peço-vos que me ajudeis, a fim de mostrar-me digno do vosso amor durante este dia. Começo um novo dia e todos os meus trabalhos, meus pensamentos e obras sejam feitas segundo a vossa santa vontade. Empréstai-me vosso auxílio para que, à noite, eu seja ainda mais perfeito do que pela manhã. Tenho, porém, um grande defeito. Sabeis, Senhor, qual é. (Lembra-te aqui do teu defeito principal). Se me pudesse desembaraçar dê-lo, o resto já seria mais fácil. Que ocasiões ocorrerão hoje, em que poderia recair? (Reflete aqui como queres lutar contra o teu defeito capital, durante o dia, na escola, na rua, em casa, entre os camaradas). Suplico-vos, pois, concedei-me a vitória neste dia. Tudo o que eu fizer ou sofrer é para Vós, para Vossa glória. Abençoai meus pais. abençoai os que me querem bem, e dai-me a bênção também a mim, vosso filho fiel e obediente que, embora frágil, Vos ama de todo o coração". Reza então ainda um Padre Nosso, a Ave Maria, o Creio em Deus — e tua preciosa, confiante e vivida oração da manhã está terminada. Agora, com alegria ao trabalho! Com coragem para a frente! "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rom. 8, 31).

Quão diversa essa oração cheia de vida, espontânea, pessoal, do balbucio meio inconsciente dum menino! Não é longa; alguns minutos bastam: no primeiro, a ação de graças; no segundo, súplica pela assistência divina; no terceiro, as orações de texto conhecido.

A prece matinal bem feita é a santificação de todo o dia iniciado. Dize-me como fizeste tua oração da manhã e dir-te-ei quanto vale teu dia, para ti e para a eternidade.

“Onde o Senhor não levanta a casa, os construtores trabalham em vão. Se o Senhor não defender a cidade, os guardas vigiam inútilmente” (Salmo 126).

Lê a bela oração que o conde Estêvão de Széchényi compôs para si mesmo: “Deus onipotente, atendei-me a tôda hora. Enchei meu coração de bondade angélica para com o próximo, minha pátria, meus conterrâneos. Iluminai-me com o espírito flamejante e a inteligência de um querubim. Deixai-me penetrar meu futuro e distinguir a semente do bem da do mal.

Ensinaí-me o que devo fazer e o modo de realizá-lo, a fim de que possa prestar boa conta dos bens a mim confiados. Quero refletir e trabalhar, dia e noite, a vida inteira. Dai êxito ao que é bom, e destruí no gérmen o que poderia dar maus frutos. Assisti-me, para que possa reprimir minhas paixões. Permiti que eu considere, com verdadeira humildade, tudo o que há na terra e assim encete a minha tarefa. Esta oração não seja dita apenas em palavras; por meus atos seja continuamente enviada aos céus...”

Não achas que a enorme capacidade de trabalho do “maior dos húngaros” era exatamente fruto dessa mentalidade sadia e cheia de ânimo?

Também na oração da noite tua primeira palavra será de gratidão. Talvez assim: “Senhor, o presente dia está a findar; antes que eu procure descanso, quero elevar minha alma a Vós. Principiei o dia com Vosso santo Nome, com Ele quero

terminá-lo. Aceitai minha gratidão pelo muito bem com que hoje cumulastes minha alma. (Aconteceu-te alguma coisa desagradável, uma humilhação, alguma dor? Agradece ainda e roga que te faça compreender o fim que Elle tinha em vista). Fui ingrato para convosco? Utilizei bem este dia? Ou tenho a reprovar-me novamente tantas faltas? (Aqui fazes um curto exame de consciência, se faltaste por atos, palavras, pensamentos ou omitiste o que teria sido de tua obrigação).

Sim, meu Senhor e Deus, de novo fui fraco e faltei. Pesa-me esta minha ingratidão. Perdão, Senhor! Amanhã será diferente. Rogo-Vos, Pai Celeste. Também não me negueis Vossa graça por esta noite. Permitti que eu repouse, para com novas forças trabalhar amanhã segundo a Vossa vontade". Recita alguma outra oração à tua escolha — e a oração da noite acabou. Também à noite são suficientes alguns minutos, mas devem ser tanto mais fervorosos, vivos, espontâneos.

Agora podes ir dormir; esforça-te todavia por permanecer em espírito com Deus. Agora já não importa que adormeças durante a continuação do teu colóquio; é mesmo melhor que o sono te cerre as pálpebras, enquanto o espírito está occupado com pensamentos nobres. Ora, a alma não dorme, mas o corpo tão somente, e este ainda não de todo; continua a funcionar, embora mais debilmente. O pensamento com que adormeceste, continua a viver em ti, também no sono. Se pois conciliaste o sono com pensamentos bons, elles penetram então, enquanto repousas, mais profundos em tua alma, e no dia seguinte ao acordar, estarás um pouco mais próximo da vida ideal a que aspiras.

MEIO SEGURO DE FORTALECER E APERFEIÇOAR A ALMA

Aquele que quiser ultrapassar a média comum na vida religiosa, recomendo fazer, outrossim, além das orações vocais, uma meditação diária. A alma se aperfeiçoa melhor no silêncio. Quem aspirar sèriamente a formar um caráter sólido, procure reservar cada dia alguns minutos, um quarto de hora, em que, alheio a todos os demais pensamentos, se ocupe exclusivamente com Deus e sua alma. A meditação diária metódica é um meio excelente de auto-educação.

Não tens tempo? Julgo que todo o jovem de boa vontade pode incluir em seu programa cotidiano êstes quinze minutos da manhã.

Não sabes como fazer a meditação? Não é difícil. Escolhes um pensamento, uma verdade da fé, e tratas de penetrar nela, com tôdas as tuas faculdades; a vontade, a fantasia, a inteligência, a fim de que se enraíze bem profundamente na alma.

O método duma boa meditação é o seguinte: Como preparação coloca-te, em espírito, na presença de Deus e pede-lhe que se digne dar-te sua graça para uma boa meditação. Em seguida analisa a verdade escolhida para assunto, mediante a inteligência e a fantasia, considerando tôdas as suas particularidades, embora mínimas, e deixa atuar as impressões que surgem, sôbre tôdas as faculdades da alma. Entrementes pergunta em cada pormenor: Que é que se conclui para mim, desta verdade? Vivi de acôrdo com ela, até o presente? Se não tiver sido assim, como quero viver daqui para o futuro? (Faze aqui o firme propósito de aplicar,

durante o dia, a verdade conhecida). Antes de terminar a meditação, fala ainda com Deus, em breve e sincero colóquio: “Senhor, agradeço a graça com que me iluminastes durante minha contemplação. Rogo-vos me ampareis com vosso auxilio a fim de poder cumprir as resoluções tomadas”.

Então, é difícil?

A finalidade da meditação é concentrar-se alguém em pensamentos religiosos, e expor a alma aos seus raios confortadores e vivificantes. Bem sei que a meditação diária sistemática exige certo sacrificio de tempo; entretanto, seus ótimos efeitos educativos são sumamente compensadores. Quando tivermos feito bem a meditação, por alguns meses, já sentiremos a alma bem mais achegada a Deus, a vontade revigorada, nossa mentalidade mais nobre, isto é, avançamos um grande passo na formação de nosso caráter.

A facilitar-nos a meditação temos os evangelhos (basta algumas linhas, diariamente), a “Filoteia” de S. Francisco de Sales, a “Imitação de Cristo”, e outros.

Será isto um penoso trabalho do dia? Sim, pode ser um pêso, mas que alivia e eleva. As asas são igualmente um pêso para a ave; se a tirares, porém, ela já não poderá voar!

OS SINOS CHAMAM

Domingo, dia do Senhor. Os sinos tocam e sua voz metálica ressoa por cidades e campos, por montes e vales. Uma semana inteira nos esfalfamos com mil cuidados da vida. Hoje porém é domingo, e os sinos clamam: “Homens, vinde, vinde

à igreja e adorai vosso Deus, pois este mundo não é a pátria, aqui sois apenas viajantes. Homens, não sois unicamente pó, mas, filhos de Deus. Homens, não somente a vida terrena merece vossos cuidados, senão também a vida eterna”.

Infelizmente, muitos ficam surdos à voz amiga do sino. Alguns saem já bem cedo para uma excursão e passam o domingo sem missa. Outros divertiram-se até tarde, na noite de sábado, e ficam dormindo à hora da missa. Outros mais “não têm tempo” pois precisam ir passear.

Tu, porém, meu caro, aos domingos e festas assistes à S. Missa. Por vêzes, é o próprio regulamento escolar que ai te conduz. Contudo, é tão só o regulamento? Há realmente moços que obedecem unicamente à força. Não havendo missa escolar, ficam longe da igreja.

Jovens levianos e superficiais! Que modo mais estulto de pensar!! Quem tiver refletido seriamente sobre a significação e valor da S. Missa, não assistirá ao S. Sacramento somente quando fôr mandado, mas sua alma o conduzirá, o forçará a assisti-lo tôdas as vêzes que puder.

Se não te fôr possível ouvir missa durante a semana, seja teu princípio inabalável não faltar a ela aos domingos e dias santos.

Sim, é questão de honra assistir à missa aos domingos! Jesus Cristo se sacrificou por mim; não poderia pois esperar que sacrifiquemos, em memória de sua paixão de morte, uma das 336 meias horas da semana? No entanto, a missa não é apenas uma recordação do sacrificio da cruz, mas é sua real renovação mística, donde emana para mim uma abundante fonte de energia espiritual.

Tendo assistido devotamente ao santo sacrifício no domingo, terei começado bem a nova semana, e nela serei mais vitorioso contra as tentações, mais alegre, melhor sucedido nos trabalhos, mais ardoroso no cumprimento dos deveres.

Ouvi da bôca do próprio professor Dr. Bársony, médico de fama mundial há pouco falecido, a seguinte expressão: “Viajei por tôda a Europa e estive também na África; todavia não tenho lembrança de nenhum domingo de minha vida em que não tivesse ouvido a santa missa”.

Palavras dignas de um homem verdadeiramente católico!

Seja êste também teu lema: Quer no ano letivo, quer nas férias, com bom ou mau tempo, haja fiscalização ou não haja, esteja cansado ou bem disposto — não importa: não devo ficar sem missa aos domingos e dias santos de guarda! Isso sim, é um principio de honra! Enquanto nos domingos não tiveres ouvido tua missa, nada comeces, por mais que te entretenha.

Mas não sòmente “ouvir a missa”, senão segui-la devotamente, acompanhando as orações, oferecendo-a pelos pais, parentes falecidos, por uma boa confissão, ânimo no trabalho, vitória sôbre um defeito, pelos mil e um bons e piedosos desejos e aspirações da tua alma jovem.

PONHAMOS ORDEM NO INTERIOR

Outro meio maravilhoso de fazermos progressos espirituais é o santo retiro. Em tôdas as férias há ocasião de exercícios espirituais para jovens, estudantes, intelectuais, etc., num recanto silencioso

ou mesmo num convento. Precisa informar-te junto ao teu diretor espiritual ou o professor de religião. Ali ouves três ou quatro conferências, durante três dias; nos intervalos reflectes sobre o que ouviste, tomas apontamentos, depois, uma boa confissão — e o retiro está pronto. Assim pelo menos muitos pensam. Na quaresma vêem nêle apenas uma boa preparação para a confissão da Páscoa.

No entanto, bons exercícios espirituais devem ser muito mais. Naturalmente são uma boa preparação à confissão; mas um bom retiro pode ser comparado ao trabalho dum arado mecânico: a alma é profundamente revolvida, tôdas as raízes más, todos os pecados, tôdas as pedras inúteis trazidas à superfície, a fim de se lançar a semente escolhida dos bons propósitos no terreno renovado da alma receptiva e dócil.

Fazer o retiro é fazer uma limpeza geral, com rejuvenescimento da alma e redireção da vida. É uma limpeza em regra: reconheço tôdas as omissões e faltas do passado e me afasto do mal. Um rejuvenescimento: O terreno está limpo; com forças renovadas, com nova coragem entro num caminho melhor. Uma redireção: percebo que não posso prosseguir num rumo em que tropeçava continuamente; faço, pois, um plano para o futuro. Êste ou aquêlê pecado deve ser evitado, custe o que custar; devo conquistar esta ou aquela virtude, por maiores renúncias que de mim exija.

“Ainda não tinha notado que o retiro tivesse em mim efeitos tão profundamente transformadores” dirás talvez. Então debes procurar a causa em ti mesmo. Não soubeste colaborar com a graça divina. Durante os exercícios espirituais. Deus derrama suas graças com especial abundância, mas

unicamente naquelas almas que as recebem com voluntária colaboração. Que deves pois fazer para garantir essa torrente de graças? Nesses dias, sê particularmente generoso para com Deus: oferece-Lhe êsse tempo de modo irrestrito, ocupa-te exclusivamente de tua alma, com oração, meditação sobre tua vida passada e formação de bons e firmes propósitos.

Se fôr viável, faz um retiro já nos últimos anos do curso secundário, em especial porém, quando fôres maior, procura um retiro fechado isto é, retira-te completamente do mundo por três dias e vive na solidão só para tua alma.

“Arre! Como deve ser difícil! Três dias sem dizer uma palavra, sem ir à rua, sempre a pensar em coisas sérias?” De nada serviria animar-te e dizer que não é difícil. Digo apenas: experimenta uma vez! Estou convencido que, no silêncio dêsses dias, auferirás tão grande energia de alma, tanta alegria, animação, coragem para a solução dos problemas, como nunca poderias imaginar. A primeira vez tive de encorajar-te, a segunda irás com prazer, por ti mesmo.

A O’Connel, o grande herói da independência da Irlanda, enquanto estava fazendo o retiro, chegou um mensageiro de seu partido a fim de chamá-lo: “Se não fôres agora ao Parlamento, perderemos a luta por vinte anos. Nossos adversários ser-nos-ão superiores na votação”. — “Ficai descansados. replicou o grande estadista, enquanto rezo e confesso meus pecados, represento nossa causa, também aqui, diante de Deus. A liberdade da Irlanda nada perde com isso. O Parlamento pode ameaçar. Enquanto me ajoelho para a con-

fissão, sou mais forte do que quando levanto o braço para a luta". Sublime pensamento, digno de um moço realmente religioso!

O GUIA ESPIRITUAL

Não é prudente empreender ascensões às montanhas, sem levar um guia. Embora estejamos bem munidos de mapas, bússola e bastão, nada disso substitui o guia e, nesse impressionante reino das cordilheiras, estaremos em perigo contínuo de nos precipitar ou perder-nos.

O mesmo passa com as altitudes da vida espiritual e da formação do caráter. Por maior que seja teu ardor e dedicação em dar forma ao teu interior, facilmente te desencaminharás, quando abandonado a ti mesmo. Escolhe, portanto um guia espiritual que, de um lado, tenha experiência da vida espiritual, e do outro, conheça tôdas as dobras secretas do teu coração e possa vigiar a evolução de tua alma.

Os guias próximos seriam teus pais. Conhecem-te melhor. No entanto, a mór parte dêles não terá o tempo suficiente preocupados que estão com os problemas da vida e deveres de estado e profissão. Observa-se, aliás, o fato curioso que grande número de jovens fecham seu coração aos pais, no período da adolescência. E' raro que procurem em casa a explicação de problemas mōrais, que nesses anos surgem numerosos.

E' pena, pois os jovens sentem êles mesmos tão fortemente sua indecisão, sua incapacidade e falta de maturidade, que, em seu isolamento interior, anelam por um guia firme e seguro. Se não o tive-

rem discutem e comentam entre si suas questões interiores, mas em geral não resulta daí coisa boa, porquanto na alma do outro tudo fermenta e ferve de modo igual e a êle também atormentam dúvidas semelhantes.

A melhor solução é a escolha livre dum guia espiritual, dum sacerdote. Feliz o jovem que, no diretor da congregação mariana, no professor de religião ou em outro sacerdote encontra um amigo paternal, experimentado, afetuoso e perspicaz, a quem pode confiar, com a maior sinceridade, tôdas as máguas do seu coração impetuoso, e para o qual não tem segrêdo ou pensamentos ocultos. Um moço que encontrou tal guia não me causa apreensão. Terá que lutar muito, quiçá tropece e caia, de vez em quando, nos declives íngremes da vida espiritual; a mão segura do guia, porém, preserva-o do fatal precipício.

Quando, pois, nos anos de adolescência, mil dúvidas assaltarem tua alma, até então serena; se sombrio pessimismo abater-se sôbre ti; se pensares que ninguém na família te compreende, quando estiveres triste e desalentado, quando a luta contra os defeitos andar renhida, onde poderias desabafar melhor, mais livremente teu coração, do que no quarto silencioso do teu guia experiente e compreensivo? E quem melhor do que êle poderia tomar parte em tua alegria, quando lhe relatares tuas vitórias e conquistas? Feliz o jovem que acha um bom guia espiritual! Ninguém lhe penetra tão profundamente no coração como o sacerdote experiente que, durante anos, guiou centenas de almas juvenis na senda da verdade.

Então desabrochará em nossa mocidade aquêlê sentimento de estima, apêgo e afeição, que é um

traço tão belo dos católicos de Holanda, Inglaterra e de outros países, e que, infelizmente, muitas vêzes falta entre nós.

Lê, por exemplo, com que veneração fala de seu sacerdote, o cacique Raposo Velho, dos índios católicos Cheyenner: "No território dos Cheyennes existe uma montanha mais elevada do que as demais. Todos os índios a conhecem, e nossos antepassados também a conheciam. Quando éramos crianças, brincávamos e corríamos à roda dela. Enquanto a enxergávamos não havia receio de errarmos o caminho. Crescidos, caçávamos o búfalo e o cervo, sem nos preocupar com a direção tomada pela caça; nosso único cuidado era não perder de vista o monte. Sabíamos que era nosso guia mais seguro, sempre consciente de sua tarefa. Tornados homens, combatemos os Sioux e os "rostos pálidos"; perseguíamos o inimigo por paus e por pedras, e no percurso não temíamos perder-nos, enquanto víamos o monte amigo. *Esta montanha é nosso "veste negra", nosso padre.* Seu coração, como o rochedo, não vacila. Diz-nos sempre a verdade. Estamos seguros de nosso caminho, porquanto ele nos conduz. Ele é a montanha que nos conduz a Deus..."

Agora lança um olhar ao seguinte fragmento do "diário dum jovem, e vê o que representa um guia espiritual em tua vida.

DO DIÁRIO DUM GINASIANO

Grande novidade na classe: temos um novo padre regente. O antigo já era velho e foi aposentado. Era um ancião bondoso, mas não o víamos

muitas vêzes; fora da aula nunca. Por isso não posso dizer muita coisa dêle.

Estou curioso por ver como será o novo. E' ainda jovem, talvez tenha uns 26 ou 28 anos. Hoje já tivemos aula de religião. Êle é muito severo. Não se pode conversar.

No recreio êle ouviu que eu dizia ao Oliveira: "Isso é mentira!" Chamou-me e disse: "Olha, meu caro, não fica bem falar assim. Podes amenizar tua afirmação desagradável, dizendo por exemplo: Parece que você está enganado! — E assim as relações serão muito mais cortezes".

Esplêndido! Já o "mentira" constitui uma falta! Que dirá êle, quando ouvir quão corrente é, entre nós, o "burro" ou o "estúpido"?! Depois todo o resto! Mas não o quero fazer de novo. Ontem já me sai bem da prova: Com grande esforço eu tinha trazido a bola diante do "goal" contrário. A área estava livre. Ia dar o tiro, quando o Juca, nosso extrema, me cai diante dos pés. Que pêso! O arqueiro, naturalmente, com um pulo apoderou-se da bola e nosso tento foi-se às favas. Quando quis mimosear o Juquinha com o merecido "burro", lembrei-me da advertência do padre. Na minha cólera disse-lhe apenas: "Também você é dêsses sêres de que se deveria tomar a impressão nasal!" (E' que eu tinha lido, que na América, verificaram que as linhas do nariz dos bovinos se distinguem do mesmo modo como as linhas das mãos humanas. Em consequência, em vez de imprimir cruelmente, com ferro em brasa, as iniciais do proprietário, toma-se uma impressão nasal da rez). Mais tarde tive vergonha: também isso não devia ter dito. Por felicidade, o Juca não o compreendeu.

Hoje estive pela primeira vez com nosso mestre de religião. Eu sentia que aquilo ia ser um encontro decisivo.

Foi assim: Em casa houve de novo, hoje à tarde, uma “cena”. Minha mãe estava na cozinha e papai não voltara ainda do serviço. A Julinha e o Paulo brigavam e gritavam. Quando o barulho me pareceu demais, gritei ainda mais alto, que calassem a bôca. E em vez dêles, fui eu repreendido.

“Pois é, você não se importa com seus irmãos. Para você, êles não precisavam existir; você se enterra sòmente nos livros ou vive fazendo artes”.

“Mas mamãe, sempre levo a culpa, quando os pequenos são insuportáveis!”

“Nenhum “mas” — cale-se! — Ainda responde?” e já uma bofetada me ardia na face. Sim, uma bofetada; para que negar? Então eu disse uma coisa bem brutal, já não sei mais o que, e saí de casa.

Não aturo isto por mais tempo. Fugi. Em casa ninguém me compreende. Meu pai não tem tempo para mim, mamãe me considera ainda uma criança e me trata, a mim, o ginasião, como se frequentasse ainda a escola primária.

Uma inominável amargura fervia em mim. Ao vaguear pelas ruas, lembrei-me das palavras do nosso padre: “E agora, meus rapazes, se acontecer que alguma coisa lhes oprima o coração, procurem-me confiante”. Ora, acho que tenho bastante a oprimir-me! Bem, quero experimentar.

Encontrei-o no meio de uma multidão de livros, quando êle respondeu amável “entre” às pancadas tímidas na porta. Mandou-me sentar junto dêle, à secretária. A princípio, eu olhava enver-

gonhado para o chão. Mas, êle me animou, tomei coragem e abri-lhe meu coração dolorido.

“Olha, amigo, você já é um rapaz crescido. Quisera falar bem francamente sôbre o assunto. Pensa você ser por acaso, que é o único a quem sucede tal coisa? Ouço, no entanto, da maioria dos rapazes um pouco mais idosos a mesma queixa: ninguém os compreende em casa; há meses que são como estranhos na família”.

Sentia que dessas palavras emanava um fluído calmante.

“Bem, meu caro, acontece a seus pais como à maioria dos adultos: há muito que esqueceram que também êles foram adolescentes; já não se lembram das tempestades e extravagâncias que ocorrem a todo jovem dos 14 aos 18 anos. Os ideais de adolescente os deixam indiferentes; os cuidados cotidianos os absorvem totalmente, enquanto que a você não preocupam ainda. E’, pois, manifesto que não é má vontade se não tiverem sempre a compreensão apropriada para com você”.

“E que você, não brinca bastante com os irmãozinhos? Experimente brincar com êles! Cabra-cega? Esconde-esconde? — Eu, o terceiranista? — pergunta você indeciso. Bem, bem, nada receie; tente descer até êles! Nada sofrerá sua autoridade; e assim você alivia seus pais de mais um cuidado. O que a você parece frieza, não é senão a seriedade da vida que os domina”.

Enquanto escutava, sentia sumir-se meu azedume e me sossegava. Nunca considerara meus pais sob êsse aspeto. Uma coisa ainda me doía. Queria dizer, mas não foi preciso. Em meus olhos êle leu, que ainda havia alguma coisa que me magoava.

“Ah! sim, você quer dizer ainda uma coisa. A bofetada! Não é verdade, meu caro, a bofetada? Com isso já não se educa um terceiranista! Você tem razão. Mas escute! Se você aprender a portar-se mais serenamente, se souber conter-se, também isso não acontecerá mais. Domine-se de tal modo que não seja grosseiro, embora tenha de suportar uma injustiça! Quanto mais calmo permanecer e mais pacífico apresentar sua queixa, tanto mais depressa perceberão que foram injustos para com você. Lembre-se do Salvador! Estando êle diante de seu juiz terreno, um soldado bateu-Lhe na face, sem motivo qualquer. Jesus então disse com nobre serenidade: — Se falei mal, diz-me em que; se, porém, falei bem, porque me bates?”

Eu mal ouvia o que o padre ainda falava. Sentia que doravante eu saberia refrear-me melhor. Contudo, uma vez que estou agora aqui, vou confiar-lhe minha maior pena. Eu mesmo não sei onde fui buscar a coragem. No início da palestra não teria ousado.

“Com licença, padre, eu teria coisa bem séria para dizer-lhe. Alguma coisa muito mais grave do que o que aconteceu. Posso falar?”

“Que é, meu rapaz? Ânimo!”

“Pois é o seguinte: Um dia dêstes tive um encontro interessante com o Oliveira. Conversamos muito tempo. Agora começo a compreender o coitado, e à medida que vou conhecendo as condições de sua família tenho pena dêle. Da última vez vi que estava lendo um romance durante a missa. Isso me revoltou! Afinal de contas, também as brincadeiras têm seus limites! Já era falta de brio. No caminho para casa eu lhe disse.

— Ora não me amole, não quero saber de religião, respondeu com sorriso zombeteiro.

E como visse que eu me horrorizava, êle disse mais comedido: --- Sabe, há algumas semanas, meu pai me chamou uma noite. Era meu 16.º aniversário (o pai dêle é deputado socialista). — “Meu filho, você já tem bastante juízo para que eu possa falar-lhe uma palavra séria. De há muito você sabe que não é o papai Noel que traz presentes às crianças. São histórias inventadas para levar os pequenos ao bom comportamento. Tais lendas são belas e boas por algum tempo; contudo, à medida que você ia crescendo, percebeu por si mesmo que não era verdade. Todavia, também às crianças maiores, até mesmo aos adultos ameaça-se com um Deus, condenação eterna ou inferno, procurando conservá-los honrados. Não é o que o professor de religião ensina a vocês, e vocês precisam escutá-lo?” — Mas, padre, o senhor não fica zangado, se lhe conto isto? perguntei com repentina apreensão”.

“Não, meu rapaz, fale francamente”.

— “Agora, porém, você já tem idade para ver claro, e saber que isso são unicamente histórias, imaginadas a fim de dominar as crianças grandes. Hoje em dia não precisamos de igrejas, mas de fábricas e escolas! Cristo, Deus, Igreja, religião... tudo invenções, por algum tempo bonitas; mas você já está grande demais para acreditar nessas coisas. Por certo tempo achamo-las agradáveis, mas definham, quando colocadas par a par com as figuras e façanhas da história, ao lado das realizações de Cesar, Napoleão, Marx, Lenine. E depois êsses padres! São homens com defeitos iguais aos

outros. Nem um pouco melhores do que Judas. Eles próprios não praticam o que pregam!”

— “No primeiro momento eu olhei desconcertado para papai”, — disse o Oliveira. — “Ele notou minha perturbação e continuou:

“Ora, não precisa olhar assim assustado, como se tivesse acontecido uma desgraça. E’ a pura verdade e é preciso conhecê-la. No mundo tudo é matéria, tudo acaba, alma não existe...”

— “Por que negar? continuou o Oliveira. A estas palavras senti um abalo no coração. Bem sabe você que o edificio de minha fé nunca teve base sólida; agora, porém, ruiu por completo. Meu pai não mente e também agora ele falou a verdade. Porisso, desde aquêl tempo leio romances durante a missa de vocês (a palavra “vocês” vinha estranhamente acentuada) e já ultrapassei a idade de crer em Deus, alma, céu e inferno. Quero minha felicidade neste mundo; não quero esperar para depois da morte... Além-túmulo? ah! ah! ah!”

Aquí riu mais uma vez tão sobranceiro, e, naquele aspeto de ginásiano, tão chocante, que me revoltou a alma. No primeiro instante tive vertigens. Nem sei dizer o que foi que atuou de tal modo sobre mim. Não creio que ele tenha razão. Sabia-o e estava convencido de que nossa religião era a verdade, que tudo era, como eu o aprendera. Apesar disso ecoava em mim uma voz chocarreira: E’ tudo invenção. Jesus, Deus, vida eterna. Fábulas, só fábulas.

Fiquei horrorizado com êsse pensamento. Tinha que dizer alguma coisa.

— “Como pode você papaguear tanto disparate?” falei.

— Meu pai que disse. Acredito no que êle diz. Não mente”.

— “Então mente o professor de religião?” continuei, mas estremei às minhas próprias palavras.

— “Não, também não mente (nem o Oliveira ousava afirmar o contrário). E’ que êle nos considera ainda como crianças, embora sejamos adolescentes”.

— “Mas olhe como êle vive. Êle crê o que nos ensina; pratica primeiro o que de nós exige”.

— “Não sei”, respondeu êle e encolheu os ombros.

Não o nego, essa conversa me transtornou. Em casa, depois do almoço, sentei-me no jardim e refleti sôbre o caso. Pela primeira vez na vida pensei sôbre a questão: Por que creio? No fim de contas, não tem razão o pai do Oliveira? E tantas pessoas que não se importam de Deus, de fé e alma? Até meu tio, engenheiro da fábrica de máquinas, trabalha conscienciosamente, da manhã até a noite, na igreja porém nunca o vi. Meu pai também trabalha muito; no entanto, não sei se foi alguma vez confessar-se. Muitos, é verdade, não negam abertamente a religião, mas vivem em contradição com ela.

Não é, padre, o senhor não me quer mal, por eu contar tudo isso tão francamente. Fiquei estonteado, quando êsses pensamentos me caíram na alma como cacetadas. Todo o edificio de minha fé infantil estremeia e, ameaçava ruína. Não queria ceder: Não, não, êles não têm razão. As dúvidas, no entanto, voltavam. O suor inundava-me a fronte. E agora estou aqui. O senhor não fica zangado, não é?”

“Escute, meu caro, respondeu o padre: de forma alguma fico surpreendido dessas lutas de alma. A sua fé infantil evolui para fé juvenil e isso não se opera sem algum abalo. A você, por exemplo, agora atormenta essa triste questão. Quando o Oliveira fala contra a religião, êle acredita no pai, um coitado, um náufrago na fé. Mas a quem você dá crédito, você que é bom? Ao divino Salvador. Tudo depende disto: Quem foi Jesus? O que foi Êle? Um homem ilustre? Um profeta? Um homem bondoso e sábio? Não, não! Isso tudo não basta! Suas obras, sua vida, seu caráter exigem mais. Leia o evangelho e estude seu caráter e por si mesmo você verá o que a Igreja ensina sobre Jesus. Êle não podia ser apenas homem, mas sim Deus que assumiu um corpo humano.

Se você tiver esta fé, está tudo em ordem. Se não deixar vingar nem sombra de dúvida a êsse respeito, nunca mais terá dificuldades acêrca de tudo o mais: Igreja, confissão, vida eterna, céu, missa, condenação, etc. Tudo gira em tôrno da pergunta: que representa Jesus Cristo para mim? E’ meu Deus, meu Salvador que me dá vida, me ilumina, é meu exemplo, é Êle que me protege na tentação, me assiste nas penúrias e me anima para o bem!”

“Sim”, retorqui, “sei que tudo é assim (agora podia dizê-lo, porque estava de novo às claras); que devo entretanto, pensar da Igreja? O pai do Oliveira diz que não é mais necessária hoje, que precisamos antes de fábricas e de escolas”.

“Sim, também fábricas e escolas. O que vale, no entanto, uma civilização material sem cultura

espiritual? Os maiores malfeitores são recrutados nas fileiras de pessoas cultas, mas descrentes.

Muito embora não houvesse outra prova da fundação da Igreja por Jesus Cristo, bastaria o fato de ela existir ainda hoje. Sofreu perseguições de tãda a sorte, rechaçou vitoriosa ataques sem conta! Além disso, nos 200 anos de sua existência fêz um bem imensamente grande, e soube prender a si as almas de milhões e mais milhões de homens.

Olhe para a história: Quanta bênção trouxe a Igreja Católica à humanidade, primeiro no campo material, mas sobretudo quanto aos benefícios espirituais? Verdade é que você não tem ainda grande experiência: passe, porém a vista pelo mundo: Poderá encontrar sôbre a terra alguém que, de longe embora, se tenha preocupado, como a Igreja, com a alma humana, com a verdadeira educação e o enobrecimento do homem, com o refreamento das paixões, etc.? Por tãda a parte vê-se unicamente a caça ao ouro e o império das paixões desenfreadas!

E depois, meu caro, pense em si mesmo; quem neste mundo materialista de hoje, o admoesta que você também tem uma alma imortal e que há bens mais preciosos do que ouro e prazeres; quem o faz? Ninguém: apenas a sua religião, sua fé, sua Igreja. Para muitos, infelizmente, são baldados os seus esforços. Uma vez porém que se cerrassem tãdas as igrejas, que emudecessem os sons do órgão da missa dominical, que fôsse abolida a confissão, não houvesse mais sacerdotes para ensinar a doutrina às crianças, numa palavra: se a Igreja sucumbisse, patentear-se-ia que soma incalculável de bênçãos sua atividade dispensou à humanidade... Reflita, em casa, sôbre tudo isso e você sa-

berá avaliar quão superficial foi o modo de pensar do pai de Oliveira, dizendo poder-se dispensar hoje a Igreja.

Mas o Oliveira falou ainda dos sacerdotes-judas, que não cumprem o que pregam. — Que digo a isso? Infelizmente repetiu-se muitas vêzes, na história bimilenar do cristianismo, o instante mais triste Paixão de Jesus: Entre aquêles que deveriam ser mais semelhantes a Cristo, houve novos judas que renunciaram aos mais sagrados artigos de fé e por miserável infidelidade trairam ao Senhor. Não se pode negá-lo.

Talvez você já tenha ouvido falar dêsses casos, entre os camaradas ou em sociedade. Entretanto, abstenha-se de juízos prematuros e irrefletidos.

Considere que nessas conversas e mexericos não há, muitas vêzes, nem uma palavra de verdade. Pessoas levianas deleitam-se em criticar de preferência os ministros do altar a fim de, com aparente justificação, subtrair-se à sua direção espiritual. Há homens que condenam fàcilmente o próximo e é mui significativo que sejam juizes moralistas mais severos, justamente aquêles, cuja vida é mais irregular.

Mas, apesar de tudo, há em verdade tropeços e quedas lá, onde não deveria haver. No paramento alvo do sacerdote, até a mais leve mancha é logo visível. Se lhe acontecer topar com um caso dêsses, ou se ouvir, em companhia de acatólicos, falar com gôzo especial de sacerdotes que faltaram a suas obrigações, não lhe faça isso vacilar na fé, mas guarde êstes três pensamentos:

Primeiro: Se os inimigos de nossa religião desenterram com tão grande prazer estas coisas tristes e alegam, de preferência, tais casos, isso prova

apenas que são casos raros, exceções, confrontados com a imponente grandeza moral da média geral.

Em segundo lugar convença-se de que, se aqui e ali alguns sacerdotes se revelam indignos de sua alta vocação, ninguém o sente mais do que os ministros de Deus verdadeiramente fiéis a Jesus Cristo, e de que êstes, de boa vontade, sacrificariam tudo a fim de poupar ao Senhor tão tristes escândalos.

Enfim, não se esqueça: onde há homens, também existem fraquezas. “E’ impossível que não haja escândalos; mas aí daquele por quem êles vêm!” são as terríveis palavras de Cristo. E quando estivermos diante d’Êle, para recebermos nossa sentença, realmente, eu não quisera estar no lugar do servo infiel!

Se, portanto, você ouvir êste ou aquêle caso triste e certificar-se que não é conversa leviana, não pense, como fazem os superficiais: — Bem se êste vive e age assim, quanto mais eu poderei viver a meu modo, — mas diga: — O Senhor teve doze apóstolos e mesmo entre êles houve um Judas, que O traiu, vivendo em sua companhia. Logo, se entre os 300.000 sacerdotes de hoje, um ou outro fôr infiel, que farei? Hei de vacilar, por isso, na minha fé? Não! Ao contrário; serei mais fervoroso, a fim de mitigar, quanto estiver nas minhas forças, a tristeza de Jesus. Olha, a Igreja já possui os sacerdotes que recebe das famílias. Quanto mais jovens puros, ideais e inteligentes escolherem a vocação sacerdotal, tanto melhores ministros haverá e tanto mais almas poderá a Igreja salvar.

Naturalmente tenho de falar com você ainda muita coisa acêrca destas questões. Contudo (certamente o estarão esperando em casa. Tome um

livro sobre a origem da Igreja, leve-o. Quando o tiver lido, pode voltar. Agora vá para casa e reflita, como você poderá ser um bom filho!”

Levantei-me. De bom grado teria beijado a mão dêste homem. Mas êle apenas apertou a minha com franqueza...

Chegado a casa, abracei mamãe. Se ela soubesse, quanto mudei nesta tarde!

PER MARIAM AD JESUM

(Por Maria a Jesus)

Em Altötting, na Baviera, santuário de romarias a N. Senhora, estão sepultadas duas grandezas da história: o grande marechal de campo Tilly e o Conde Maximiliano I. Ambos veneravam a Virgem Maria com ardente amor. O epitáfio de Maximiliano diz: “Aqui descansa o coração de Maximiliano I. Em vida pulsou para as maiores façanhas e em amor à SSma. Virgem. Sabe, peregrino, que Maximiliano, mesmo depois da morte, ama a Virgem Maria de todo o seu coração!”

Em verdade! Ser católico e não venerar a SSma. Virgem, são concepções que não combinam. O culto de Maria, a confiança e amor à Mãe de Deus são um dos mais belos traços da piedade católica, e, portanto, também distintivo real dum moço piedoso.

Que representa para nós a SSma. Virgem?

Não a consideramos uma deusa, como os acatólicos se comprazem em acusar-nos, mas como a Mãe do Filho de Deus. Não na adoramos, mas veneramo-la e suplicamos-lhe queira interceder por nós.

A mulher não era honrada no paganismo. Entre os pagãos, não havia cavalheiros. O sublime conceito de cavalheirismo emanou da veneração da Mãe de Deus. O homem olha com veneração e respeito para a mulher, desde que a Virgem Maria reabilitou e elevou todo o sexo feminino.

A alma humana almeja o belo, o nobre, o bom, com o impulso de tôda a sua natureza. Em Maria encontramos tal beleza, que sua santa figura nos atrai irresistivelmente, como a flor apresenta sua corola ao sol vivificante. Quando estamos diante da imagem da Imaculada e mergulhamos nosso olhar em seus olhos claros e profundos, sentimos que nossas mais nobres fôrças dalma rejuvenescem. À vista da Virgem Santíssima, coroada de estrêlas, somos prêsa de um insopitável anseio de tornarmo-nos igualmente puros, mansos e bons.

*Maria, ó meu amor!
Dentro em teu Coração,
Não conheço temor.
E doce viração,
Na dor e no prazer,
Me invade todo o sêr!*

Todavia, não diminuirá a veneração de Maria nosso culto ao Salvador? De forma alguma. Ao contrário: O culto de Jesus e a devoção a Maria se irmanam, pois como poderia eu venerar bem ao Filho sem honrar a Mãe? Bem sabemos que tudo quanto dizemos de bom e belo de Maria, ela o recebeu de Deus e que por ela chegamos ao Filho. *Totus honor impensus Matri, sine dubio redundat in gloriam Filii.*

Daí nosso lema: *Per Mariam ad Jesum!* "Por Maria a Jesus".

TUA MÃE

Quando os norte-americanos ocuparam as Filipinas, deu-se na esquadra uma cena comovedora. A flotilha estava em posição de batalha, diante de Manila. O bombardeamento da cidade devia começar, quando no último momento, caiu ao mar o casaco dum marinheiro da capitânea. O marujo pediu licença de ir buscar a peça de roupa; e como lho recusassem, atirou-se ao mar. Todos julgaram tratar-se dum covarde a fugir do fogo. Mas logo êle subiu de novo a bordo, com o casaco. Isso todavia de nada lhe adiantou; foi encarcerado e, após o combate, condenado pelo tribunal militar a vários anos de prisão.

O general Devey, que pronunciou a sentença, perguntou, depois, ao marinheiro como fôra possível cometer tal insensatez por causa dum farrapo de casaco. O marujo tirou do bôlso uma fotografia, e disse apenas: "Minha mãe!"

No casaco caído ao mar, estava a imagem de sua mãe, e a esta queria salvar a todo custo.

Devey estendeu-lhe a mão, e anulou a sentença dizendo: "Marinheiros que arriscam a vida pela imagem de sua mãe, sacrificam-na também pela pátria!"

Meu filho, em tua alma vive igualmente a imagem de tua Mãe celestial, da SSma. Virgem Maria. Estás disposto a sacrificar-te por ela?

A SSma. Virgem é tua Mãe celestial! Repete-o muitas vêzes a ti mesmo: A Virgem Maria é minha Mãe". Se é minha Mãe, posso dirigir-me a ela em

tôdas as circunstâncias. Sendo minha Mãe, posso abrir-lhe meu coração. Visto que é minha Mãe, posso implorar seu auxilio, embora as tentações já tenham ferido minha alma. Já que é minha Mãe, ela aplicará o bálsamo à minha alma, tantas vezes vencida, que luta já quase desanimada. Se é minha Mãe, ela me olhará bondosamente, com seu meigo olhar, quando me refugiar junto dela, embora manchado de mil pecados. Sendo minha Mãe, ela me ouvirá no tempo da aflição, e me preservará de todo o mal. — Vê, que grandes forças emanam do pensamento, de que Maria SSma. é tua Mãe celestial! Basta que ergas tuas vistas para ela, a Imaculada, e tua alma se sentirá impelida a uma vida pura.

Quando sôbre ti repousa o seu meigo olhar, amaina-se o furacão das paixões, e ante o esplendor de sua face fogem os pensamentos impuros, como os insetos notívagos ante o sol nascente.

Já estiveste alguma vez, à hora do crepúsculo, longe do bulício da cidade, e nalguma elevação solitária, quando ecoa no vale o toque das Ave-Marias? A vibração solene que te passa pelo íntimo é a mais delicada manifestação do culto de Maria. Mas isso é ainda pouco!

Do culto mariano não provém apenas suavidade, se não ainda uma força incalculável na luta contra as tentações. Sempre podemos refugiar-nos debaixo de sua proteção, pois através dos séculos, não se conhece um único caso, em que ela tivesse abandonado a si mesmo, sem consolação, quem a ela tenha recorrido.

Embora se desse o caso de uma ou muitas quedas, a Virgem SSma. não te repudiaria, pois és seu filho. Ela te procura com o olhar repassado de

dor, e sentes então subir-te às faces, as côres da vergonha: “Mãe, como és pura e quão manchado estou eu!” A Mãe de Deus e tua Mãe está triste por tua causa, quando os pecados te pesam na alma. — Poderias suportar êste pensamento?

Já viste chorar tua mãe? — Eis que voltas alegre para casa, a uma hora em que ela não te espera. Entras. — Ai! que quadro: tua mãe, sentada à janela, chora! Apenas te percebe, ela procura disfarçar as lágrimas. Mas já é tarde! Já o viste: tua mãe chorava.

E sentes que é por tua causa que derrama estas lágrimas!

Antigamente tinhas plena confiança nela; desde algum tempo, contudo contudo, já lhe, tens segredos. Dantes tinhas sempre algo a contar, muito embora ela nada perguntasse, agora ficas calado, mesmo quando gostaria de ouvir-te. Já não pertences a tua mãe? Fazes coisas ou tens conversas que ela não deva saber? Em vão procuras escondê-lo! Oh! olhar de mãe! E’ difícil enganá-lo! Tua mãe chora por tua causa!

E poderias suportar que tua Mãe celeste chorasse por ti?

Em 1268 realizava-se em Todi, brilhantíssima festa, em honra dum célebre filho da cidade, o advogado e senador Jacopone. O homenageado levou também sua espôsa, exaltada como rainha do dia. Em dado momento ruiu a tribuna, sepultando seus ocupantes. Todos acorrem para salvar. Jacopone retira sua espôsa meio morta, de entre os escombros. Quer desatar-lhe o cinto mas ela se opõe com tôdas as fôrças. O espôso leva-a para um quarto, onde estão a sós; então abre os vestidos e o que vê!? Debaixo da esplendorosa veste de gala,

esta mulher tinha uma camisa de crina. Agoniante, ela murmura ao marido: “Trazia isto por tua causa!”

Comovente exemplo da delicadeza duma esposa, que em sua piedade vestiu o cilício, a fim de que o feliz êxito do marido não o cegasse!

“Suportei isto por ti”, clama-nos cada lágrima da Mãe de Deus. “Suportei isto por ti”, diz-nos sua face descorada ao pé da cruz.

Portanto, meu filho, não entristeças tua Mãe do céu!

NÃO ME MATES! TENHO MÃE

Durante a Conflagração Européia, num ataque à arma branca, avançava um soldado bávaro, de baioneta calada, contra um oficial francês. No último momento, êste exclamou estremecendo: “Não me mates! Tenho mãe!” O soldado abaixou a arma: era-lhe impossível ferir o inimigo.

Feliz o jovem que, no combate tumultuoso das tentações, pode apelar para a Mãe celestial, à invocação de cujo Nome retrocedem todos os ataques do demônio.

“Ajudai-me, Virgem SSma.!” — clama, toda vez que as tentações te assaltam e verás como ela, que nunca conheceu o pecado, te fortificará na luta.

“Ajudai-me, Virgem SSma.!!!” — reza, sempre que as desgraças, dores, provações te oprimem, e a Mãe de Deus, a Consoladora dos Aflitos, não te abandonará.

Cristóvão Colombo deu o nome de “Santa Maria” à nau capitânea, em que encetou a incerta

viagem de descobrimento, e aportou seguro sob a proteção de Maria. A vida humana também é um oceano, sobre o qual as tempestades são mais temíveis no período da adolescência. Por isso reza com fervor:

*Ave, Maris Stella!
Dei Mater alma,
Atque sempre virgo,
Felix coeli porta!*

Talvez aches estranho o que vou dizer-te agora: O moço que se apega com amor filial à SSma. Virgem, também adiantará nos estudos. Pois, como a “Virgem das Virgens”, a “Mãe Puríssima” protege a pureza de seus filhos, assim a “Sede da Sabedoria”, “Mãe do Bom Conselho” tratará de que seu servo fiel ache alegria no cumprimento do dever. Ora, quem estuda com alegria aprende melhor.

O jovem que está sob a influência da Virgem Puríssima, não se tornará pessimista, nada lhe roubará à vitalidade, a energia, mas a alegria encherá sua vida, pois em verdade: “Quem te acha, encontra vida e pode haurir a felicidade do Senhor” (Prov. 8, 35).

Se freqüentares uma escola ou estiveres numa cidade onde haja uma congregação mariana, não deixes de filiar-te a ela. Verás que a veneração da Virgem Maria é verdadeira escola superior de auto-educação e da formação do caráter.

Muitas flores são-lhe colocadas aos pés. A mais bela dádiva, no entanto, a mais adorável flor é tua alma juvenil, pura, nívea, cuidadosamente resguardada.

Sim, Mãe do Céu: Nós, jovens, todos te seguimos, a fim de que, por ti, cheguemos a Cristo, nosso Salvador.

*Das alturas do empíreo
Entre as luzes celestes,
Escutai nossos rogos
De entre as sombras terrestres...*

*O' Mãe amável!
Incomparável!*

*Virgem sem jaça,
Plena de graça!*

A VERDADEIRA LIBERDADE

A 1.º de agosto celebra-se solenemente, na Suíça, a festa da liberdade. Apenas o crepúsculo se deita sobre a paisagem, cobrindo as serras, vales e lagos, eleva-se de tôdas as tôrres o repique festivo dos sinos. De tôdas as bôcas ressoam canções e dos picos dos gigantes alpinos se erguem labaredas de fogueiras imensas. Que admirável festa da liberdade desta pequena nação!

Jovem, sabes o que seja a verdadeira liberdade? E' a liberdade da alma. E a pior das escravidões? As algemas do pecado.

Se o souberes, compreenderás o valor no maravilhoso tesouro que nossa santa religião nos oferece, reconhecerás o valor do sacramento da libertação, o valor da confissão. O sacramento da penitência é um banho para a alma, um novo nascimento; não existe meio mais eficiente para a séria

correção dos defeitos, para o fortalecimento da vontade, para a educação interior.

Na aula da religião ouviste muita coisa sobre a confissão. Agora reflete tu mesmo que preparação ela exige a fim de tornar-se uma renovação da alma.

No catecismo aprendeste que a primeira parte é o exame de consciência: Em espírito descerás ao íntimo de tua alma e descobrirás, sem condescendência, cada uma das tuas faltas. Por certo já sabes que o conhecimento de si mesmo é o ponto capital, a condição insubstituível de todo progresso espiritual, da formação do caráter.

Os cuidados de cada dia pesam bem fortemente no homem de hoje, já na juventude. O atropêlo da vida moderna, a rapidez incrível do progresso da técnica, alicia até mesmo as almas novas e lhes faz esquecer seu nobre destino, sua predestinação eterna, a verdadeira finalidade da vida. Que grande bênção é pois para a evolução normal que, de vez em quando, nos preciosos momentos de preparação à confissão, faças alto nesse torvelinho da vida e desças da superfície às profundezas das questões sérias, ao exame introspectivo, ao controle de ti mesmo! Podes imaginar momento mais decisivo do que este, da santa solidão do exame de consciência, em que deves responder com sinceridade, se tua vida, obras e palavras corresponderem aos mandamentos de Deus? E dar uma resposta leal! Por de lado tôdas as considerações de amor próprio! Hoje em dia todo o mundo ilude e engana; na confissão, porém, devemos ser intransigentemente sinceros para conosco. O sacramento da penitência torna-te veraz para contigo mesmo, e este é o primeiro passo para a conversão e o

progresso. Este sacramento não permite lançar perfume sôbre podridões ou pó de arroz sôbre manchas repelentes.

Tôda culpa requer expiação. A natureza humana não sossega enquanto não tiver dado alguma satisfação à ordem moral violada. Já nos jogos pagãos, o herói tinha de expiar uma falta cometida. No entanto, a condição primária da expiação é o reconhecimento da culpa e dêsse conhecimento deriva a contrição. Não há momento mais importante do que aquêle em que, depois do exame de consciência, reconhecemos claramente quão insensatos fomos de recalcitrar contra Deus e transgredir seus mandamentos. O instante mais santo é o que forma em nosso coração o grande propósito: Assim não quero continuar: Voltarei para casa de meu Pai e lhe direi: "Pai, pequei contra Vós!"

Tal contrição não entristece sômente, ela também consola. Ela humilha, mas também eleva. Ela tritura, mas soergue igualmente para uma vida nova. Eu quisera tornar não-acontecido o que fiz. Como isto porém não é possível, farei pelo menos o que posso: prometo nunca mais cometer o pecado (firme propósito); confesso que fiz mal (acusação), e quero dar satisfação ao Senhor ofendido.

Então, meu caro, sabes refletir assim séria e raciocinadamente sôbre a confissão? Há jovens que se sentem, ante a confissão, como se lhes deitassem água fria pelas costas. "Brr!" dizem. Que jovens superficiais! Quem terá medo da mão que quer abençoar? Quem evitará o pai que quer repartir a herança? Quem se irritará contra o médico que quer curar nossas chagas?

Todos sentem uma necessidade íntima de comunicar seus sofrimentos e angústias. O saber-nos culpados pesa-nos terrivelmente na alma e nos assusta como um fantasma. Se contudo soubermos vencer nossa aversão e fizermos uma confissão boa, parece que nos retiraram um rochedo de cima do coração; e ao sairmos do confessionário, respiramos felizes o ar puro de Deus. Célebres psicólogos, mesmo não-católicos, que conhecem apenas êste efeito do sacramento, não se cansam de louvar-lhe as qualidades. Horácio, por sua vez, chama insensatos aquêles que, em vez de curarem suas feridas, as encobrem sòmente e assim as tornam piores. *Stultorum incurata pudor malus ulcera celat.*

A COLUNA QUE CANTA

Na planície de Medinet, onde antigamente se situava Tebas, estão duas enormes colunas da arenito, de quase 20 metros de altura, representando reis sentados. Em meados do século II A. C., o faraó Amenhotep III as mandara erigir. Uma das "Colunas de Memnon", como o povo as chamava, ficou fendida por ocasião de um terremoto, no ano 27 A. C., e desde então possui uma qualidade singular. Desde que os primeiros raios do sol matinal atingem a coluna, a pedra, aquecendo-se aos poucos, começa a emitir sons, a tinir: a coluna de Memnon canta.

Uma vida cantante, jubilosa, exultante jorra de tua alma; depois da boa confissão, quando o calor da dileção de Jesus Cristo lança sôbre ti seus primeiros raios, no momento da absolvição. Que

milagre se deu no silêncio do tribunal da penitência? Ninguém o sabe; somente quem experimentou, quanta força nova a alma recebe, como a vontade é revigorada, sabe avaliar bem alto o benefício do sacramento da penitência. A criação do mundo não foi obra tão grandiosa como a ressurreição de uma alma, da morte do pecado.

Ninguém, a não ser Deus e seu representante o sacerdote, ouve o que cicias no confessional. Ninguém mais vê o carmim da vergonha que te invade as faces, ouve o latejar de teu coração arrependido. Ninguém percebe como a torrente da graça se derrama sobre tua alma como sobre uma estepe abrasada, e, num instante, a transforma no reino do Espírito Santo.

O romancista húngaro, Maurício Jókai, que como calvinista fala com pouco respeito das instituições da Igreja Católica, escreve em certa passagem acerca da confissão: "A Igreja Católica possui uma instituição tão grandiosa, tão consoladora, que só isto já bastaria para introduzi-la em todo o orbe, onde há homens com sofrimentos espirituais: é a confissão. João Calvino cometeu um grave erro, quando a aboliu. Ele não conhecia os corações".

São tão maravilhosos os efeitos da penitência, que muito jovem, depois de suas grandes culpas, não ousa acreditar nas magnas transformações que produz na alma. Ele tinha uma mágua bem séria; confessou tudo com sinceridade, mas apesar disso ainda está inquieto: "Será realmente possível? E' Deus tão imensamente misericordioso, que já agora me perdoou tudo, e que posso começar uma vida inteiramente nova, mais pura?"

Mas é mesmo assim! Bem sabes, quão profundamente caiu o apóstolo Pedro: com imprecacões e perjúrios renegou ao Divino Mestre: Jesus porém não escolheu para chefe de sua Igreja ao puro São João ou ao apóstolo Jacó, que rezava incessantemente, mas a Pedro porque chorou seu pecado. Sabes também, que mulher pecaminosa era Maria Madalena, antes que conhecesse a Jesus; mas depois de ter feito penitência, foi digna da distinção de estar debaixo da cruz, com a Mãe de Deus. Terás ouvido que S. Agostinho errou, durante anos, no terrível abismo de heresias e immoralidades; quando no entanto encontrou a Jesus Cristo e com lágrimas se penitenciou dos pecados de sua juventude, tornou-se o mais santo dos sábios e o mais sábio dos santos da Igreja.

Também a ti, meu filho, o Salvador recebe sempre de novo com misericórdia! Não ousas crer que o Senhor tenha perdoado? Não conheces a parábola do filho pródigo? E não ouviste ainda as palavras animadoras de Jesus: "Vinde a mim todos os que estais acabrunhados e oprimidos e eu vos aliviarei" (Mat. 11, 28)?

Sim, Deus, perdoa aos que se arrependem de coração.

CONFESSA-TE DE BOA MENTE

Que é preciso para uma boa confissão? Verdadeira contrição, firme vontade de emendar-se e sincera acusação dos pecados.

Quem quiser uma boa colheita deve, antes de semear o bom grão, retirar as pedras e arrancar, com as raízes, as ervas más.

*Qui serere ingenuum volet agrum.
Liberat arva prius fruticibus,
Falce rubos silicemque resecat,
Ut nova fruge gravis Ceres eat.*

A confissão é exatamente essa limpeza e essa sementeira. “Mas, tantas vêzes já prometi emendar e não o consegui!” Não importa! Não obstante não debes perder a esperança. Quanto mais fortemente um pecado te detiver em suas garras, tanto mais freqüente seja tua confissão. O único meio para tua libertação é a repetida acusação e contrição de tuas faltas, isto é, a freqüente confissão. “Não adiantas, apesar de repetidas confissões?” E o que seria então, se não confessasses? Quanto mais abaixo haverias de mergulhar! Se recusares êste último socorro, serás irremissivelmente escravo dos teus pecados. “Há quanto tempo estou tomando remédios, e ainda assim estou doente!” queixa-se o enfêrmo. E se não os tomasses? Há tempo já estarias morto!

Quero todavia chamar-te a atenção sôbre um ponto: Em confissão, abre teu coração completa e francamente. Aquêles que vai dizendo o mais depressa possível sua lista de pecados e procura um modo de retirar-se rapidamente, não poderá, julgo eu, chegar a gostar da confissão. Aí porém a culpa é tôda sua. Compreenderás também quão leviana e superficialmente pensam os jovens, que procuram um confessor que costuma dizer pouca

coisa (se fôr meio surdo, tanto melhor), que não faz perguntas e dá uma penitência fácil. Como se sente calmo, ao contrário, aquêlê que, depois duma sincera e perfeita confissão, conserva no coração as advertências sérias do confessor e as leva consigo na nova vida! Devias tentá-lo! Experimenta e julga depois! Não devemos julgar de longe, como escreve Goethe dos vitrais coloridos das igrejas:

*Se de fora se olha a igreja,
Tudo ali parece escuro:
O vitral, fôrça é se veja
Num tom sombrio, impuro...*

*Mas se, entrados, contemplarmos
A claridade interior
Já agora é admirarmos:
Tudo é maravilha e côr!*

Como é triste a alguém ter que dizer: “Eu era jovem e estive abandonado a mim mesmo. Era jovem e estava sozinho”. Não, não! Direi assim: “Eu era jovem, saí, mas a mão do Senhor me reergueu”.

Posso compreender muito bem que certo temor da confissão se infiltre no espírito dum aluno: “Que será de mim? O padre me conhece. Que dirá êle ao ver as chagas de minha alma? E’ meu professor de religião e julga que sou, sabe Deus que bom rapaz... E agora verá que não sou mais do que uma pobre criatura que tropeça e peca como todos!”

E’ natural que tais pensamentos atemorizantes possam roubar-te a vontade de confessar. Refiro-me a êles, exatamente para ajudar-te a vencê-los.

A solução mais simples seria que procurasses um outro confessor que não te conhece. Reserva-o, todavia, como recurso extremo, quando de forma alguma puderes vencer o temor. O mais acertado é procurares um confessor que te conhece, que está a par dos mais secretos impulsos de tua alma, sabe das tuas condições de escola e de família, a fim de que êle se abalance a empreender com segurança a mais difícil das tarefas, guiar uma alma.

Experimenta uma vez, meu caro! Sentirás o efeito benéfico da confissão, se escolheres um confessor que te conhece, persistindo com êle, falando-lhe sempre com inteira sinceridade; mas tão sincero e franco como não falarias aos mesmos pais ou a teu mais íntimo amigo.

Pode o doente convalescer, se consultar continuamente outros médicos? E poderá corrigir de fato seus defeitos, o jovem que se dirige cada vez a outro confessor? Imagina que confusão resultaria se, por exemplo, a matemática fôsse ensinada, cada dia, por outro professor. Método, contrôle geral, conhecimento das capacidades do aluno, progresso, — tudo se tornaria impossível. Eis o que acontece com os que procuram sempre outro confessor.

“Mas, que dirá o padre a meus pecados? Até agora foi sempre bom para comigo! Não se afastará agora de mim? Não o entristecerá, chegar a saber que eu, seu favorito, também sou alma vacilante e fraca?”

Certo que não! Lutas? Cais? Bem o sabe teu confessor; sabe perfeitamente que sem pecados maiores ou menores, sem dissonâncias, apenas um privilegiado passará a vida. No pecado está a humilhação, na penitência a reabilitação. Cometeste

pecados? Estás cheio de fraquezas? Também disso podes aprender a tornar-te mais cauteloso! Aprende a servir a Deus mais fielmente, após as quedas. Nas composições dos grandes músicos também se encontram dissonâncias, transformadas depois numa harmonia ainda mais sublime. Toma pois coragem, e ajoelha-te para a confissão! Não posso fazer coisa melhor do que aconselhar-te mais uma vez: Experimenta! Não tenhas receio de confessar com um sacerdote conhecido. Com uma caridade que compreende, êle acolherá tua alma enfêrma, pois no confessionário, ao lado da pessoa conhecida do sacerdote, está Jesus mesmo, que com amor estende as mãos divinas sôbre tua cabeça, curvada pela contrição.

DE OUTRO DIÁRIO

Na próxima semana farei meu exame de licença no ginásio. Hoje à tarde, fiz minha confissão geral com o Revmo. P. Professor. São dez horas da noite, tudo já descansa, só eu não posso dormir. O acontecimento em expectativa me excita e não menos a confissão de hoje.

E' impossível descrever o estado de alma em que me acho.

Alguma coisa rejubila em mim. Alegria e felicidade me enchem! Não se pode narrar, só pode viver-se o que uma confissão geral representa para a alma. Por meia hora estive com o padre. Por que negar? Senti apreensão ao retirar do livrinho o bilhete em que anotara a longa lista dos pecados de minha vida, até o presente. Quantas, oh! quan-

tas faltas menores, transgressões, e infelizmente também pecados mais graves!

Desdobrei minha alma diante dêle, mas com tanta sinceridade, com tanta confiança, como nunca tive para com ninguém, nem para com meu melhor amigo, nem mesmo para com minha mãe. Estamos a dois: o confessor, representante de Jesus Cristo e eu. E eu narrava e contava tudo sinceramente, pois não queria que permanecesse uma única mancha em minha alma. Reuni tôda a minha coragem e afoitamente lia e lia, com voz trêmula; no fim respirei aliviado, pensando que o teto ia desabar.

Apenas acabara eu de dizer “Meu Jesus misericórdia”, já o padre começou a falar, e suas meigas palavras se derramavam sôbre mim como música celeste.

“Que idade você tem, meu filho? Dezoito? Aqui à sua frente está o crucifixo. Olhe para Êle! Assim! Veja. Você trouxe agora seus dezoito anos diante de Jesus. Contou tudo de que poderiam recriminá-lo. Fixe agora seu olhar no do Salvador e pergunte: — Senhor, estais contente comigo? Oh! vejo a repreensão em vosso olhar! Mas, considerai, Senhor, também eu não estive satisfeito comigo mesmo. Por isso é que vim, a fim de dizer-Vos: Dora em diante será diferente! Esquecei meus pecados passados, e então vereis, daqui para o futuro, cada instante Vos pertencerá; nada direi, farei ou pensarei, que possa entristecer-Vos... — Não é, meu filho, você promete isso?”

Assim continuou a falar por algum tempo ainda. Eu, porém, olhava para o crucifixo..., era como se uma suave mão tocasse minha fronte, uma

mão que perdoa, a mão do Salvador — as duas mãos perfuradas, como se as estendesse e me apertasse ao seu coração.

Ao sair da igreja, tudo me girava na cabeça, como se todo o mundo se tivesse transformado. O sol parecia mais claro, os pássaros cantavam mais alegres, a vida me sorria. Um pêso enorme me fôra tirado do coração; respirei livre, como alguém que acordasse dum pesadelo. Estou de novo puro! Pertenço-vos de novo, Senhor! Incrível! Quisera voar, elevar-me! Minha alma está repleta de harmonia e sol. Quão miseráveis e sem graça são tôdas as seduções do pecado, comparadas à minha felicidade, minha alegria de poder olhar, sem temor, para meu Senhor!

Na rua se atropelavam as pessoas, os cuidados da vida cotidiana as oprimiam, por tôda parte ruído e agitação; de tudo isso quase nada eu notava. Voltei para casa abismado em pensamentos. O coração estava transbordante, como se passeasse num campo florido, em manhã de primavera. Jesus está em meu coração! E agora levo-O comigo para casa! Agora apenas me tornei, de fato, um verdadeiro jovem! O que quer que eu toque, aparece-me mais belo do que antes: O Salvador está comigo. Esta certeza enche-me de alegria e felicidade.

Cheguei a casa. Ninguém estava. Sentei-me no jardim, debaixo duma velha nogueira, à beira do tanque. Os pássaros gorgeavam nos arbustos, voavam sôbre a água, mergulhavam as asas e continuavam seu vôo. De longe ouvia-se o ruído dos elétricos; os montes saudavam à distância; confusas me chegavam as pulsações da cidade eu fi-

cava sentado, olhando para a água; os pardais, os cravos a meu lado, o sorridente e alegre raio do sol, como se me fôsem aparentados, todos olhavam para mim e murmuravam: “Vêde como o rapaz está contente!”

O explorador polar Nansen relata de uma das suas expedições ao polo norte: “Naquele frio mordaz alimentávamos a lâmpada com azeite de foca e o que sobrava dêsse meio de iluminação, devorávamos com apetite. No mortífero reino dos gêlos, sabia-nos muito bem essa iguaria”. Quando porém de volta à Europa e à vida normal da gente, pôde de novo saborear uma verdadeira refeição, levou as mãos à cabeça e exclamou: “Santo Deus! Como pude engulir aquela coisa horrível?”

E agora, depois de desembaraçar-me de meus tristes erros passados, depois de conseguir reerguer-me e acordar do torpor da morte para uma vida nova, tive uma sensação semelhante: Deus do Céu! Como podia eu ser tão cego que me apetece-se a iguaria horripilante do pecado! Agora que sinto como é bom ser limpo de coração!

Tomei a biografia do conde Széchényi. Há quatro meses que comecei a lê-la. E, coincidência interessante, exatamente hoje atingi o seguinte parágrafo:

No ano de 1819 estive o conde Széchényi na Itália. Em Catânia fêz sua confissão pascoal e em seguida foi banhar-se no mar e por pouco não se afogou. Em seu diário escreve: “O mar estava mui agitado. Uma onda enorme atirou-me de encontro a um rochedo com violência tal que quase perdi os sentidos. Ninguém nas imediações. Tentei aproximar-me das docas do pôrto, mas as vagas me jogaram tão violentamente contra a rocha, que me

teria despedaçado a cabeça, se não estendesse as mãos. De novo arrastado mar a dentro, vi claramente a morte diante dos olhos. Todavia, o ter-me pouco antes reconciliado com Deus, com completo desprendimento e sinceridade, enchia-me de consolação. Aqui pois tens de morrer; mas achei ser uma covardia, entregar-me tão de pronto. Ganhei de novo a presença de espírito. Com o máximo esforço afastei-me dos perigosos recifes, ganhei o mar, onde estava fora de perigo e pude alcançar o barco de salvamento. Muitas vêzes já estive em perigo de vida, mas nunca teria morrido tão calmo e feliz...”

Pus de lado o livro e refleti sôbre o que lera. Vêde, Senhor, quantas vêzes caí, disse comigo. Não foi porém por malícia. Vós bem o sabeis; minha vontade era fraca. Para o futuro, Senhor, sêde Vós minha fortaleza! Meu rochedo a que possa agarrar-me, nas ondas furiosas da vida. Meu repouso no cansaço. Minha fonte de energia no combate. Minha reabilitação depois da queda. E depois da batalha da vida, meu galardão eterno... Eu estava feliz, como nunca o estivera...

O SANGUE DE CRISTO, FONTE DE VIDA

Nas costas rochosas dos fjords noruegueses, um navio estava sendo joguete desarvorado de temível tempestade. Muito tempo lutou contra a procela que se desencadeava com furor crescente, até que as vagas amontoadas o arremessaram sôbre um recife traiçoeiro. Os habitantes do litoral presenciavam a pavorosa luta; durante oito dias, no entanto, ninguém pôde pensar em salvamento.

No oitavo dia amainou a tempestade, os barcos foram postos ao mar e rumaram para o navio naufragado. Inútil! Nada mais havia para salvar. Mas, eis acolá. Sôbre uma proeminência dum rochedo jazia uma mãe com seu filhinho. A mãe estava morta, o filho, porém, vivia! Estava plácidamente deitado ao seio da mãe. Depois do naufrágio, mãe e filho foram arrojados, pela resaca, sôbre aquêle rochedo; do mar estavam salvos, contudo, outra sorte terrível os esperava: a morte pela fome. Sentindo aproximar-se seu fim, a mãe pensava unicamente em seu filho: que será dêle se eu morrer? O amor materno é incrivelmente engenhoso; como uma lasca cortante de pedra ela abriu seu peito de mãe e com seu sangue alimentou o filhinho, a fim de que êle não perecesse antes que viesse socorro, depois de acalmados os elementos.

A vida é muitas vêzes comparada ao oceano revôlto. Armam-se temíveis borrascas, recifes traiçoeiros nos espreitam no caminho, fome espiritual ameaça matar-nos; eis porém Jesus abre seu próprio coração e nos alimenta com seu sangue sacratíssimo, fortifica-nos em tôdas as lutas. Esta é a sublime significação e o valor da S. Comunhão para a alma, a lutar contra as tempestades das tentações.

Infelizmente há muitos jovens que não compreendem a verdade incontestável que a Comunhão é a maior, a mais lídima fonte de uma vida pura. A seus olhos ela é apenas um apêndice da confissão, sua última parte.

Em primeiro lugar ganhamos fôrça na Mesa Eucarística. E para que necessitamos de fôrça?

Para a grande batalha da alma. O fado do homem é o serviço militar na terra. Uma peleja contínua referve em nós. Quem é que ainda não sentiu a trágica desordem da vida humana; vemos o bem, queremos praticá-lo, mas nossa natureza inclinada ao mal impele-nos para êste!

O que causa maiores cuidados ao comandante em chefe é o aprovisionamento do exército. Com soldados famintos não se alcançam vitórias. Pois bem, meu jovem, quisera despertar em ti a convicção de que a energia para tua vida heróica e a fonte da vitória está no Sacramento do Altar.

A Eucarística é o Sacramento da Vitória.

Já leste, como os russos conquistaram, na guerra mundial de 1914, a grande fortaleza de Przemysl? Muito simples: redu ziram-na pela fome. Apesar de ser defendida por valorosos soldados húngaros, munida de potentes canhões e provida de enorme quantidade de munição, pois também as tórres blindadas estavam incólumes, de nada lhes vale. A provisão de bôca lhes faltou e a heróica, mas esfaimada e desfalecida guarnição, teve de render-se.

Também a fortaleza de nossa alma é assediada pelo inimigo e muita capitulação moral tem sua causa na fome, no desfalecimento espiritual. Será para admirar, que uma alma desfaleça e não possa oferecer resistência ao assalto das tentações, se não receber sua alimentação regular?

E sabes, qual é o alimento principal da alma? “Eu sou o Pão vivo, que desceu do céu. Quem comer dêste pão, viverá eternamente. E o pão que eu lhe darei é minha carne” (João 6, 51, 52).

Escuta o poeta:

.

O PÃO VIVO

I

*Ele olhou para mim
Com olhar profundo de eternidade
Que tudo sabe:
"Sou Pão, sou Alimento,
Sem mim,
Desfalecerás".*

II

*Quando Ele olhou pra mim,
No profundo da minha alma
Como um instinto,
Um clamor gritou:
"Dá-me êsse Pão!"
Mas eu fugi c'os outros,
Comi terra
E a chamei — vida...*

III

*Minha alma não se calou em mim,
E chorou, chorou,
Por mais que a sufocasse,
E lhe trouxesse.
Dos manjares mais finos...*

IV

*Ora ela suplicava
Como criança que implora,
Ora ela rugia
Como furacão que devora...
Chamava-me assassino,
Queria o Pão!
E forçou-me a voltar...*

V

*"Senhor Jesus,
Vós acertastes!
Eu morrerei, sem Vós,
De fome e de tortura...
Vós sois o Pão.
Eis-me de volta!"*

VI

*Ele olhou de novo pra mim,
Com o olhar profundo de eternidade,
E, num silêncio meigo,
Partiu o Pão.*

(FRITZ FILIPI)

Jovem, queres sair vencedor na luta contra as tentações? Não esqueças as palavras do Salvador e não permitas que a fome enfraqueça tua alma.

Lê atentamente os ensinamentos do Senhor que não dão margem a dúvidas: "Se comerdes minha carne e beberdes meu sangue, tereis a vida

em vós” (João 6,53) “Quem me comer viverá por mim” (João 6,58). “Quem comer minha carne e beber meu sangue, terá a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia” (João, 55). “Quem comer dêste Pão viverá eternamente” (João 6,59). Palavras encantadoras! Sublimes promessas!

Quando os sarracenos sitiavam a cidadela de Assis e, no entusiasmo da vitória, já escalavam as muralhas, S. Clara tomou o ostensório e apareceu sobre os muros. Do Santíssimo saíam raios ofuscantes, de maneira que os assaltantes, tomados de terror pânico, caíam para o fundo. Os atacantes fugiram e o convento de Assis, fortaleza de vida piedosa, ficou libertado.

Toda a alma é uma cidadela assim, uma mansão divina. Onde poderás procurar auxílio, quando os selvagens sarracenos das paixões e tentações impetuosas se assanharem em roda do forte de tua alma, senão no Sacramento do Altar, no Pão dos Fortes?!

COMUNGAR E' VENCER

Acompanha-me em espírito a um espetáculo no circo, nos tempos de Nero; Um punhado de pessoas é trazido ao centro da arena. Anciãos, mães com criancinhas ao colo, formosas donzelas, moços na flor da idade... Em tórno a multidão turbulenta e desapiedada.

Abrem-se as grades e das jaulas sombrias saltam leões esfaimados.

E os cristãos lá no centro? Tremem? Implorem compaixão? Oh, não! Êles oram, cantam, rejubilam como se fôsem a umas núpcias. Maravi-

lha! As feras lançam-se sôbre êles, seus dentes rangem, suas garras despedaçam corpos vivos... e êles? Os olhos estão voltados para o céu e com olhar transfigurado cantam!

Donde tiveram êsses milhares de heróis e heroínas tal fortaleza inconcebível? “Êles eram assíduos ao Partir do Pão (à Comunhão) e perseveravam na oração”, diz dêles a S. Escritura.

A Comunhão levou a Igreja primitiva à vitória, o que acontece ainda hoje.

“Vinde a mim todos os que estais cansados e aflitos e eu vos aliviarei”. Há também aflicção na vida dum jovem? Já lateja também em seu jovem peito um coração angustiado? Oh, quão frequentemente! Tens uma dor, sofres sob os golpes de desgraça? — Vai amiude à Comunhão. Tua alma está doente, queres curar as feridas produzidas pelo pecado? — Vai à Mesa Sagrada. Perturba-te a lembrança de culpas passadas e temes tornar-te de novo seu escravo? — Vai, come o Pão dos Fortes. “Incha-te o veneno do orgulho, escreve S. Cirilo de Jerusalém, recebe êste sacramento, o humilde Pão tornar-te-á humilde. És avarento? Come o Pão Celeste, e o Pão dadivoso tornar-te-á pródigo. Quando soprar em ti o vento deletério da inveja, toma o Pão dos Anjos, êle te encherá de caridade. Se te entregaste à intemperança, come o Corpo e Sangue de Cristo e êste corpo que praticou tanta abnegação te manterá na temperança. Quando a preguiça ou o tédio te assoberbarem e não tiveres vontade nem de rezar nem de praticar o bem, fortifica-te com o Corpo de Cristo e serás animado do espirito do bem e do fervor. Enfim, se a impureza te aliciar, então principalmente to-

ma parte no máximo Sacramento e o puro e santo Cristo te tornará puro e casto”.

Sim, que Jesus esteja contigo e então..., se as tentações te assaltarem, Ele te tomará pela mão; se quiseses pensar em coisas pecaminosas Ele dirigirá teus pensamentos para outra parte; se estiveres para falar em assunto pecaminoso, Ele re-freará tua língua leviana.

Sabes com que palavras eloqüentes recomenda a Comunhão o escritor francês Legouvé: “Meu filho, ouves como a Comunhão é vituperada. Eu vi, porém como uma brilhante esperança se derramava sobre o rosto dos moribundos, quando recebiam a S. Hóstia; vi na igreja, o atrativo que animava as figuras juvenis ao voltarem da Mesa Sagrada; vi mães que, acabrunhadas de sofrimentos, ficaram calmas e pacientes após a Comunhão. O que transfigura assim o rosto dos homens, só pode ser uma coisa sagrada”.

Um aluno de 15 anos de idade começou a sentir dores numa perna. O médico foi chamado e verificou, para maior susto dos pais, cárie óssea. “Aqui não há remédio, devemos amputar-lhe a perna”, diz o médico. “Não, não!” exclama o doente, “prefiro morrer!” Por semanas lhe suplicam; a resposta é sempre a mesma: “Não, não!” Enfim o pai se ajoelha junto ao leito e diz: “Filho, peço-te, se não o quiseses fazer por ti, faze-o por mim!” O menino olha, por instantes, calado, para o pai; depois estende-lhe a mão e diz: “Sim, pai, por amor a ti. E agora, senhor doutor, podeis fazer comigo o que quiserdes”.

Caro jovem, toda a vez que o pecado roer tua alma, pensa em teu Pai Celeste, em teu Salvador, não ajoelhado ante teu leito, mas que por ti pen-

deu da cruz, no Gólgota, e te diz: “Filho, deixa curar-te, se não por teu, seja ao menos por meu amor!” Olha então para a cruz e diz: “Sim, meu Senhor, por amor a vós. Fazei de mim o que quiserdes”. E sabes o que Ele faz? Faz a amputação de teus pecados na confissão, mas não temas, que não doerá. Ele te apresenta uma poção, mas não te aflijas, pois não será amarga, visto que é seu próprio sagrado Corpo e Sangue, com que te cura, a fim de que possas convalescer da doença do pecado e venhas a ser de novo um filho fiel e puro de coração.

Assediam-te muitas tentações? Frequenta a Comunhão! Talvez te tenhas acostumado, no correr dos anos, a um pecado e não podes desvencilhar-te dêles? Sê assíduo à S. Comunhão! Queres progredir no caminho do caráter, tornar-te sempre melhor? Sê comensal costumado da Mesa da Comunhão!

Quantas vêzes?

Quanto mais numerosas forem as lutas de tua alma, quanto mais tempestades se encapelarem em tua vida moça, tanto mais necessitas da mão auxiliadora. S. Carlos Borromeu passou o período dos estudos entre estudantes pervertidos e licenciosos, mas soube permanecer imaculado, mesmo no meio das milhares de tentações da metrópole. Perguntado donde tirara a fôrça para tanto, respondeu: “A Comunhão que recebia todos os domingos e dias santos”.

Cada domingo? Assustas-te disso? “Não, isso não posso, sou indigno!” Certo que és indigno, não somente para comungar todos os domingos, mas de tôda a Comunhão. Nem tu, nem eu, nem homem

algum é digno! Se o Sacramento da Comunhão fôsse uma recompensa, ninguém poderia, com consciência tranqüila, aproximar-se da Mesa Sagrada. No entanto, ela não é um galardão senão "o Pão da Vida", uma fonte maravilhosa de energia, da qual todos podem beber, desde que tenham coração puro.

A Comunhão não é recompensa, mas alimento, forte de energia. Se não tens pecado grave na alma, comunga amiudadas vêzes. E se, durante a semana, tua fantasia excitada molestar-te com imagens atraentes se tiveres de lutar com pensamentos torturantes, pouco importa! Ainda não é motivo para ficar longe da Mesa do Senhor, e não buscar o Pão dos Fortes para novos duros combates. Portanto, não comungarás freqüentemente porque tua alma está em perfeita ordem, mas para que alcances essa ordem.

"Já comunguei tantas vêzes e sempre cai de novo!" será talvez tua queixa. Mas não é culpa do Sacramento. Ele te traz as graças, na proporção de tua preparação; de teus anelos pelo Salvador, da maneira de o receber de tratar com Ele: disso depende o resultado. Quanto mais profundo e vazio estiver o recipiente, mais poderá receber.

Caiste muitas vêzes em pecado. Como seria porém se não tivesses comungado nunca?

E' difícil haver homem mais irascível do que o capitão de mar, Marceau. À menor contradição fervia-lhe o sangue e com o maior esforço apenas conseguia dominar-se. Esforçava-se e comungava todos os dias, mas a ira o arrastava, assim mesmo, freqüentemente. Os marujos falavam, certa vez, que um homem que comungava diàriamente não

devia deixar-se dominar pela ira. O capitão lhes respondeu: “Se eu não comungasse tão amiúde, já vos teria lançado a todos no mar”.

O SENHOR ESTÁ COMIGO!

Depois da Comunhão não vejo e não ouço nada. Fecho o livro de orações, apoio a cabeça na mão, cerro os olhos. O mundo em meu redor desaparece. De tudo me esqueço, em nada mais penso senão em Jesus Cristo e minha alma pobre, trôpega e vacilante.

Agora começo a falar: “Vivo. Mas não sou eu que vivo, é Jesus quem vive em mim. Posso tudo Naquele que me conforta em Jesus Cristo, Senhor! Estais em meu coração e eu desejava pertencer-vos inteiramente. Contudo, quão diferente é a alma do que ela devera ser! Quanto tenho ainda de trabalhar! Até o presente orei apenas superficialmente. Agora porém pulsa vosso santo e amoroso coração aqui em meu coração. Jesus manso e humilde, fazei meu coração semelhante ao vosso! As chamas do vosso santo amor se elevam em minha alma: Amor de Cristo, queimai todos os traços do pecado!”

Com tais pensamentos ou semelhantes, expande tua alma ante o amor de Jesus Cristo que em ti fez sua morada. A S. Comunhão nada pode substituí-la, nem a ciência, nem as artes. “Se não comeres a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”. São estas as palavras do Salvador.

No entanto, não se pode viver honestamente sem Comunhão? Como não? Podem-se cumprir as

obrigações cotidianas para êste mundo, viver a vida dos mediócrees, não porém a vida sobrenatural que alcança a eternidade. Existe uma planta chinesa que produz flores incarnadas, na temperatura média de 20 graus; elevando-se o calor, as flores nascem brancas. Do mesmo modo, o calor da Comunhão freqüente transforma a flor incarnada dos nossos desejos terrenos e humanos, dos nossos pensamentos e ambições, no lírio imaculado da vida sobrenatural.

No cristianismo primitivo sofriam os mártires os mais horríveis tormentos sem pestanejar, — antes, todavia, tinham-se fortalecido com o Corpo de Cristo. A alma da mocidade hodierna está ameaçada, envenenada e contagiada por livros, figuras, teatro, cinema, vitrinas e más companhias: não há, para êles, preventivo, antídoto e remédio senão a comunhão freqüente.

Depois de tudo isso, meu caro jovem, será necessário animar-te mais particularmente para que vás, com alegria e fervor, à Mesa Sagrada? Não apenas no tempo de escola! O moço que faz questão que seu caráter se desenvolva em orientação ideal, o adulto que compreende não poder vencer as tentações senão com o auxlilio de Jesus Cristo, aproveitará a ocasião, o mais assiduamente possível, de unir-se ao Corpo e Sangue de Jesus.

Se em realidade não pudesses comungar, faz pelo menos um ato de desejo do Salvador e reza diante do tabernáculo.

Se teu caminho passar em frente a uma igreja, entra um instante e apresenta teu amor ao Prisioneiro Divino.

Meu Senhor e meu Deus! Estou a vossos pés. Nada sou senão uma alma vacilante a lutar, mas

pertenço a Vós. Ajudai-me para que minha alma se purifique mais e mais, que minha vontade se fortaleça, meu caráter se torne mais rijo. Senhor, ajudai-me a ser bom.

VIDA RETA E NÃO BELAS PALAVRAS

Alexandre Magno tinha um soldado covarde que, por acaso, também se chamava Alexandre. O imperador o chamou e lhe disse: "Amigo, ou mudas de conduta ou mudas de nome". O mesmo se poderia dizer de muito jovem que se diz cristão, mas que, por sua vida, conduta e levandade, envergonha o nome "cristão".

Que vale uma fé a que não corresponde uma vida condigna? Terá valor gabar-se alguém do seu cristianismo, se seu modo de pensar, suas palavras, atos, sua vida enfim, desmentem a religião cristã?

Belas palavras, mas vida indigna! De que valem então as belas frases?

Neste particular tem a sociedade muito a pesar-lhe na consciência. Rabindranath Tagore, o célebre escritor hindu, depois de sua viagem à Europa, teve esta humilhante expressão: "Na minha terra vivem os homens mais moralmente". Poderá haver uma critica mais aniquilante da nossa fé morta do que afirmar que um povo pagão é mais morigerado do que os ocidentais, cristãos de há 2.000 anos? Onde reside o mal? No cristianismo? Não, mas no fato de serem muitos apenas externamente cristãos, sem que sua vida corresponda com a sua religião. Belas palavras apenas.

Na escola “aprendes” a religião, como a matemática, as línguas, a biologia, etc. Se sabes a lição, cumpreste o dever. Se, no entanto, souberes apenas tua religião, ainda não fizeste nada. Não “belas palavras”, mas “vida reta”!

Muitos jovens, infelizmente, não chegam a tanto. Por isso há tão grande número dêles com fraca vontade e fé escassa; esqueceram de tirar, do estudo da religião, desprendimento, vida de sacrifício, vida religiosa.

Além disso, o nome “cristão” está ligado a sérias obrigações. Obriga-nos a uma vida sobrenatural, a que a alma aspire a coisas mais elevadas. “Sêde santos, pois eu sou santo!” (Lev. 11,44) ordena o Senhor. “Sêde perfeitos, como vosso Pai no céu é perfeito” (Mat. 5, 48), diz o Salvador.

Atenção, meu filho, não comprometas o cristianismo! Não envergonhes a Jesus Cristo; não deshonres tua alma! Muita gente é hoje de tal modo absorvida pelos cuidados cotidianos que não tem tempo para mais nada. Também para sua alma falta o tempo. Pobre alma que é como um inseto prêso ao visgo; assim ela está prêsa aos interesses terrenos, ao dinheiro, ao passo que Deus quisera tivesse ela o vôo altaneiro duma águia!

QUE ESCOLHES?

A serviço de quem queres colocar tua fôrça juvenil e animosa?

Uns decênios atrás, a situação era mais obscura e reinava certa incerteza. Hoje dividem-se os espíritos e as idéias. Vemos sempre mais clara-

mente que, na luta gigante da futura história do mundo, haverá apenas dois campos.

De um lado está todo o mundo, o material, os homens sem Deus, mirando fins que a Igreja deve condenar, ou que querem gozar tudo o que uma super-civilização lhes oferece. Aí estão os homens do industrialismo insaciável, que operam com as forças brutais da economia, como se os atingidos por elas não fôsem homens. Há porém igualmente, uma multidão de instintos vandálicos, que se inebria com frases demagógicas, pois quer inverter tôda a ordem do universo.

No outro campo se reúnem os obreiros da cultura humana e do progresso, os defensores do trabalho espiritual, debaixo do símbolo de tôda a cultura e civilização: o signo da Cruz.

Lá, contra Deus; aqui, com Deus.

A que partido te filias?

Que pergunta! Não é?

“Com Deus! Com a cruz! Com o catolicismo!”

Hoje, infelizmente, há muitos “batizados” apenas, mas pouco cristãmente católicos, isto é, que não levam vida realmente religiosa.

No futuro já não deve ser assim! Está iminente o grande encontro da incredulidade e da fé: contra Deus ou com Deus. Não obstante, por nada no mundo eu quisera que fôsses um tristonho e desalentado “carola”. Sê alegre, vivo, mas guarda teus freios! Meu ideal é um jovem que, no caminho da vida, olha sempre as estrêlas, sem contudo cair no valado; um jovem que sabe que tôda a cultura exige primeiro a cultura da alma. Meu ideal é o adulto em cuja vida a religião não é apenas um sentimento de domingo, um acontecimento espiritual, um quadro sem moldura, um termo de festa,

e sim a mais profunda potência que sustenta tôda a sua vida, a embebe e a norteia.

Não é verdade, meu filho, quando fores adulto, também serás um homem que ama sua religião, observa seus mandamentos e é um católico consciente?

E se topasses com a incompreensão ao redor de ti? E se, em teu circulo, não encontrasses um único exemplo de religião que te transmitisse energias? Mesmo que estivesses sòzinho com tua convicção religiosa?

Ainda assim!

Sòzinho? Não! Deus e eu, isso representa o maior poder. E se minha religião fôr atacada, defende-la-ei tanto mais animosamente!

Senhor, quero ser a citara, que haveis de tanger!

Senhor, quero ser o fogo, e vosso amor arderá em mim!

Senhor, quero ser o vaso de cristal, que vossa graça replene!

Senhor, quero ser o espêlho, que retrate a vossa beleza!

Senhor, quero ser o roble, sustentado pelo vosso vigor!

Senhor, quero ser o oceano, cheio de vossa imensidade!

Quando um sorriso de alegria expandir meu rosto, meus lábios exultantes falarão de Vós; se a dor inundar de lágrimas os meus olhos, cada gota há de cair em vossas mãos!

PERMII, SENHOR, QUE EU SEJA SEMPRE E EM TUDO UM VOSSO FILHO PURO, OBEDIENTE E FELIZ!

DAL, SENHOR, QUE EU APRENDA, VIVA E PRATIQUE A VERDADEIRA RELIGIÃO EM MINHA JUVENTUDE!

ÍNDICE

Prefácio	5
A Aranha Insensata	7

PARTE I

JOVEM! GUARDA A TUA FÉ QUEM É O SUPREMO SENHOR!

Abençoada fé!	12
Cesar na Proccla	15
Religião, para que?	17
A Revolução das Árvores	19
Religião! Que tenho eu com isso?	23
Maldição da Impiedade	25
Haverá Felicidade sem Deus?	26
"Abandonar a Deus é Perecer"	29
O Mundo sem Deus	31
Fé Infantil — Fé Juvenil	35
Fé Juvenil — Fé Varonil	37
Quando o Céu se cobrir de Nuvens	43

Dúvidas	44
Os Mendigos de São Martinho	49
A Moral sem Deus	50
O Principal é a Honra	54
A Caricatura da Fé	57
Não posso ser Santo ..	62
Tenho cá as minhas Idéias	65
Entre Lobos	68
Religiosidade Exterior e Interior	71
Religiosidade Varonil	75
A Imagem da Virgem na Floresta	79
Religião e Caráter	85
Escolhe!	89

PARTE II

DEUS E MINHA ALMA AS TRÊS PERGUNTAS DOS BEDUINOS

De Deus para Deus	94
Para que vivo?	96
Alerta!	99
Pecado ou Tentação	101
Deus vê tudo!	103
Qual o Valor de Minha Alma?	108
Que vale isto para a Eternidade?	111
Eternamente	114

"Ainda tenho tempo'"	117
Os Três Guardas	118
"Fernando pensa na Eternidade!"	120
Tudo para a maior glória de Deus	124
O Jejum	127
Orai Irmãos!	129
Costumas Rezar?	130
Só Cinco Minutos	132
Sabes Rezar?	136
A Oração da Manhã e a da Noite	137
Meio Seguro de Fortalecer e Aperfeiçoar a Alma	141
Os Sinos Chamam	142
Ponhamos Ordem no Interior	144
O Guia Espiritual	147
Do Diário dum Ginasião	149
Por Maria, a Jesus	161
Tua Mãe	163
Não me Mates! Tenho Mãe	166
A Verdadeira Liberdade	168
A Coluna que Canta	171
Confessa-te de boa mente	173
De outro Diário	177
O Sangue de Cristo, Fonte de Vida	181
O Pão vivo	184
Comungar é Vencer	186
O Senhor está comigo!	191
Vida reta e não belas Palavras	193
Que escolhes?	194

Reformatado by:

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>